

BOLETIM *de* ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETRAS, ARTES, SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

RIO DE JANEIRO, AGOSTO DE 1938

ANNO VII

N.º 11

ESCREVEM NESTE NUMERO :

ARTHUR COELHO — ARTHUR RAMOS

CLOVIS AMORIM — CORREIA DE SA'

DANILO BASTOS — DANTE COSTA

DOMINGOS RIBEIRO FILHO

DONATELLO GRIECO — EDGAR CAVALHEIRO

IVANNY RIBEIRO — LUCIA MIGUEL PEREIRA

LUCILO VAREJÃO — MARIO BORGES DA FONSECA

MARQUES REBELLO — NORTON DE MATTOS

OLIVEIRA E FRANKLIN — RAUL DE POLILLO

RENATO ALMEIDA — VALDEMAR CAVALCANTE

NESTE NUMERO :

Secções de:

MUSICA e DISCOS

Correspondencia de

LISBOA,
NOVA YORK e PARIS

NESTE NUMERO :

"CONQUISTAS
DO MUNDO"

Paginas de
LUC DURTAİN

"OBSTINAÇÃO"

Conto de
ALBERTO RANGEL



PREÇO PARA TODO O BRASIL : 2\$000



*o livro
do
dia!*

ACABA DE APPARECER
O NOVO VOLUME DE CONTOS DE
Gastão Cruls :

HISTORIA PUXA HISTORIA

Summario:

CONTAS BRABAS — MÃE D'AGUA — ARREPEN-
DIMENTO — MEU SOSIA — CARTA DE OUTRO NAÍPE
A PATATIVA — CIRCUITO DA GAVEA — INICIAÇÃO
O ESPELHO — DO OUTRO LADO — FAUNA EXOTICA
FIM DE VIAGEM



SEQUANA

O MELHOR LIVRO
FRANCEZ DO MEZ

Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que a ARIEL EDITORA LTDA. se tornou representante exclusiva, para todo o Brasil, dessa importante sociedade franceza de edições, de renome universal, SEQUANA.

COMITE' SEQUANA

O Comité Sequana de Paris está constituído por Henry Bordeaux, Joseph Bédier, Paul Valéry, André Champeix, Pierre Benoit, François Mauriac, Abel Bonnard, Léon Berard, Edmond Jaloux, Pol Neveux, Fortunat Strowsky, Tristan Derème, Pierre Lyautey, Henri Massis, André Maurois, Jean-Louis Vaudoyer e Georges Duhamel.

No Brasil o Comité de Honra de Sequana conta com a presidencia de Sua Excellencia o Senhor Marques Lefèvre d'Ormesson, Embaixador de França no Brasil.

E os membros desse Comité são: Annibal Falcão, redactor-chefe d'*O Economista*, director da *Revue Française du Bresil*; Elmano Cardim, Director do *Jornal do Commercio*; Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Miguei Osorio de Almeida, da Academia Brasileira de Letras, ex-reitor da Universidade do Districto Federal; Raul David de Sanson, medico; Rodrigo Octavio Filho, homem de letras, advogado; Senhoras Anna Amelia Carneiro de Mendonça, poetiza, directora da Casa do Estudante do Brasil; Branca Fialho, escriptora; Lucia Miguel Pereira; Lucia Magalhães, inspectora do ensino secundario; Maria Eugenia Celso, poetiza e escriptora; Maria Velloso, escriptora, professora de francez por concurso no Instituto de Educação; Rachel Boher, directora da Bibliotheca Circulante do Rio de Janeiro.

CONDIÇÕES GERAES DE ASSIGNATURAS

As assignaturas são pagas no acto da subscrição

Só são validas as assignaturas INTEIRAMENTE PAGAS:

a) directamente na Séde da Sociedade: Rua Sete de Setembro n.º 162-1.º and., — Rio de Janeiro. b) por cheques, ordens de pagamento, vales postaes, etc., endereçados a ARIEL, EDITORA LTDA. c) CONTRA NOSSOS RECIBOS, em mãos de nossos cobradores, agentes ou correspondentes, devidamente autorizados por escripto por nós.

A assignatura dá direito a receber UM LIVRO POR MEZ, durante 12 mezes seguidos, a partir do mez seguinte ao da assignatura, e nas condições indicadas para cada caso: A, B, C, ou D.

As assignaturas cujos pagamentos forem feitos antes do dia 20 de cada mez, começarão no mez immediato.

Os livros são enviados pelo correio, cuidadosamente acondicionados, ou re-

mettidos, aos endereços indicados pelos assignantes nos seus coupons de assignatura.

Nossos assignantes poderão fazer enviar seus livros ao nosso escriptorio, onde nós os conservaremos á sua disposição.

Em caso de mudança de endereço, avisar POR CARTA REGISTRADA, antes do dia 20 do mez anterior á mudança.

ABONNEMENT A

Tarif N.º 1

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée. — Tirage spécial.

BROCHE', sous couverture papier Japon deux couleurs.

Rs. 160\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT B

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée — Tirage spécial.

RELIE' plein cuir, véritable basane fine rouge, tête et tranches jaspées, titre et fers spéciaux à l'or, tranche-fil et signet soie.

Rs. 300\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

Tarif N.º 1

ABONNEMENT C

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' CUIR LUXE, larges plats. X— Entièrement fait à la main. — Tête et fers spéciaux à l'or. — Couleur: fauve, bleu ou rouge (au choix).

Rs. 380\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT D

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' GRAND LUXE, chagrin fin poli, avec bande, plats toile fine; tête, titre et fers spécial à l'or. Couleur: fauve, bleu, rouge, vert ou gris (au choix).

Rs. 500\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

BULLETIN D'ABONNEMENT

A remplir avec soin et à envoyer par la poste à :

ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro, 162-1.º and. — RIO DE JANEIRO

Je soussigné (NOM).....

ADRESSE.....

VILLE..... ETAT.....

declare souscrire à..... abonnement..... SEQUANA

(Barrer les indications inutiles)

A à 160\$000 broché C à 380\$000 relié cuir luxe fauve, bleu rouge

B à 300\$000 relié plein cuir D à 500\$000 relié grand luxe fauve, bleu, rouge, vert, gris.

aux conditions du tarif SEQUANA N. 1 ci-joint.

Adresse pour l'envoi des livres.....

Je vous envoie ci-joint par chèque, par mandat-postal, par lettre chargée,

p. porteur, la somme de.....\$.....montant de.....abonnement.....

Signature.....

EDIÇÕES "ARIEL"

IMPORTANTE: Os assignantes do BOLETIM DE ARIEL, gosarão de um desconto de 20% sobre o preço destes livros quando os mesmos forem adquiridos directamente no nosso escriptorio, e de 10% quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte.

ENSAIOS

A. da Silva Mello — Problemas do Ensino Medico e de Educação	10\$000
Edson Lins — Historia e Critica da Poesia Brasileira . . .	10\$000
Stendhal — Do Amor (Trad. de Marques Rebello e Corrêa de Sá)	15\$000
Estudos Afro-Brasileiros	12\$000
F. Contreiras Rodrigues — Traços da Economia Social e Politica do Brasil Colonial	12\$000
Paulo Prado — Paulistica — Historia de São Paulo 2ª edição augmentada	6\$000
Agrippino Grieco — Estrangeiros	8\$000
" " — S. Francisco de Assis e a Poesia Christã	8\$000
" " — Evolução da Prosa Brasileira	10\$000
Gilberto Amado — Espirito do nosso Tempo — 2ª ed.	5\$000
" " — Dias e horas de vibração	5\$000
" " — A Dansa Sobre o Abysmo	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — A Vulgarização do Saber	7\$000
V. de Miranda Reis — Ensaio de Synthese Sociologica — 2ª edição augmentada	8\$000
Renato Kehl — Como Escolher um bom Marido — 2ª edição	4\$000
Octavio de Faria — Destino do Socialismo	10\$000
Luc Durtain — Imagens do Brasil e do Pampa — (Trad. de Ronald de Carvalho) 2ª edição	6\$000

ROMANCES E NOVELLAS

Gastão Cruls — Vertigem — 2ª edição	6\$000
Gastão Cruls — A Amazonia Misteriosa — 4ª edição	6\$000
Iago Joé — Bagunça	6\$000
Cornelio Penna — Fronteira	6\$000
Graciliano Ramos — S. Bernardo	6\$000
Lucia Miguel Pereira — Em Surdina	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — Almas Sem Abrigo	7\$000
Flavio de Carvalho — Os Ossos do Mundo	7\$000
Victor Axel — Germana	5\$000

ROMANCES DE AVENTURA

Georges Simenon — O mysterio de um morto	5\$000
" " — O cão amarello	5\$000
" " — Um crime na Hollanda	5\$000

CONTOS

Rodrigo M. F. de Andrade — Velorios	6\$000
Roquette Pinto — Samambaia	6\$000
Marques Rebello — Tres Caminhos	5\$000
Gastão Cruls — Coivara	7\$000

TRADUCÇÕES DE GASTÃO CRULS

René-Albert Guzman — Ciume — 5ª edição	6\$000
J. Kessel — Luxuria — 4.º Milheiro	6\$000
T. S. Matthews — A Caminho da Forca	6\$000

POESIA

D. Milano — Antologia de Poetas Modernos	6\$000
Maria Eugenia Celso — Fantasias e Matutadas	6\$000
Murilo Mendes — Historia do Brasil — Philosophia humoristica	5\$000

COLLECÇÃO "CRIMES CELEBRES"

Evaristo de Moraes — O Caso Pontes Visgueiro	6\$000
Vida e Morte de Maria Lafarge, a envenenadora	5\$000

JURISPRUDENCIA

José Julio Soares — Sociedades Cooperativas -- 4ª edição — br.	15\$000
Trajano de Miranda Valverde — Sociedades Anonimas 1 vo l.— br.	50\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1ª Parte, Vol. I — br.	30\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1ª Parte, Vol. II — br.	25\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 2ª, 3ª e 4ª Parte, Vol. III br.	30\$000

PEDAGOGIA

Baptista de Castro — Vocabulario Tupy-Guarany	7\$000
Celsina de Faria Rocha e Bueno de Andrade — Tests	10\$000

LITTERATURA INFANTIL

Paulo Guanabara — A Origem do Mundo — (1.º vol. da collecção: "Historias do Tio João")	8\$000
--	--------

PEDIATRIA

Dr. Suikire Carneiro — Roteiro das Mães (Alimentação da Creança) — 1.º vol.	6\$000
---	--------

CHIROMANCIA

Arhus Sab. — A mão e Seus Segredos — 3ª edição augmentada	10\$000
---	---------

NARRAÇÕES

Ranulpho Prata — Lampeão	6\$000
------------------------------------	--------

CULINARIA

Maria de Lourdes — Arte de cosinhar (Petiscos e Petisqueiras) — 1.350 receitas — 2ª edição — vol. cart.	14\$000
---	---------

ECONOMIA E FINANÇAS

Kurt V. Eichborn — Ouro ou Dinheiro? e O Enigma do Dinheiro	3\$000
Alfredo Manes — Observações Economicas e Juridicas Sobre o Seguro	10\$000

COLLECTANEA

Boletim de Ariel — Anno I — Out. 1931-Set. 1932 — 1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno II — Out. 1932-Set. 1933 1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno III Out. 1933 — Set. 1934 1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno IV — Out. 1934-Set. 1935 1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno V Out. 1935-Set. 1936 — 1 vol., encad.	45\$000

BOLETIM DE ARIEL

EXPEDIENTE

DIRECTOR:

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE:

Agrippino Grieco

GERENTE:

João Teixeira Soares Neto

SECRETARIO

Donatello Grieco

ASSIGNATURAS

Preços para todo o Brasil e paizes da Convenção Postal Pan Americana:

Simples	18\$000
Registrada	24\$000

EXTERIOR

Simples	22\$000
Registrada	28\$000

Numero avulso	2\$000
Numero atrazado	3\$000

As assignaturas são sempre annuaes e começam a partir de qualquer mez.

Os pedidos de assignatura deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

O BOLETIM DE ARIEL, em sua parte editorial só publica trabalhos ineditos, sendo assegurada a seus collaboradores plena liberdade de pensamento.

Quem quer que transcreva trabalhos apparecidos em suas paginas, na integra ou em excerptos, fará a gentileza de mencionar a procedencia.

Em relação aos livros nacionaes, o BOLETIM DE ARIEL só se occupará dos apparecidos no ultimo trimestre, e, em relação aos estrangeiros, dos publicados nos ultimos 12 mezes.

O BOLETIM DE ARIEL não se occupará duas vezes do mesmo livro, a não ser que se trate de obra de subido valor.

NÃO HA RESTITUIÇÃO DE ORIGINALS

SÃO CORRESPONDENTES DESTA REVISTA

- Na França — *Sra. Picard-Loewy* — Paris
Em Portugal — *Sr. Osorio de Oliveira* — Lisboa
No Rio Grande do Sul — *Sr. Paulo Arinos* — P. Alegre
Em S. Paulo — *Dr. Wladimir Malheiros* — S. Paulo
Em Minas Geraes — *Dr. Guilhermino Cesar* — Bello Horizonte
Em Pernambuco — *Dr. Aderbal Jurema* — Recife
Na Bahia — *Dr. Aydano Couto Ferraz* — Bahia
Em Alagoas — *Dr. Raul Lima* — Maceió
Na Parahyba do Norte — *Dr. Adhemar Vidal* — João Pessoa
No Ceará — *Sr. Affonso Banhos* — Fortaleza
No Pará — *Dr. Gastão Vieira* — Belém
No Amazonas — *Dr. Araujo Lima* — Manáos.

DIRECÇÃO REDACÇÃO, PUBLICIDADE :

ARIEL, EDITORA LIMITADA

Rua 7 de Setembro 162-1º.

Tel. 22-1406 — End. Tel. "Ariel"

RIO DE JANEIRO — BRASIL

VANTAGENS

CONCEDIDAS AOS ASSIGNANTES DO
"BOLETIM DE ARIEL"

CONSULTAS:

O BOLETIM DE ARIEL, attende a qualquer consulta de seus leitores que se prenda ás letras, artes e sciencias. Prestará todas as informações que lhe forem solicitadas sobre a existencia e preço, no mercado do Rio de Janeiro, de livros communs, raros, nacionaes ou estrangeiros.

DESCONTOS:

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20 % sobre os preços dos livros editados por «Ariel, Editora Ltda.», quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo Correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo «EDICÇÕES ARIEL», na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

ENCOMMENDAS DE LIVROS

Encarregamo-nos da compra de qualquer outro livro que não conste das nossas listas. Essas encomendas de livros alheios não gosarão de desconto, sendo executadas ao preço de venda do mercado. As despesas do porte correm por conta do freguez.

«BOLETIM DE ARIEL» ENCADERNADO

Tanto na nossa redacção como nas principaes livrarias desta cidade se encontram volumes bellamente encadernados, reunindo as collecções do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto annos do BOLETIM DE ARIEL, á venda pelo preço de Rs. 40\$000 cada volume. As encomendas do interior serão attendidas sem augmento de porte.

COUPON DE ASSIGNATURA

Junto envio a quantia de Rs.....
para que seja remettida uma assignatura annual do Boletim de Ariel, ao seguinte endereço e a partir do mez de.....

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

Cóрте e envie este coupon a ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro 162 — 1º. — Rio de Janeiro.

N. B. -- A importancia deve ser remettida em carta com valor declarado, vale postal ou cheque bancario.

SERVIÇO DE REEMBOLSO

NO INTUITO DE BEM SERVIR AOS SEUS LEITORES, *BOLETIM DE ARIEL* TEM ORGANIZADO UM INTERESSANTE SERVIÇO DE FORNECIMENTO DE LIVROS PELO SYSTEMA DE ENTREGA DA ENCOMMENDA CONTRA REEMBOLSO.

DAMOS A SEGUIR AOS NOSSOS LEITORES OS ESCLARECIMENTOS NECESSARIOS PARA QUE POSSAM SE UTILIZAR DESSE VANTAJOSO E PRATICO SYSTEMA.

- A — O fornecimento de livros será feito para qualquer localidade do Paiz desde que esta possua o serviço de «vales postaes» em sua Agencia do Correio.
- B — Os livros serão remetidos em qualquer quantidade.
- C — As encommendas poderão ser feitas pelos meios usuaes: carta, telegramma ou por um simples cartão postal, sendo indispensavel apenas que tanto o titulo das obras como o nome e endereço do destinatario sejam escriptos com a maxima clareza.
- D — No acto da encommenda V. S. não precisará remetter-nos importancia alguma. Feita por nós a remessa de sua encommenda, V. S. receberá da Agencia do Correio de sua localidade o aviso da chegada, bastando então que compareça á mesma onde receberá os livros mediante o pagamento da respectiva importancia.
- E — Os livros serão fornecidos pelos preços de capa, sem augmento de especie alguma.
- F — Todas as despesas de embalagem, porte e registro correrão por nossa conta, ficando apenas a cargo do destinatario despesas referentes ao «Serviço de Reembolso» que são mininas. Nas encommendas, entretanto, superiores a Rs. 30\$000, até mesmo estas ultimas despesas correrão por nossa conta.
- G — Afim de que V. S. possa conferir a exactidão da importancia a ser paga ao Correio, seguirá sempre com a encommenda uma factura detalhada onde serão especificados os titulos e preços de cada obra.
- H — Dado o enorme vulto de encommendas que recebemos constantemente de nossos leitores e assignantes, é indispensavel, para o bom andamento de nosso serviço, que V. S. indique em seu pedido que a remessa deverá ser feita pelo «Serviço de Reembolso». Para maior facilidade, damos abaixo um coupon que poderá ser utilizado em taes casos:

À ARIEL EDITORA, LTDA.

R. 7 de Setembro, 162 - 1.º andar - RIO DE JANEIRO

Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO queiram enviar-me os seguintes livros:

.....
.....
.....
.....
.....

(Nome e endereço completo, bem legíveis)

.....
.....
.....



BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO :

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda eis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

DE NOVA YORK

« SWEET HOME »

O lar, a familia, a casa onde vimos decorrer despreocupadamente os dias da nossa infancia, são objectos que nos vivem n'alma, num enternecimento quasi inexplicavel. Só mesmo a poesia, essa divina jandeira de sonhos, sabe dizer dessas coisas na sua linguagem de symbolos eternos...

Home, sweet home! Lar! ó doce lar!...

Quanta delicadeza e sentimento não encerram essas palavras! Os americanos de outros tempos, como nós, brasileiros, que vivemos (ou viviamos) integrados na paisagem nativa, conhecendo as arvores pelos nomes, os passaros pelo canto, os bois e cavallos pelas côres do pelco, amando com ternura montes e valles, rios e regatos; sim, os americanos tinham entranhado n'alma o gosto da vida rural, o cuidado de seus animaes de cria, o azáfama laboriosos das pequenas granjas; ahí é que elles cresceram sob o carinhoso olhar daquellas senhoras de mesa farta, boas cozinheiras, mães de numerosa próle, e de junto dellas se ausentaram esses filhos prodigos, para um dia, suspirosos, expressarem no «home, sweet home» toda a saudade do que perderam...

Será sentimentalismo ou terei razão?

Entre as muitas injustiças que são perpetradas contra os Estados Unidos, só desculpaveis porque os atacantes desconhecem o paiz, ou o conhecem de relance, está aquella, a mais repetida de todas — a de lhes negarem affecto para com as coisas delicadas da existencia.

No entanto, a America, pelo menos a velha America de outros tempos, teve sempre entranhado amor por tudo aquillo que nós — ou qualquer outro povo sentimental — também prezamos e defendemos. E, para prova-o, ahí estão as innumeradas balladas norte-americanas, vertidas em musica da mais enternecida cadencia, de que, proprio a este caso, o «Home, sweet home» de John Payne é um esplendido exemplo.

Mas, não ha negal-o, o bom habito ou a necessidade da vida rural, vae cahindo da moda, e até ha estafermos, envenenados de civilização, que quando se lhes fala em viver no campo, torcem enjoadamente o nariz:

— Sem banho de ducha, sem subway á porta, sem elevador? Qual! Nem me fale!

E' engraçado! Ao ar puro, á luz em jórros, á calma do «sem ruido» preferem elles o ensardinamento das cidades, a vida nas caixas de phosphoros dos apartamentos, que alguem, em optima pilheria, já classificou de «apertamentos»!

Não quer isto dizer que eu seja nenhum misánthropo, acirrado inimigo da vida urbana; o ideal, porém, seria o podermos dividir nossas actividades entre os dois pólos, como fazem os que dispõem de meios. Na verdade, é isso tão desejavel á collectividade, tão scientíficamente necessario ao homem, que Thomas Morus, ao idear a sua civilizadissima Utopia, deu como praticavel a permuta das populações da cidad: para o campo e vice-versa, em periodos determinados por lei, facto que logo se converteu em costume e tradição...

Surgem-me agora estas idéas, lendo o annuncio de uma «fabrica de casas», recentemente montada em New Jersey, a qual, dizem, é a primeira nos Estados Unidos e talvez no mundo.

Adquire-se ou aluga-se o terreno, tomam-se-lhe as medidas, e pede-se a casa á fabrica, pelo telephone, se se quizer:

— Allô! American Homes! Aqui fala Mister Fulano dos Anzóes... Mande-me uma casa de tres dependencias, com cozinha e banheiro, para o terreno tal, de tal e tal tamanho...

— Não quer um quarto, decorado especialmente para as crianças?

— Não; somos um casal sem filhos... Ah, sim: queremos uma casinhóla para o cachorro!

O pedido é feito para ser despachado dentro de tres dias. Preço, \$3.500, em prestações pagaveis do dia da occupação em diante. E, de feito, na data prometida, lá esbarra no sitio indicado o caminhão da fabrica... Baixam os operarios, começam as martelladas, as soldaduras electricas, porque as casas são quasi todas de ferro, e no dia seguinte, pelo ajuste, lá está a arapuca de pé... Engana aos pa-

OS IGARAÚNAS

O sr. Raymundo Moraes, na capa do livro que acaba de publicar, avisa-nos de que pretendeu dois objectivos: escrever um «romance amazonico», e crear um livro que fixasse «costumes paraenses».

Isso deixa-me perfeitamente á vontade para seguir por um dos caminhos. Se eu fosse critico, seguiria o primeiro. E tentaria de examinar a estrutura do romance, o seu significado social ou humano, a sua densidade psychologica (de resto qualidade tão pouco encontradica nos nossos actuaes romances), a sua posição no mappa litterario, a sua significação na obra do autôr. Havia que fazer, emfim, o exame e a classificação do romance. Mas não sou critico. Deixo de lado essas questões, que ficam proprias quando tratadas por um Octavio Tarquinio de Souza, por um Nelson Werneck Sodré, por um Pinheiro de Lemos, por um Jayme de Barros, para falar apenas dos que exercem a critica em nosso meio, ou por um elemento da geração jovem, como o sr. Wilson Louzada, critico do «Dom Casmurro».

Deixo essas questões e fico nos «costumes paraenses».

Aqui estou á vontade, e é preciso dizer que, em tal sentido, o livro do sr. Raymundo Moraes — *Os Igarauínas* — tem um valor significativo e raro.

O livro é realmente delicioso, a côr nativa está em todas as suas paginas, e em todas ellas affirmam-se os dons enormes de observação, de que dispõe o Autôr. Ha uma verdadeira transposição dos usos, costumes e, principalmente, de certas bizarras formas de linguajar paraense, formas que a gente sente vivas, circulando entre as boccas, ganhando os espiritos, aquecendo os corações daquella gente. O livro é vivo. E, depois, existe tambem a constante do ambiente, mas de um ambiente verdadeiro, sem exaggeros e sem falsificações.

tos, com o nome de casa, mas não passa de arapuca!

E' assim que se procura levar o citadino ao campo, restituil-o á vida rural. Entretanto, vê-se que ahí falta alguma coisa, que essa pressa não poderá nunca suplementar — a estabilidade de outróra, em que a casa e a propriedade cresciam com o crescer da familia, e augmentava com o tempo o amor á terra, com suas arvores, seus bichos, suas nevascas de inverno, seus sóes de verão, girando tudo isso em torno de um animismo deliciosamente poetico e salutar.

Ora, além do aspecto adventicio dessa casa pedida pelo telephone, que um pé de vento qualquer poderá levar, ha um erro basico, logo de começo: Madame Fulana não tem crianças, que assegurem a alegria e continuação da familia dos Anzóes; o que tem é um cachorro, que na melhor das hypotheses, só dará outro cachorro...

Não quero ser pessimista, mas, ao que parece, Spengler tinha razão!

ARTHUR COELHO.

Outra coisa não era de esperar do sr. Raymundo Moraes. Filho da terra, viajante da terra, estudioso da terra, elle é um dos brasileiros que mais sabem a Amazonia. Tem a experiencia pessoal. Escutou a voz original. Escuta-a ainda. Varou os rios, os igarapés, os furos que circulam entre arvores virgens, num trabalho que lhe exigia os olhos abertos, a attenção excitada, e que era tambem, de certo modo, uma posse. Poude, portanto, conhecer e amar a Amazonia, porque teve-a pelo conhecimento e possuida pelos sentidos.

O seu livro apresenta, portanto, uma comprehensão perfeita da gente, um conhecimento amplo do processo social. E' um instantaneo da vida de um grupo ribeirinho, um punhado de gente que mora á margem do Rio Tocantins. Imaginem o que é viver á margem do Rio Tocantins. O sr. Raymundo Moraes foi tão fiel que se tem, ás vezes, vontade de affirmar que *Os Igarauínas* são a transposição directa do ambiente, o proprio ambiente visto atravez de uma tela transparente.

O livro é todo calmo, porque veridico. Não ha delirios nem excitações, que só a imaginação fabrica. Os capitulos se desenrolam mansamente, cada um delles fixando um aspecto, um costume. As coisas do bôto, o capitulo do putirum, as perolas, o capitulo do Irapurú, o do Igapó, tantos outros, reflectem scenas veridicas, expõem vidas de uma authenticidade que não se pode pôr em duvida. E' como se tivéssemos ido áquellas povoações pequenas do Tocantins, a Cametá, a Mocajuba, a Baião, onde a avenida principal tem o nome de meu avô, em cuja casa Couto de Magalhães parou algumas vezes, a Igarapé-Mirim, a Limão, a todos aquelles antigos nucleos de população apertada entre a agua do rio e a escuridão da floresta, e, depois, pedissemos á nossa memoria a reconstituição do que viramos. Não teria sido outra coisa que não os verdadeiros costumes paraenses que vêm relatados neste livro...

Eu queria chamar a attenção para este aspecto do livro: a fidelidade, a não falsificação dos «costumes paraenses». Outros, com mais autoridade, classificarão o romance.

DANTE COSTA.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
PAULO DE AZEVEDO & Cia.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

F I L I A E S :

Rua Libero Badaró n. 49
São Paulo

Rua da Bahia n. 1502
Bello Horizonte

DE PARIS

CONQUISTAS DO MUNDO

Nada é tão difficil quanto viver. Ao menos para aquelles que se recusam a uma duração vazia e para quem subsistir não é existir.

Bem comprehendendo que é preciso não exigir demasiado das circumstancias. Seria audacia bem ingenua pretender domal-as... E, de outro lado, confessemos que uma alma obrigada a tudo adquirir por seu proprio esforço permaneceria terrivelmente pobre. Cada um de nós recebe muitos dons que não chamou. Antes de mais nada, a vida: isto é, uma architectura immemorial. O simples jogo dos sentidos acarreta tantos enriquecimentos inevitaveis! Surdos e profundos desassocegos das visceras! Chuva das linhas e das côres! Invasão dos ruidos! humildes e magnificos objectos que se comprimem em todos os porticos da idéa!... Seja! Mas basta respirar, ter os olhos abertos e pensar, de qualquer maneira, para realizar essa obra prima: a pessoa humana?

Essa dignidade, a infancia heroica e genial deixa adivinhar, na conducta que inventa entre o chaos que de todos os lados a ataca. Mais tarde, estarão promptas essas emboscadas, essas ameaças contra as quaes se revoltará a adolescencia. Chega porém a experiencia decisiva, a idade, com seu cortejo de concessões, de fracassos, de successos lamentaveis, de lentidão e de repetições. E sua maneira dissimulada de levantar o espirito e esvasial-o de sua substancia, só deixando de sua actividade irradiante um envoltorio coagulado, a carapaça pela qual se annunciam a velhice e a morte. E' assim que o retrato divino repetido em cada figura de homem se encontra pouco a pouco recoberto por uma especie de «patine» que o mascara. E' preciso o olhar mais penetrante para distinguir essa authenticidade secreta, invencivel, que todos os seres guardam no fundo de si mesmos.

Que atrozess difficuldades! A imagem natural do tempo não é a de um rio que corre e se prolonga, mas a de uma «peau de chagrin» sem cessar contrahida. Cada ser, ao contrario, vê-se soberbamente condemnado a ganhar e a se desdobrar sem tregua, mesmo que não fosse senão para permanecer igual a si mesmo. Porque é tarefa subtil á salvaguarda da mais timida das chammas, encontrar para essa voracidade um alimento sempre renovado. E quando se trata de dilatar? Nesse caso, a propria amplitude proclama a necessidade dos limites; a duração impõe seus sombrios problemas.

Um seculo perfido cumula-nos agora de dons, espreitando, meditando o meio de nos privar de seu uso. A abundancia transforma-se em ameaça; nossos trajectos, libertos das velhas leis terrestres, são detidos por barreiras imprevistas; e, á medida que os sabios inventam novos raios, accumulam-se as trevas, promptas para tudo suffocar. Assim, os mais secretos bens da alma, aquelles que podem ser occultados a todos os olhares, ás inquisições das alfandegas ou das policias, transformar-se-ão sem duvida, aos olhos dos homens, nos unicos bens tranquillizadores, unicos bens solidos e authenticos: aquillo que elles, na verdade, nunca deixaram de ser. Num pla-

neta em que o problema da existencia material se tornaria cada vez mais facil se a tolice, a avidez ou a injustiça não ameaçassem tornal-o insolavel, uma certa qualidade de vida apparece cada vez mais como o unico recurso em que se possa alguém fiar.

Viver, além de tudo aquillo que se accete passivamente. Viver, ao menos por instantes, pela maneira glorificada por estas imagens: a manhã, a primavera, a juventude.

Cada existencia só vale por um pequeno numero de gestos efficazes. Aquelles que alargam seu dominio: que dilatam seu ascendente sobre o mundo externo e o mundo intimo. Além do esforço monotono, que se repete e amontoa, taes gestos trazem-nos ao mesmo tempo nossa verdade, em todo o seu frescor, e a descoberta, sempre a ser refeita, dos eternos titulos de honra do mundo... Elles tendem a nos annexar o cosmico e o humano.

Calcular a serie dessas iniciativas, personifical-as numa serie de obras: um tal projecto não tem com que seduzir um escriptor? Além disso, trazer assim á luz tão pungentes provações não seria tambem esclarecer muitos dos nossos semelhantes? Ha espectaculos capazes de soccorrer o proximo.

Um facto augmenta consideravelmente o alcance destas reflexões. E' que, não sómente individuos, mas conjuntos de homens se esforçam em taes experiencias; e tambem assim o proprio espirito da humanidade.

Poderia, assim, marcar quatro periodos numa obra composta sobre um thema semelhante.

Em primeiro lugar, um prévio reconhecimento de consciencia. Trata-se, inicialmente, de construir o «eu», na incoherencia aggressiva das coisas. Esse esclarecimento será tanto mais significativo se acompanhar o esforço de um espirito jovem para sahir da desordem, e se forem procuradas ao mesmo tempo a technica e a idéa.

Em segundo lugar: collocar o individuo deante das mais notaveis realidades. Transcrever seu impeto para os dados principaes da sociedade e da vida; procurar o que esses dados podem accrescentar ou subtrair ao homem.

Depois — num horizonte mais vasto e completado pela vertical da historia — semelhantes empreendimentos, arriscados pelas nações, pelas raças, pelas civilizações.

Emfim, sobre essas especies de individuos que fórman os povos, interrogar as idéas da humanidade, na conquista desse mundo moral que ella explora perpetuamente.

Taes seriam os pontos de vista em que se collocaria um escriptor que quizesse considerar a franja activa da vida, seguir a derradeira orla da onda...

Não é preciso dizer que essas quatro especies de testemunhos, por mais differentes que sejam, dizem respeito ao mesmo universo, ao mesmo «eu». Entram em choque inevitavelmente. Dahi, na construcção destinada a abrigal-as, ser necessaria uma architectura menos nitida do que parece, pelo que foi dito. De feito que parecerá minimo se se pensar nas immensas lacunas que por força deverá deixar a realização

de um projecto tão extenso. Assim, não é possível imaginar o resultado senão como um acervo de illusões ou, se se quizer confessar tudo com uma palavra brutal, como uma amostra.

Seria, aliás, ocioso, procurar a parte de theoria, de «caso pensado», que póde existir no inicio de um emprehendimento dessa natureza. Uma obra de conjunto ganhará em ser composta segundo um plano prévio (o que melhor responde ás exigencias do pensamento)? Ou surge mais solida quando nasce de modo quasi involuntario, sem que ao inicio o autor perceba isso (o que, talvez, melhor a mostre directamente ao mundo)? Ha exemplos altos de uma e de outra maneira; Balzac começou a *Comedia Humana* sem ter a idéa de um tal agrupamento; Tolstoi, na *Guerra e Paz* seguiu um plano fixado de uma vez só.

Em nossos dias, o homem caminha entre acontecimentos cada vez mais multiplos, cada vez mais accelerados e difficeis de decifrar.

A massa agitada e movediça dos factos irresistivelmente arrasta seus passos. Elle distingue no horizonte esforços ou catastrophes por igual immensas, que se mostram em continentes inteiros, ou despedaçam os quadros da sociedade e da sciencia. Enormidades surgidas, não mais lentamente, e pouco a pouco, como era o honesto costume da historia; mas subitas, instantaneas e como que irrompendo de outras tantas deflagrações. O conhecimento, além do mais, torna-se tanto mais incommodo quanto menos simples são essas enormidades e quanto mais formigam em precisões minuciosas e contradictorias. Como, então, evitar o espanto deante da consciencia que se tornou como que um jornal quotidiano, á americana, cujas *manchettes* apostropham, prendem o olhar, e é no emtanto, posto de lado pelo desanimo causado pelo numero e pela densidade das paginas? Assim nosso pensamento sente cada vez mais uma necessidade de classificação, nessa miseravel amplitude. Ella procura, como sempre, uma disciplina. E, quando se dirige á arte, quer obras que, sem perder de vista os detalhes, possam ajudal-a a tudo collocar em seu logar, a tudo explicar, e que teriam um pouco de dictionario, ou melhor, de encyclopedia.

O romance respondeu a esse desejo.

Viu-se e vê-se ainda apparecerem, no estrangeiro e na França, vastos estudos cuja unidade é feita, ora pela plenitude de uma unica memoria de homem, ora por um heroe central, ora por uma familia, ora por uma epoca pintada em personagens irregularmente surgidos e misturados.

Essas obras serão um dia o orgulho de nosso tempo. Ellas não esgottam, no emtanto, o dominio do possível.

E' permittido conceber, unindo um certo numero de romances, um laço menos marcado, mas igualmente umbilical: eixo ideal que seria capaz de supportar obras em apparencia muito diversas... Bem comprehendo a objecção. Alguem me dirá que, em muitos casos, os livros assignados por um mesmo escriptor apresentam entre si uma unidade ao menos vaga; e que seria por vezes facil, remexendo os textos com alguma habilidade, nelles encontrar uma idéa commum, um certo methodo de ordenação... Não. Não

é absolutamente disso que se trata aqui. A estrutura que eu encaro seria nitida por outra maneira... Ora, porque o desenho de um mesmo acto, sob fórmulas diversas, não constituiria uma unidade duravel? Eu falava ha pouco de uma certa attitude do espirito, desse braço estendido para o mundo. Um tal gesto — outros seculos conheceram, com effeito, «canções de gesta» — não poderia hoje, de obra em obra, dar «leit-motiv» a um romancista?

E' bem uma tentativa dessa especie que submetto aos leitores de *Conquistas do Mundo*. Esse conjunto já conta com onze volumes: aos quaes as presentes paginas desejariam servir de chave.

«Série» que tomou toda ella a fórma de romances ou de narrativas (com a excepção, que o leitor verá explicada, desse livro inicial). Ella representa o essencial de um trabalho desenvolvido/durante mais de trinta annos. Minhas outras obras, viagens através das principaes civilizações actuaes, e estudos diversos, são apenas materiaes e notas; a poesia, o theatro, a illustração. Nella se encontrarão as divisões que eu ha pouco indicava, isto é, quatro partes. Primeiro, a hesitação primordial. Depois, com o mesmo rumo universal, successivamente, attitudes de individuos; marchas de nações; e, afinal, um primeiro ensaio para entrevêr as emocionantes apalpadelas da humanidade.

Ter-me-ia parecido vão mostrar esse caminho, antes que cada um dos quatro trajectos aqui não figurasse, ao menos por uma ou duas balizas.

Si a critica, por direito seu, pode achar muito summario esse systema de marcas, direi que me reservo, na medida em que um homem em nosso tempo póde prevêr o futuro, a tarefa de completar pouco a pouco cada um dos episodios? Em particular, espero que uma obra proxima illuminará vivamente as intenções da quarta parte...

Conquistas do Mundo? Devo novamente — como o fiz em *Linhas de Vida* — desculpar-me por esse titulo, muito ambicioso para a primeira obra? Ou então devo pedir, antes, que o titulo seja considerado precisamente tal como está impresso: digo *Conquistas*, no plural...

Conquistas... Si escolhi e mantenho esse nome motor e entusiasta, é justamente porque o plural modifica o sentido de modo estranho. Elle o influencia por uma humildade, ia dizer, por uma ironia que o singular de nenhuma maneira teria. O numero, aqui, não significa que se trata de tentativas ou de aventuras, de fracassos e até mesmo de erros, e não propriamente de triumphos?

A palavra «dynamismo» tem sido malbaratada. Ella forneceria, entretanto, uma desculpa ás principaes personagens destas narrativas. Não devem esses heróes constituir toda a descoberta? E' nesse sentido que elles podem evocar essa epopéa que em nosso seculo, além das guerras e das catastrophes, realizam, apesar de tudo, a intelligencia e a energia do mundo.

Isso devidamente indicado, accrescentemos, com a mais viva insistencia, que é preciso não encarecer a autoridade que a moldura traz a um quadro. Um desenho que permanecesse no estado de schema seria bem pouco meritório. O que vale antes de tudo, numa obra, tem que ser procurado entre as contribuições

A Litteratura, o Feijão e o Sonho

Origenes Lessa, esse esplendido e desorganizado temperamento de artista que, ás vezes, tem medo de ser o que é, publicou mais um livro. Um romance. Chama-se a obra *O Feijão e o Sonho*. Nos tempos de Shakespeare, receberia o nome de *Ariel e Caliban*. Na época positivissima da machina e das contas de açougue ou armazem, foi baptizado com o nome do producto basico da alimentação brasileira.

O sonho entra, no livro, como elemento perturbador da ordem. De facto, em *O Feijão e o Sonho*, quem trata do sonho, da belleza, da arte, não é uma linda creaturinha loura, descendente de castelãs longinquas; é um homem quasi sempre por barbear; um homem que faz versos — que ignora as contas do vendeiro — e que, esquecendo-se de pagar o aluguel da casa, encontra uma nova rima... e é despejado pelo senhorio.

O feijão, combustivel concreto, indispensavel ao estomago, não é lembrado a toda hora por um brumamontes, grosseirão e vulgar; é, ao contrario, preocupação constante e pungente de uma mulher. Não da mulher idealizada, que sempre se espera; mas da mulher-esposa, da mulher-mãe, que tem filhos que pedem pão, mas que tem marido que não sabe o preço das batatas no botequim da esquina.

Origenes Lessa inverteu a ordem litteraria dos symbolos e restabeleceu a normalidade vital das coisas. Tomou a vida, e, como si ella fosse uma phrase, pôl-a em sentido directo. A mulher é a dona-de-casa; é o feijão; é Caliban.

O homem nasceu errado; ao envez de ganhar dinheiro, conquista glorias; ao envez de assignar cheques, assigna sonetos; é o sonho, é Ariel, que nunca sabe si móra ou si não móra, e que, portanto, não tem a menor noção da utilidade do recibo que o senhorio apresenta a cada fim de mez.

Entre risos e tristezas, entre pungencias amargas, observações profundas da realidade, illusões de grandeza que se desmoronam, e percepções de mesquinhez que se consolida, *O Feijão e o Sonho*, é obra que se estende por duzentas e duas paginas que a gente lê com uma avidez unica. Fascina e faz pensar.

Como obra de arte de grande folego, é a melhor de Origenes Lessa. Como litteratura, é um padrão. Padrão de litteratura anti-litteraria e viril — de uma litteratura que suprime sem a gente perceber, tudo o que a gente não leria si fosse escripto.

Suas paginas não são agglomeração de palavras; são latejos consecutivos de vida. Quando se chega ao fim do livro, tem-se a impressão exacta de se haver chegado ao fim de uma porção de almas.

Com *O Feijão e o Sonho*, Origenes Lessa entrou na maturidade espiritual. Quer isto dizer que marcou a ponderabilidade do seu valor, de homem e de artista, no nosso mundo litterario. Foi isto o que prenuunciei, quando commentei o seu livro anterior, *O Joguete*.

Não sei quem mais acertou: — si eu, prevendo, ou si elle, encontrando-se a si próprio.

RAUL DE POLILLO.

Casimiro de Abreu — *Poesias completas* — Editor Zelio Valverde — Rio.

Boa idéa teve o operoso patricio Zelio Valverde ao lançar esta nova edição das poesias de Casimiro de Abreu. Nunca faltaram e nunca faltarão leitores ao fluminense que tão bem interpretou a melancolia dos tropicos. Casimiro é um hospede sempre acolhido com amor na alma dos moços que sonham e softrem.

Sud Mennucci — *O precursor do abolicionismo no Brasil* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Trata-se da figura de Luiz Gama, excellentemente evocada pelo sr. Sud Mennucci. Muitos documentos novos surgem neste volume e a interpretação da actividade libertaria do autor da *Bodarrada* é, sob certos aspectos, absolutamente pessoal.

Sylvio Rabello — *A representação do tempo na creança* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

O conceito do tempo continúa a ser grandemente discutido pelos adultos. Era, portanto, natural que um illustre educador se propuzesse a falar ás creanças do intricado assumpto, em obra divulgadora que todos percorrerão com proveito.

Acaba de Aparecer:

GASTÃO CRULS

HISTORIA PUXA HISTORIA

(Contos)

Edição ARIEL

Pedidos á

Civilização Brasileira S.A.

Rua 7 de Setembro, 162

RIO

vivas. A authenticidade das almas, as realidades de qualquer especie — natureza, sociedade, idéa — a verdade do estylo, o valor (de somma positiva ou negativa) das aquisições feitas pelas «démarches» da narrativa: eis o que, para um certo numero de romances, é mais essencial que qualquer processo de agrupamento. O principal objectivo de uma obra de imaginação (á parte o divertimento e o exercicio que ella proporciona ao espirito) não deve ser uma offerta, com plenitude, de tal ou qual qualidade do mundo? Poder-se-ia sustentar que o verdadeiro thema de um romance se localiza antes em seu tecido que em seu talhe.

Além do mais — e falando de um ponto de vista generico — confessemos que, qualquer que seja a arte empregada por um conjunto de creações, sua

sobrevivencia effectiva não poderia ser total. Nas ondas do tempo, que sem cessar se erguem e desfazem, não é possivel o salvamento em massa!

Precarios edificios humanos! A mudança insensivel das linguagens, o apagar ou o transviamento dos interesses não deixam nunca de provêr a essas supremas necessidades das obras: as fendas, a ruína aqui e ali, o desabamento destas e daquellas muralhas. Apesar de tudo, é bello, é conforme á serenidade da luz que, por sobre as abobadas que subsistem, possa o futuro evocar uma linha mais ampla.

LUC DURTAİN.

(Prefacio ao volume «L'Étape Nécessaire», primeiro da série «Conquêtes du Monde»).

DE LISBOA

ANTONIO FEIJÓ

(Discurso numa sessão commemorativa)

Creio que a melhor definição de «poeta» se encontra num dos ensaios de Emerson.

Na antiga casa de Moreira do Lima, onde vim meditar e escrever esta homenagem a Antonio Feijó, longe do bulício do mundo e embalado por carinhosas afeições, reli as palavras de Emerson, e vendo como ellas se applicavam, quasi uma a uma, ao poeta que estamos celebrando, senti-me tentado a traduzil-as de inglez para portuguez e a distribuil-as, publicadas em elegante folheto, pelas pessoas que neste local viesse encontrar.

Substituiria essa traducção o meu discurso e todos ganharíamos com isso.

Mas, como nesta sessão commemorativa temos de falar não só do poeta em abstrato, mas principalmente de António Feijó e da terra onde nasceu, tive de pôr de lado essa commoda lembrança, limitando-me a tirar do ensaio referido as directrizes essenciaes.

O poeta é um sacerdote da Belleza e da Verdade, e nada pode haver na sua obra que represente a apologia do egoísmo e de baixos sentimentos.

Mas a principal característica do poeta é a sua qualidade «representativa», na significação ingleza desta palavra latina: — O poeta quando fala, escreve, pinta, esculpe, não nos diz o seu sentir individual, mas traduz os sentimentos, os desejos, as aspirações, os sonhos da communitate em que vive.

— Quando lemos os seus versos sentimos nelles, patentes em sublimes palavras, o soffrimento e a dôr que tanto nos subjugarão na vida, que tanto nos

dignificaram tambem, mas que nunca soubemos exprimir.

— Os proprios enleios encontrámo-los a cada momento nos versos do poeta.

— E aquelles instantes de plenitude de vida, raros e fugazes como relâmpagos, mas que bastam para nos illuminarem a vida inteira, são — nos lembrados pelo poeta nos seus admiráveis versos:

*Juventude, manhãs de Abril, boccas floridas,
Amor, vozes do Lar, éstos de Sentimento...*

Os versos nada valem se ao acabarmos de os ler, não pudermos exclamar: «é isso mesmo, é assim mesmo».

Medite-se bem nesta funcção representativa dos poetas.

A sua missão é exprimir o que não sabemos dizer; o seu papel na communitate é servir-se do seu «poder de expressão» para nos mostrar e fazer comprehender a ânsia de belleza, de verdade e de justiça que nos enche a alma.

Quando eu era novo e lia Feijó, parecia-me que elle sentia a minha personalidade mais do que eu proprio e que a engrandecia. Por essa razão o amava.

«Nas communitades apparecem de quando em quando tres typos de homens proeminentes: os que sabem, os que realizam e os que dizem».

Felizmente nenhum homem pode ser sábio, realizador e poeta ao mesmo tempo. Se tal phenomeno se dêsse, o mundo subverter-se-ia.

Qualquer dos tres possui latente os poderes dos outros dois, mas só pode exercer o seu.

A maior ambição do sábio e do realizador é serem poetas para poderem escrever a sua epopéa porque bem sabem que só o poeta é capaz de exprimir a belleza eterna das coisas e eliminar as imperfeições que existem na sciencia e na acção dos homens.

Acontece por vezes que os poetas se isolam.

Na sua torre de marfim a sua vida atormentada decorre longe do convívio dos homens, e se é certo que o seu poder de expressão e de intuição lhes permite dizer genialmente o sentir da communitate, ha na maneira da sua arte qualquer coisa que afasta a sympathia.

Antonio Feijó fugiu sempre do isolamento. Nesta terra onde nasceu soube sempre viver igualmente com todos, e todos sentiam o seu encanto e conheciam as excelsas qualidades do seu carácter, a sua vida íntima, o seu extase perante a paizagem que nos cerca, a sua ternura pela Mãe adorada e, mais tarde, o seu amor pela Esposa que ele trouxe à sua terra orgulhoso e radiante.

Soubemos depois da sua grande dôr...

Quando lemos os seus versos temos sempre presente a sua figura elegante e attrahente, ouvimos a sua voz clara e doce, trespassa-nos o seu olhar tão cheio de meiguice e de sympathia; e ao lermos a quadra sublime:

O mais moderno Livro de Cozinha

MARIA DE LOURDES

ARTE DE COZINHAR

(Petiscos e Petisqueiras)

1350 Receitas Diversas

A' venda em todas as livrarias do Brasil

Volume Cartonado: 14\$000

PEDIDOS A

Civilização Brasileira S/A

Rua 7 de Setembro, 162

RIO DE JANEIRO

*Sangue do nosso sangue, almas que estremecemos,
Seres que um grande affecto à nossa vida enlaça,
—Somos nós que a sua morte implacavel soffremos,
É em nós, é em nós que a sua morte se passa!*

—enchem-se-nos os olhos de lagrimas, não somente porque esta quadra evoca em nós todos a perda dolorosa de entes queridos, por forma que nunca nos seria dado encontrar, mas também porque unimos aquelles versos a palavras de cartas íntimas, em que Feijó falava da Mulher que a morte lhe arrebatara.

Sente o poeta durante toda a sua vida a influencia da terra onde nasceu e das pessoas com quem viveu na sua infancia e na sua adolescencia.

Nasceu e cresceu Antonio Feijó em plena Ribeira Lima.

Nenhum lugar conheço no mundo onde a harmonia das coisas se revela com tanta expressão natural e nos enlaça tão suavemente como nesta parte central da bacia do Lima. Os montes que a cercam, sem perderem o porte altivo, sem serem amaneirados, nada teem de impetuoso e de torturado; as suas costas descem macias e tingem-se uma côr meigamente violacea; e as linhas que as recortam, projectam-se no ceu em curvas firmes que a nossa vista percorre enlevada.

De qualquer das margens do Lima o panorama que se contempla deslumbra-nos sempre e parece dizer-nos mansamente que a felicidade suprema reside, para nós, limarenses, no espaço restricto onde nascem as fontes que alimentam o nosso Rio.

E' necessario subir às cumiadas para avistar o mar e os largos horizontes que nos arrastam para a vida de aventuras e de soffrimentos.

O Rio é para as terras que banha e para os homens que habitam as suas margens, o companheiro mais querido. Fóra das épocas das cheias deslisa mansamente e pleno de encanto, «as suas águas descendo nessa luz reflectida, a tremer como um luar» —diz-nos o Poeta—; deixa a descoberto, aqui e além, as areias do seu leito para que a gente ribeirinha venha junto delle fazer as suas feiras e celebrar as suas festas.

Quando enche, as suas aguas vão fertilizar os campos; e apesar dos estragos que causam na Villa e do mal que fazem á saúde publica, os limarenses aguardam com tranquillidade e bonhomia, as suas cheias, e contemplam entusiasmados o espectáculo admiravel do grande lençol da agua que o mar puxa para si.

Nêste pequeno valle a alegria da vida, muita ou pouca conforme as idades e as épocas, resulta da belleza e da fartura da terra. O Rio é dessa radiancia e dessa abundancia o principal elemento.

Tudo que aqui nos cerca é harmonioso e terno, e foi no meio desta harmonia e desta ternura das coisas que o Poeta nasceu e cresceu.

NORTON DE MATTOS.

Edição ARIEL:

ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

1.ª Série

12\$000

POEMAS DE FERNANDO PESSOA

*Tenho dó das estrellas
Luzindo há tanto tempo,
Há tanto tempo...
Tenho dó d'ellas.*

*Não haverá um cansaço
Das coisas,
De todas as coisas,
Como das pernas ou de um braço?*

*Um cansaço de existir,
De ser,
O ser triste brilhar ou sorrir...*

*Não haverá, enfim,
Para as coisas que são,
Não a morte, mas sim
Uma outra espécie de fim,
Ou uma grande razão —
Qualquer coisa assim
Como um perdão?*

*Assim, sem nada feito e o por fazer
Mal pensado, ou sonhado sem pensar,
Vejo meus dias nulos decorrer,
E o cansaço de nada me augmentar.*

*Perdura, sim, como uma mocidade
Que a si mesma se sobrevive, a esperança,
Mas á mesma esperança o tédio invade,
E a mesma falsa mocidade cansa.*

*Tenue passar das horas sem proveito,
Leve correr dos dias sem acção,
Como a quem com saúde jaz no leito
Ou quem sempre se atraza sem razão.*

*Vadio sem andar, meu ser inerte
Contempla-me, que esqueço de querer,
E a tarde exterior seu tédio verte
Sôbre quem nada fez e nada quer.*

*Inutil vida, posta a um canto e ida
Sem que alguém nella fôsse, nau sem mar,
Obra solemnemente, por ser lida,
Ah, deixem-me sonhar sem esperar!*

GLOSA

*Quem me roubou a minha dor antiga,
É só a vida me deixou por dor?
Quem, entre o incendio da alma em que o ser periga,
Me deixou só no fogo e no torpor?*

*Quem fez a fantasia minha amiga,
Negando o fructo e emmurchecendo a flor?
Ninguem ou o Fado, e a fantasia siga
A seu infiel e irreal sabor...*

*Quem me dispôs para o que não pudesse?
Quem me fadou para o que não conheço
Na teia do real que ninguem tece?*

*Quem me arrancou ao sonho que me odiava
É me deu só a vida em que me esqueço,
«Onde a minha saudade a côr se trava».*

SUD MENNUCCI

A recente publicação de *O precursor do abolicionismo* (Luiz Gama) e a reedição de *Alma Contemporanea* trouxeram novamente ao cartaz litterario, do qual andava afastado, embora não definitivamente, o nome de Sud Mennucci. E um motivo de franca alegria para todos os que se interessam pelas coisas do espirito, pois se ha, no Brasil, alguém com vocação para critico e que possua envergadura para os grandes ensaios, esse alguém é, incontestavelmente, o biographo de Luiz Gama, o sociologo de *Brasil Desunido*, o educador de *A Crise Brasileira de Educação*, o critico de *Rodapés*, o analysta de *Humor*, o autor, em summa, de tantos outros volumes valiosissimos, pelo que representam de esforço e de cultura em pról de alguns problemas de innegavel interesse para nós.

Nome constantemente lembrado nos circulos litterarios, onde se lamenta sempre a sua ausencia dos rodapés, por onde andou, ha alguns annos, pontificando na critica paulista, Sud Mennucci é bem o critico de que a litteratura brasileira está carecendo. Culto, sincero, imparcial, sem «parti-pris», franco, de uma franqueza por vezes desabusada, com a coragem sufficiente para dizer certas verdades, quando necessarias, é sensível a falta que faz e, seria com jubilo que o receberíamos de volta. Todos nós lembramos das suas criticas, agudas, profundas, impregnadas sempre daquelle espirito acolhedor que o caracteriza, espirito aberto a todas as idéas, disposto sempre a applaudir quando percebia talento e sinceridade, mesmo no tímido estreante, sem padrinhos. Sabendo arrazar um máo livro, quando necessario (o caso de Oswaldo Orico é typico), sabia tambem, como poucos, descobrir um ta'ento, ver onde estava o germen de um futuro escriptor, fosse poeta ou *conteur*, romancista ou historiador. Sereno nos seus julgamentos, mas nunca desinteressado ou leviano, era antes de tudo, de uma honestidade a qualquer prova. Por isso não se aventurava a commentar assumptos para os quaes não se preparára convenientemente. Po-

dia errar. Deve ter errado. Mas sem má fé, sem mesquinhasias sem essas miudezas que fazem da nossa critica uma coisa inócua, interessante como motivo anecdotico, mas sem caracter constructivo de especie alguma.

Pois foi um critico assim, cujas qualidades mal esbocei, que a litteratura brasileira parece ter perdido. Digo parece, uma vez que a publicação desta vida de Luiz Gama e a reedição de *Alma contemporanea*, podem muito bem marcar um retorno. A questão é não repetir o acontecido quando da publicação de *Alma contemporanea* isto em 1918, ha vinte annos portanto. Foi o caso que uma obra desse porte, agitando tantas e tão curiosas idéas não encontrou éco, não teve a minima repercussão, nem de critica nem de publico. Um acolhimento glacial, que o moço estreante deve ter recebido com surpresa. Mas não foi assim. Elle mesmo nos conta a historia, no curto e interessante prefacio com que abre esta segunda edição: «Se o caso (a publicação de *Alma contemporanea*) não me desilludiu, serviu-me, entretanto, de informação. E verificando que livros primorosos como as *Paginas de Esthetica* de João Ribeiro, editadas em 1905, continuavam, 13 annos depois, em 1.^a edição, como continuam até hoje, minha obra de estréa determinou a mudança de rumos em meus estudos. Deixei a esthetica e a critica para tempos mais maduros e enveredei pela tarefa educativa». E acrescenta que, se livros como esse de João Ribeiro não encontravam éco, é que «uma razão superior causava o phenomeno. Nós não sabiamos lêr». Raciocinio claro e logico, como se vê. Ora, elle possuia um diploma de mestre escola. Que fazer? Foi ser educador, preparar leitores para o futuro.

Mas quem possui talento e curiosidade, se engrandece onde quer que empregue seus esforços. O que o professor Sud Mennucci tem feito por ahi, não é tarefa para uma simples nota. Apesar de ter abraçado o magisterio com toda a dedicação de que é capaz, não ficou só nisso, embora sua acção

nesse sector, por si só, constitua uma vida plena de realizações. O ruralismo, do qual se fez precursor e apostolo e que, ainda será uma realidade no Brasil, tem n'*A Crise Brasileira de Educação*, o seu marco inicial.

Não quero, porém, falar do professor, do theorico e realizador admiravel que elle tem se revelado. Passo tambem por cima do sociologo que, abordando questões complexas como essas dos municipios, fez trabalho que os technicos no assumpto assignaram em cruz, sem qualquer alteração. Quero somente lembrar que, ingressando no jornalismo, foi, Sud Mennucci, attrahido de novo para a esthetica e a critica. Do que foi o critico nesse periodo, dizem os rodapés, algum reunidos em volume. Sobre o estéta, ahi está *Humor*, ensaio revelador de um analysta percuciente que, sabendo pensar, sabe tambem escrever. *Alma contemporanea* e *Humor*, constituem dois ensaios dos maiores com que conta a nossa litteratura, tão pobremmente representada nesse angulo. Dahi a alegria em ver Sud Mennucci reeditando seus livros, escrevendo sobre Luiz Gama, fazendo conferencias sobre Amadeu Amaral. Se os tempos ainda não estão maduros e se os leitores não estão ainda preparados para esses livros, dia virá, porém, em que elles serão aos milhares... E o consolo desse futuro, não animará Sud Mennucci a escrever a *Historia da Critica Brasileira*, velho projecto ainda não realizado? Ou então, *Dispersão, Força Creadora*, ensaio sobre estética, tambem em projecto? Nós, os moços já que não podemos contar com a sua presença nos rodapés semanaes, torcemos, contudo, para que elle escreva esses livros...

EDGARD CAVALHEIRO.

— *Avec le Père de Foucauld et le Général Laperrine*, de Robert Herisson, é um trabalho que seduz exactamente pelo seu caracter de simplicidade, pela veracidade que resalta dos seus minimos pormenores. Nenhuma litteratice banal a desfigurar as personalidades evocadas, o padre e o militar que tanto fizeram para civilizar o Sahel, levando o Christianismo a zonas de matanças e pilhagens que, só de lê-las em livro, dão aos mais corajosos um fremito de horror.

A CASA VERDE

A Casa Verde era quasi em frente da nossa. Isto é, o portão ficava quasi em frente do nosso, porque a chacara era immensa, quasi um parque, e a casa construída numa elevação, a cavalleiro da estrada. Era naturalissima a minha curiosidade pelos seus novos habitantes. Não só era a casa mais importante de São José, como tinha uma historia romantica. Estava fechada havia muitos annos, creio que mais de dez. Quando fomos morar em São José, já se tinha dado o drama. Fôra construída por um homem rico do Rio, casado pela segunda vez com uma moça que poderia ser sua filha. Diziam que resolvera morar na roça por ciúme. Mas fez uma casa luxuosa, uma gaiola dourada, para prender a mulher. Moravam nella havia pouco, quando o filho do primeiro casamento, que estava estudando na America do Norte, annunciou a sua chegada. Madrasta e enteado não se conheciam; o moço chegou pelo trem da tarde; o pae apresentou-o á mulher, que apenas balbuciou algumas palavras e entrou para o interior da casa, a pretexto de dar ordens para o jantar. Dahi a pouco ouviu-se um estampido. A moça estava morta, no quarto, com o peito varado por uma bala.

Esse facto, que ouvi narrar innumeradas vezes, com pequenas variantes, me dançava na cabeça, vivia na minha imaginação. Na verdade, esse drama de gente que não conheci, foi, até a chegada dos novos habitantes da Casa Verde, a cousa mais importante da minha vida.

Nas férias, não me cansava de, sob todos os pretextos, visitar a Casa Verde. O dono a deixara arrumada como no dia da morte da mulher e não queria nem ouvir falar em vendel-a ou alugal-a. Um seu antigo empregado ficou morando lá, para tomar conta. Era um preto alto, muito mesureiro, muito falador. Acolhia-me muito bem, dava-me flores, perguntava por papae e mamãe, conversava muito. Mas se lhe tocava na tragedia, emmudecia, ficava com uma cara impassivel, inexpressiva. Nunca consegui arrancar-lhe uma unica palavra sobre isso.

— Só sei o que todo o mundo sabe, respondia invariavelmente ás minhas perguntas indiscretas.

No fundo, esse preto me intimidava um pouco. Infundia-me um certo respeito, não sei se por viver na Casa Verde, e participar portanto do seu mysterio, se por uma certa gravidade que me impressionava e me impedia de ver nelle um simples criado.

Apezar disso, eu experimentava um prazer especial em estar na Casa Verde; tudo ali, os tapetes, o tecto do salão cheio de anjinhos rechonchudos, as duas escadas de marmore conduzindo ás varandas que ladeavam a sala de jantar, a cama do casal, com docel de seda azul, tudo parecia-me differente, mysterioso. Ficava horas a impregnar-me desse ambiente estranho, acabava por confundir-me com a heroina do drama. Para mim, a historia era simples; a moça gostara do enteado, antes de se casar. Por qualquer motivo brigaram, e ella aceitou um casamento de conveniencia, sem saber que o pretendente era justamente o pae do namorado. Historia inverosimel, mas que me parecia a unica possivel. Uma vez, encontrando-me sósinha no quarto da moça, certa de que o vigia estava muito distraído lá em baixo, abri um armario. Cheio de vestidos. Respirei com delicia o cheiro de guardado. A um canto, havia uma caixinha com lenços. Não resisti, tirei um, de cambraia branca, já muito amarellecido, com manchas escuras parecendo ferrugem. Depois, ousei despendurar um «peignoir». Era de flanela côr de rosa e parecia ter sido muito lavado. Vesti-o. A morta devia ter tido mais ou menos o meu corpo. Mas de repente um medo horrivel me assaltou, senti um frio exquesito, um frio de morte; despi o «peignoir» ás pressas e voei pela escada abaixo. Apezar disso, dois dias depois voltava á Casa Verde, vencida pela fascinação morbida que exercia sobre mim aquella atmospheria de morte e tristeza. Quando soube que iam alugal-a, tive uma profunda decepção. O velho morrera, e o filho, seu unico herdeiro, mandara ordem para queimar todos os objectos pessoais do pae e da madrasta, e preparar

a casa para receber os novos moradores. Senti-nos despojadas, trahidas, eu e a morta. Ao menos conseguí de Caetano, o vigia, que me deixasse ajudal-o a separar os objectos a serem queimados.

Estavamos nos primeiros dias de outubro, havia aquella luz clara, alegre, de principio de verão. Pela primeira vez, as janellas todas da Casa Verde se abriam de par em par. A luz entrou nos aposentos sombrios. Abriamos as gavetas e iam tirando montes de roupa, que Caetano, com suas mãos muito grandes, de um preto baço, acinzentado, arrumava em grandes cestos, para facilitar o transporte. Eu demorava de proposito desdobrando cada peça, passando com volupia as mãos pelas camisinhas bordadas, pelos vestidos fóra de moda.

— Você vae ter coragem (de queimar tudo isso? indaguei, entregando ao negro um capote de golla de pelle... Poderia dar aos pobres...

Elle me olhou espantado como se eu acabasse de dizer um absurdo.

— São ordens respondeu afinal.

Pronunciava *ordes*, mas com muita força, como se quizesse dar á palavra um character indiscutivel.

Afinal, o fogo destruiu todas as recordações da minha heroina. Só ficou o lencinho que eu tirara, e que ainda hoje guardo como uma reliquia.

Ficamos, eu e Caetano, a olhar a fogueira, sem uma palavra.

— E' verdade, disse elle depois de algum tempo, abanando a cabeça... E' verdade, a vida da patrôa foi um romance.

Elle sempre começa as phrases por um «E' verdade...» e disse «rumaço». Não tive dessa vez, em que elle talvez quizesse falar, coragem de perguntar cousa alguma. Para que? O drama da casa Verde não era o meu drama, o que só commigo vivia? Commigo e com aquelle negro. O silencio de Caetano fazia parte do drama. Reparei nelle, achei-o velho. Preto bom, preto fiel. Tive pena de vê-lo partir.

— E você, Caetano, que vae ser de você? Já estava tão habituado aqui...

Com a face impassivel, sem mostrar nem saudades nem apreensão, elle respondeu:

A Liga das Nações e a Cooperação Intellectual

Constituída pelas Resoluções da Assembléa e do Conselho, respectivamente de 1921 e 1922, tem essa Comissão por fim desenvolver a collaboração dos povos em todos os dominios do espirito, afim de assegurar o entendimento internacional para a salvaguarda da paz. A sua actividade, que vae sendo hoje comprehendida por todas as nações, determinou o que se chama a *politica do espirito*, na phrase do grande Paul Valéry, destinada a contrabalançar essa invasão de materialismos infrenes, que querem reduzir a condição humana a mero machinismo de significado economico. O papel da cooperação intellectual desenvolver-se-á sobretudo na obra insana, a que se vem consagrando, por todos os meios, de preparar o desarmamento moral, unica base para a comprehensão entre os povos e que permittirá dissipar esse nevoeiro persistente de desconfiança, dentro do qual a garantia e a segurança internacionaes não se podem assentar com firmeza. Na variedade dos assumptos que tem tratado, no contacto que procura manter entre os pensadores de todos os paizes, nos debates, que tem suscitado entre os intellectuaes sobre os magnos assumptos da ac-

— Eu sou do patrão, vou para onde elle me mandar. Nós estamos nesta vida para cumprir ordens.

Era ao filho do antigo patrão, ao menino que carregara no collo que se referia.

Poucos dias depois foi á nossa casa para se despedir. Só esperaria a chegada da familia que alugara a Casa Verde, para entregar as chaves. Depois iria para o Rio, para a casa do patrão.

Eu fiquei triste, com uma pesada sensação de isolamento, privada dos meus passeios á Casa Verde. Não quiz mais entrar lá, depois do dia em que foram destruidos os objectos da morta. Não era mais a mesma cousa. Mas quando soube da chegada dos novos moradores, pareceu-me que a solidariedade mysteriosa que me unia á Casa Verde me ligaria tambem a elles...

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

(Trecho do romance «Amanhecer», no prélo.)

tualidade politica e social, sobretudo atinentes aos direitos do espirito e sua posição no mundo moderno, nos inqueritos que promove sobre varios aspectos da vida, como ultimamente sobre materias primas e sobre o homem e a machina, visando aspectos economicos da epoca contemporanea, na diffusão de obras primas das varias litteraturas pouco conhecidas, nos congressos e conferencias e nas excellentes publicações, a Cooperação Intellectual se tem revelado uma força do maior alcance para ponderar na hora turva em que vivemos. Acreditamos que a Liga das Nações dispõe de poucos instrumentos tão valiosos para realizar sua tarefa quanto a Cooperação Intellectual, pois agrupa, em seu derredor, figuras do maior significado nas sciencias, nas lettras e nas artes, animados dessa boa vontade e desse espirito de comprehensão mutua, dispostos a esclarecer o mundo e convencer-o das palavras do Poeta: «a transformação do universo humano torna as soluções pela violencia incalculaveis e assim estupidas. Está ahí o que seria talvez bom de fazer comprehender, sem o menor appello ás considerações sentimentaes. Volto assim ao meu começo, que era uma invocação á intelligencia dos homens e repito: *More brain, o Lord*... Quando um dia, em Genebra, numa das reuniões de nossa Comissão, eu disse que a Sociedade das Nações suppunha uma Sociedade de Espiritos, não queria expressar outra coisa» (1). Esse é o esforço supremo do espirito. Elle reclama dos homens de Governo, de finanças, de negocios, dos militares e dos funcionarios, o direito de criar «a architectura de idéas, quadro solido de deveres livremente admittidos, de obrigações indiscutidas, que ligariam os individuos ás nações, as nações á humanidade organizada» (2), na alta concepção de Salvador de Madariaga. E essa magnifica cruzada ha-de vencer, se não quizerem os homens ver sobrada a obra immensa da cultura. Esperemos com Kayserling que, cessado o desencadeamento de forças telluricas, a que assistimos, voltará o espirito a readquirir os seus direitos de conduzir e ordenar.

Compõem essa Organização a Comissão Internacional de Cooperação Intellectual, órgão consultivo da Assembléa e do Conselho, os sete comités especializados, artes e lettras, ensino, museus, bibliothecas, etc., a Secção de Cooperação Intellectual, do Secretariado, o Instituto Internacional de Cooperação Intellectual, com sede em Paris, o Instituto Internacional do Cinema Educativo, com sede em Roma e as Comissões nacionaes existentes em varios paizes, inclusive no Brasil (3). Comprehende tambem o Centro de Informações escolares, para se manter em contacto com os Governos para as questões de ensino á mocidade dos fins e actividades da Liga das Nações.

A Comissão foi criada pela Resolução da Assembléa de 1921 e pela do Conselho de 15 de Maio de 1922, e comprehende dezenove Membros de nacionalidades differentes, de alta autoridade intellectual que representem os diversos dominios da actividade espiritual, devendo incluir mulheres. Foi presidida por Bergson, depois por Lrentz e, agora, por Gilbert Murray.

O órgão mais directamente ligado á Organização é o Instituto Internacional de Cooperação Intellectual, criado por solicitação da Comissão da Liga, por iniciativa do Governo francez e subvencionado por varios Governos, inclusive pelo brasileiro, que mantém junto ao mesmo um representante. As suas attribuições são: preparar as deliberações da Comissão, executar as suas decisões e recommendações, trabalhar pelo progresso dos dominios das relações entre ministerios de instrucção publica, da collaboração entre universidades, museus e archivos, além do estudo scientifico das relações internacionaes, como das questões litterarias e artisticas, scientificas, pedagogicas e dos problemas referentes aos direitos intellectuaes.

Publica varios periodicos e importantes obras do maior valor cultural, em varias collecções, e cuida tambem da divulgacão de livros de litteratura de diversos paizes, já tendo publicado *Memorias do Districto Diamantino*, de Joaquim Felicio dos Santos, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, em versões francezas, e tendo em preparo tra-

duções de livros de Aluizio de Azevedo, Coelho Netto e Joaquim Nabuco. Tem promovido diversas conferencias internacionaes de caracter intellectual, bem como reuniões periodicas de personalidades representativas dos meios culturaes, afim de tratar de assumptos geraes de civilização e pensamento (4).

O *Instituto Internacional do Cinematographo Educativo*, criado por iniciativa do Governo italiano, sob a autoridade da Liga, tem sede em Roma e os seus orgãos são: Conselho de Administração, Comité Executivo, Comité Consultivo e Technico e Director do Instituto. O seu fim é encorajar e favorecer a diffusão e troca de filmes educativos, divulgando tambem os melhores methodos para utilizar o cinematographo, como elemento de educação. E' ainda um orgão informativo, em tudo quanto concerne a esse assumpto. A Conferencia Internacional do Cinematographo de Ensino e Educação, reunida em Roma, de 1 a 25 de Abril de 1934, cuidou do problema do cinema, não apenas no caracter pedagogico, mas tambem como elemento de educação das massas no interesse da paz e aproximação dos povos, evitando que esse grande instrumento de divulgação se utilize em propagandas nocivas, seja por intenções tendenciosas, seja por ignorancia ou desconhecimento de mentalidades ou civilizações estrangeiras. Foi tambem estudado o emprego do cinema como meio de elevar o nivel intellectual das populações.

Seria muito longo pormenorizar a actividade infatigavel da Organização de Cooperação Intellectual da Liga, auxiliada por esses dois institutos, notadamente pelo de Paris, sob a direcção do Sr. Henri Bonnet, e que se pode citar como uma das instituições mais fecundas no mundo moderno.

Comquanto não se possa incluir propriamente na obra de Cooperação Intellectual, embora trabalhando em connexão com a Comissão de Cooperação Intellectual da Liga, está o *Instituto Internacional para a Unificação do Direito Privado*, criado e mantido pelo Governo italiano, com sede em Roma, e sob os auspícios da Liga. Destina-se a estudar os meios de harmonizar e coordenar o direito privado entre os Estados ou entre grupos de Es-

tados e de preparar gradualmente a adopção pelos diversos Estados de uma legislação de direito privado uniforme. O Instituto tem como orgãos o Conselho Director, o Comité Permanente e o Secretariado. Mantém estreita connexão com o B. I. T. e as organizações technicas de Genebra.

RENATO ALMEIDA.

(Capitulo do volume a apparecer *A Liga das Nações*.)

- (1) — I. I. C. I. *Pour une Société des Esprits* (Correspondance) Paul Valéry — Pgs. 131 e 132.
- (2) — Ibid. Madariaga, pag. 110.
- (3) — Vide: *Les Commissions Nationales de Cooperation Intellectuelle* — C. I. C. I. 461. Genève, 1937.
- (4) — Periodicamente, o Comité de Letras e Artes, presidido por Paul Valéry, reúne numa capital, determinado numero de intellectuaes, para debater um assumpto de cultura geral, publicando depois em volume, sob o titulo genérico *Entretiens*. Até hoje, realizaram-se os seguintes: *Entretiens sur Goethe, L'avenir de la Culture, L'avenir de l'Esprit Européen, L'Art et la Réalité, L'Art et l'Etat, La Formation de l'Homme Moderne, Vers un Nouvel Humanisme e Europe-Amerique Latine*.

— Simenon é um inexhausto fornecedor de romances sensacionaes, cheios de crimes que põem atarantados os cidadãos da policia, os émulos de Javert e Le-coq. Aliás o critico René Lalou e outros já assignalaram existir em Simenon um psychologo dos mais finos, bem superior em talento ao genero que tem explorado.

Edição ARIEL:

CYRO MARTINS

SEM RUMO

Novella Gaúcha

EM TODAS AS
LIVRARIAS
DO BRASIL

« CONQUISTAS DO MUNDO »

O sr. Luc Durtain, já esteve entre nós e publicou sobre a nossa paisagem e os nossos problemas sociaes e humanos o volume *Vers la Ville Kilomètre 3* (traduzido por Ronald de Carvalho e publicado pela Ariel Editora sob o titulo portuguez de *Imagens do Brasil e do Pompa*). Reuniu, agora, alguns de seus escriptos mais curiosos, romances e narrativas, sob a denominação generica de *Conquêtes du Monde*, numa série de livros que se inicia com a reedição de *L'Étape Nécessaire*. Dando uma idéa geral dos themas e dos rumos desses livros agora concatenados numa série homogenea, o sr. Luc Durtain escreveu para *L'Étape Nécessaire* um curioso prefacio, cuja parte mais importante, em traducção, publicamos em outro local desta Revista, de accordo com o desejo manifestado pelo illustre romancista de vêr divulgadas no Brasil essas paginas introductorias ás *Conquistas do Mundo*.

FERNANDO PESSOA

Chegam-nos de Portugal os primeiros numeros de *Mensagem*, publicação de litteratura e arte dirigida pelo sr. Telmo Felgueiras e editada em Lisboa — publicação em que se transmite, através de artigos e poemas curiosissimos, a «mensagem da mais recente geração portugueza». O primeiro numero de *Mensagem* estampa alguns poemas inéditos de Fernando Pessoa, morto não ha muito, em quem diversos criticos lusos enxergam o «unico poeta portuguez igualavel a Camões». Esses inéditos de Fernando Pessoa, offerece-os o BOLETIM DE ARIEL aos seus leitores em outro local desta Revista, solicitando para isso a devida venia aos directores de *Mensagem*.

« MOÇAMBIQUE »

Simplemente notavel o nº 12 deste documentario trimestral que nos vem de Lourenço Marques. Encontram-se ahi dezenas de testemunhos do que têm feito os portuguezes para instaurar uma civilização definitiva em regiões tantas vezes rebeldes á latinidade e á fé christã. *Moçambique* é prova de que não perece o genio colonizador dos lusos.

Gabriel Soares de Souza — *Tratado descriptivo do Brasil em 1587* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Os commentarios de Varnhagen accrescentam a este livro, reaparecido agora em 3ª edição, um interesse precioso. São dois grandes conhecedores do Brasil, do Brasil colonial ou do Brasil autonomo, que depõem sobre as realizações da imensa terra dos tropicos.

Mario Donato — *Terra* — S. Paulo.

Enthusiasta de Castro Alves, o sr. Mario Donato é um poeta que só quer receber inspirações da terra natal, ouvir as vozes, perscrutar as almas da região onde se teceram os seus primeiros sonhos. A paisagem da infancia não lhe são nunca dos olhos. Dahi o encanto matinal, a doçura de namoro menino que ha neste seu poema em que se fundem natureza e humanidade, em que os rythmos têm sempre a doçura das aguas e das folhas sussurrantes da provincia.

« DAHOMEY »

Acabo de receber um presente regio, que me envia o conhecido africanista Melville J. Herskovits, da *Northwestern University*. E' o seu trabalho sobre o Dahomey, resultado de pesquisas iniciadas em 1931, e só agora publicado em dois grossos tomos de mais de oitocentas paginas. O mesmo elevado criterio scientifico, a mesma segurança methodologica que já marcaram trabalhos seus anteriores sobre o Negro norte-americano, sobre o Haiti, sobre o folk-lore do Surinam.

Herskovits é indubitavelmente a maior autoridade em assumptos africanistas em toda a America e o seu exemplo está sendo seguido por pesquisadores jovens, levados pela curiosidade que lhes desperta o estudo do Negro no Novo Mundo. Partindo do principio que é impossível o exacto conhecimento do Negro em terras da America, dos seus habitos e tradições, das suas sobrevivencias de cultura material e espiritual, das suas opiniões e attitudes, do seu proprio comportamento motor, sem o exacto conhecimento das suas fontes de origem, Herskovits advoga a necessidade de serem realizados «trabalhos de campo» não só entre certas populações negras do Novo Mundo, como, principalmente, na Africa. E elle proprio, com a cooperação preciosa da esposa, Frances S. Herskovits, já se embrenhou nos valles do rio Surinam, na Guyana Hollandéza, a estudar os *Bush Negroes* nas suas condições naturaes de vida; no Dahomey, onde passou varios mezes em contacto assiduo com os aborigenes. Um seu discipulo, Bascom, está agora mesmo realizando «trabalho de campo» na Nigeria.

Neste seu trabalho sobre o Dahomey (*Dahomey, An Ancient West African Kingdom*, J. J. Augustin, New York, 1938), destaca Herskovits o duplo objectivo com que foram feitas as suas pesquisas: o de estender os conhecimentos sobre a mentalidade primitiva, em geral, e o de destacar a importancia dos estudos sobre as culturas da Africa occidental, para as correlações indispensaveis com o Negro do Novo Mundo.

O Dahomey já merecera, é certo, uma rica bibliographia. Missionarios, viajantes e ethnographos escreveram notas, diarios, observações, livros sobre o seu povo e a sua cultura. Algumas obras são mesmo fundamentaes e conhecidas de todos os africanistas, como os livros de Duncan, de Dalzel, de Skertchly, de Foá, de Le Herissé... Nenhum destes trabalhos foi conduzido, porém, com o rigido criterio methodologico que assignala esta obra monumental sobre o Dahomey (e ha muita contrafação neste sentido), apenas aproveitando dos seus predecessores os dados historicos e alguns contingentes de observação para os necessarios cotejos, Herskovits fixou residencia successivamente nas tres principaes cidades do Dahomey: a capital, Abomey, e as cidades de Whydah e Alada. Rodeou-se de interpretes. Apparelhou-se com os phonemas principaes da lingua *fon*. E poz-se a ouvir os indigenas. A observá-los nas suas condições naturaes de cultura. No trabalho, no mercado, no campo, nos officios religiosos, nas suas manifestações de arte, na sua vida politica. A sua esposa ouvia as

mulheres e as creanças e annotava tudo que se relacionava com a sua vida sexual e de familia. Photographos e cinematographistas tomaram scenas dominantes. Technicos de som gravaram a musica vocal e instrumental. Todo esse trabalho, que teve o auxilio da sua Universidade, de varios Conselhos de Pesquisa, e Fundações e Corporações que lhe prestaram o apoio financeiro, veio afinal a lume nestes dois volumes preciosos.

Impossivel resumir as suas observações e conclusões sobre a vida economica, a organização social, a vida de familia, a organização politica, a vida religiosa e magica, a arte dos dahomeyanos. São paginas decisivas que comportariam commentarios demorados e complexos. O dahomeyano pertence ao grupo de culturas sudanezas da Africa Occidental. A sua organização cultural se approxima muito da dos povos da Nigeria. São povos patriarchaes, polygamos. Grande disciplina na vida economica. Trabalhos agricolas. Artistas emeritos, são famosos os seus trabalhos de fundição de bronze, esculpturas de madeira, ceramica, estamparia. Usam moedas nas suas trocas economicas. Propriedade privada. Herança da propriedade. *Strata sociaes*, que vão do trabalhador agricola ao membro da familia real. Grandes monarchas, culto dos antepassados. «Sibs» patrilineares. Totemismo (embora diferente do totemismo australiano). Proibições tabús. Sociedades secretas dentro de cada «sib».

Culto curiosissimo do «melhor amigo». Alem do pae, da mãe, dos irmãos, dos grupos de parentesco, o dahomeyano tem o culto dos amigos, de que ha tres typos: o «melhor amigo», aquelle que transpõe a soleira da habitação, entra na casa, ouve «tudo», não havendo segredos para elle; o segundo amigo, que fica no limiar, a quem só se dizem as coisas pela metade; e o terceiro amigo, que fica do lado de fora e que ouve o que póde. Que lição de sabedoria para o homem «civilizado» que elege um amigo de hoje para trahil-o na ausencia; ou disfarça os seus verdadeiros sentimentos na hypocrisia dos salões!

Culto dos mortos, culto dos antepassados reaes. Organização politica fechada. Rei, cõrte, grandes officiaes, vassallos... Herança do throno. Guerra de conquista. As esposas do rei. Justiça: tribunaes de julgamento, uso de ordalias. Vida religiosa e magica dominando os seus actos sociaes. Pantheon de grandes deuses. Deuses do ceu: *Mawu-Lisa*. Deuses da terra. Deuses dos phenomenos meteorologicos. Cultos do *vodun*. Deuses do destino. Cultos de *Fa* e de *Legba*. As almas do homem. Culto da serpente. Herskovits esclarece aqui muito engano que vem sendo repetido pelos estudiosos do Dahomey. O culto da serpente *Dangbé* existia apenas em Whydah. E' uma especie de culto totemico, que não tem nada que ver com o culto generico de *Dan* (a serpente em geral, ou tudo que que evoca a sua imagem, desde o cordão umbellical até o arco-iris).

Discute tambem Herskovits o problema do *Grande Deus Unico* entre os povos primitivos. No caso dos dahomeyanos, não parece ter havido este *Ur-*

monotheismus, para que tanto appella certa escola culturalista. Não é possível detalhar aqui esta discussão.

Nas manifestações artísticas, o Autor passa em revista as variedades multiplas de trabalhos artísticos dos dahomeyanos: as artes plasticas, a pintura em tecidos, as pinturas muraes; os trabalhos de escultura em barro e a fundição em metaes; a musica e a dansa; os instrumentos musicaes, etc. . . . de que já conheciamos algumas notas em trabalhos anteriores publicados no *American Magazine of Art*.

Este «trabalho de campo» levado a effeito no Dahomey, não tem um interesse puramente theorico. E' fundamental para a comprehensão de certos grupos negros no Novo Mundo, de procedencia dahomeyana. Como no Haiti, ao qual Herskovits já consagrou um dos seus trabalhos anteriores: «*Life in a Haitian Valley*». No Haiti, como eu proprio já analysei em meu «As Culturas Negras no Novo Mundo», as sobrevivencias negras principaes são de origem dahomeyana. Os trabalhos classicos de Price Mars, de Dorsainvil e outros, já o haviam demonstrado.

Sobrevivencias de certas organizações de trabalho, de manifestações artísticas e folk-loricas. Principalmente no capitulo religioso, com as ceremonias vodun, o culto da cobra sagrada, de *Legba*, etc. No Brasil, a influencia dahomeyana tambem se fez notar, intimamente fusionada com a cultura material e espiritual da Nigeria. Já tive occasião de me referir a uma cultura Gêge-nagô, no Brasil, com o seu pantheon de deuses naturaes, os seus trabalhos artísticos de metal, as suas esculpturas de madeira, os pannos applicados, etc. Alguns pontos particulares devem reter a nossa attenção.

Especialmente no «As Culturas Negras», escrevi que não havia sobrevivencias no Brasil do culto *vodun* da cobra. Apenas havia uma referencia ligeira de Nina Rodrigues. Recentemente, examinando com mais attenção alguns objectos de metal de minha colleccção particular, notei os desenhos, quasi apagados de uma cobra, e outros symbolos cujo cotejo posso agora fazer com as gravuras do livro de Herskovits. São pulseiras e outros objectos de metal que colhi na Bahia, o que prova a existencia de uma tradição do culto de *Dan*, no Brasil. Pesquisas recentes dos meus collaboradores Edison Carneiro, na

Bahia, e Gonçalves Fernandes, no Recife, veem confirmar a existencia, no Brasil, embora em grau diluido, do culto de *Dan*.

Outro *vodun* que exerceu grande influencia no Brasil foi o do deus dahomeyano *Nana-Buluku*. Eu estava na supposição que o *Nanamburucú* ou *Nanan* dos negros bahianos fosse exclusivamente yoruba. Parece, porém, que não. Apesar da importancia dos deuses *Mawu* e *Lisa*, no Dahomey, *Nana-buluku*, embora sem ser objecto de um culto especial, é mais antigo. Parece mesmo que é o pae de *Mawu* e *Lisa*. *Nana-Buluku* é o «creador», por excellencia. E isto não está de accordo com a crença dos negros bahianos, quando dizem que o primeiro orixá foi *Nanamburucú*, identificando-o com a mais velha das mães dagua, e ainda com Sant'Anna, isto é, mãe dos deuses? Neste ponto, o velho professor Martiniano do Bomfim tem razão, segundo o testemunho de Edison Carneiro, quando assevera que os negros acreditavam que «a mãe de todos os orixás era *Nanan* . . .» Estou hoje convencido que se trata de uma confluencia do mytho dahomeyano de *Nana-Buluku*.

Sobre a influencia de outros *voduns*, como *Legba* e *Loko*, e sua fusão com orixás nigerianos correspondentes, já discuti o assumpto em meus estudos sobre religiões do negro brasileiro. Herskovits acha que o culto dahomeyano de *Legba* se tenha originado, ou pelo menos recebido influencias do *Elegbara* e *Eshu* dos yorubas, o que é mais um argumento para a existencia, no Brasil, do syncretismo *gêge-nagô*.

Outra discussão interessante é do culto de *Fa*, o vodun da adivinhação. Já ha algum tempo o ethnographo francez Maupoil, que realizou uma serie de estudos sobre o Dahomey, me vem perguntando, em longa correspondencia trocada, até que ponto tem havido, no Brasil, a confluencia de orixás nigerianos e *voduns* dahomeyanos, especialmente quanto ao culto de *Fá*. No Brasil, ha o culto de *Ifá*, de origem yorubana. Agora, vejo pelo trabalho de Herskovits, que o culto dahomeyano de *Fá* tem origem yoruba. Ter-se-ia originado da cidade nigeriana de *Ife*. Os dois cultos confluíram, em concepção identica. Os processos magicos de adivinhação são muito parecidos, na Nigeria e no Dahomey. Dahi, a hypothese provavel que o culto de *Ifá*, no Brasil, tenha a dupla origem syncretica: yoruba-dahomeyana.

Ainda muitos outros pontos mereciam discutidos, como o culto da variola, do vodun *Sakpatan*, que eu descobri em algumas sobrevivencias folk-loricas do Brasil, onde os negros falam do «rei Sapata» . . . Fica para outra oportunidade de se debater o assumpto com mais largueza.

Estas considerações rapidas sobre a obra de Herskovits visam demonstrar a importancia dos «trabalhos de campo» levados a effeito em *habitat* africano. Tenho insistido em meus trabalhos que não é possível conhecer os segredos espirituaes do Negro no Brasil, sem o estudo profundo das suas condições de origem. Das suas raizes culturaes na Africa. Este trabalho, os «scholars» norte-americanos já estão realizando.

Agora mesmo, sabendo da importancia que o estudo das culturas da Nigeria tem para o Brasil, o

Em edição ARIEL:

PAULO GUANABARA

A ORIGEM DO MUNDO

Um livro que põe a historia e a vida do mundo ao alcance da creança

Themas Afro-Brasileiros

Os intellectuaes brasileiros têm hoje os olhos abertos para um grande thema, até hontem deixado ao abandono, por uma questão de pudor ou de insufficiencia: a collaboração do negro na nossa formação ethnica e social. Começamos a ver claro e sem preconceitos os problemas que formam o complexo de tal materia. E, principalmente, vamo-nos habituando a sentir o anachronico e mesmo o ridiculo de qualquer resistencia a esse movimento de interesse. Quando alguém levanta a voz em favor da these dos «aryanistas» é para perder o tempo e o latim: dura prova de capacidade, na luta do tradicional ou do simplesmente leviano contra as realidades scientificas.

O curioso é observar que não se restringe esse esforço de comprehensão do negro a um grupo limitado, que pudesse significar a elite. A attenção para os estudos afro-brasileiros é mais ou menos unanime e cresce cada dia que passa.

Muita gente, é claro que apparece nessa cousa á ultima hora: são os «fans». Torcem pelo negro. Podem não ter convicção scientifica, mas têm fé. Arrivistas, do peor arrivismo que é o da cultura, levam quasi sempre para o lado do sentimento o que deveria ficar restricto ao campo da sciencia.

Não falando em Gilberto Freyre, o mestre de *Casa Grande & Senzala*, é a um alagoano não menos illustre que se deve muito desse actual interesse da intelligencia brasileira em relação aos assumptos negros. Quero me referir a Arthur Ramos — professor, medico e escriptor.

A sua actuação, de alguns annos para cá, tem sido intensa. Actuação de leader. Tem predisposto a cultura nacional á acceitação das idéas do nosso tempo. Assim como já nos pôz em dia com a psychanalyse e com as theorias mais em voga sobre psychologia social, vemnos fazendo comprehender mais profundamente a presença do africano em nossa civilização.

Sempre em dia com os «vient-de-paraitre», com o seu relógio acertado pelo dos autores de maior renome em determinadas especialidades, tornou-se um animador de primeira ordem, que vem produzindo uma obra definitiva para a interpretação fiel de nossa historia social.

Não queria falar aqui do seu recente *As culturas negras no novo mundo* nem dos anteriores *O negro brasileiro* e *O folk-lore negro do Brasil*. São obras, estas, já definidas como essenciaes ao nosso espirito de indagação e á nossa intelligencia. Por assim dizer, obras classicas de nascença, para usar uma expressão alheia.

Desejo apenas accentuar o esforço de Arthur Ramos para que não fiquem na sombra os nomes dos legitimos iniciadores do movimento de attenção para os problemas negros entre nós.

E' sempre com o respeito de um discipulo que o vemos approximar-se de Nina Rodrigues. Circumstancias de época e conhecimento levaram-no a negar as theorias divulgadas pelo mestre bahiano. Mas não é nunca dando de hombros que elle trata das idéas daquelle chefe de Escola. Situando-o na sciencia do seu tempo, define precisamente a sua posição, ao mesmo tempo em

que põe em relevo as suas deficiencias em relação ás modernas acquisições da anthropologia e da sociologia em geral.

Ainda agora o escriptor conterraneo acaba de retirar do esquecimento paginas de um vivo encanto e de enorme interesse para os estudiosos dos themas afro-brasileiros: as de Manuel Querino. Um nome já meio apagado pelo tempo. E por signal que um nome de negro.

Arthur Ramos reuniu alguns trabalhos do autor bahiano, enriqueceu-os com annotações e publicou um livro indispensavel á cultura brasileira — *Costumes africanos no Brasil*, com uma introdução de sua autoria. Com duas memorias, um ensaio e excerptos de um livro hoje raro realizou um volume attrahente, que acima de tudo (pode dar, aos homens de hoje, a idéa mais ou menos exacta da estatura de Manuel Querino.

Dessa fórma o joven mestre faz uma revisão nos valores expressivos do movimento de comprehensão da cultura negra em nosso paiz, fazendo voltarem aos seus verdadeiros lugares aquelles que não foram devidamente considerados na nossa historia e na nossa lembrança.

Basta este trabalho, de tanta dedicação e tanto desprendimento, para definir a mentalidade de Arthur Ramos, como homem de sciencia e como homem de letras.

WALDEMAR CAVALCANTI.

« POEMETOS A' FEIÇÃO DO ORIENTE »

Um grupo de amigos de Austen Amaro está promovendo a publicação de mais um livro de poemas desse conhecido poeta mineiro, sob a forma de subscrição, tendo sido abertas diversas listas. Este gesto dos amigos de Austen Amaro merece applausos e com elle lucrarão por certo as rodas de bibliophilos do paiz.

prof. Herskovits punha á minha disposição a boa vontade do seu discipulo Mr. Bascom, que seguiu para *Ibadan*, a realizar «trabalhos de campo». Eu formulei grande quantidade de questões. E das respostas que tenho recebido, tenho já elementos para informar muita coisa que corria entre nós como dogma... E alguns intellectuaes nossos ingenuos a bradarem que está sendo excessivo o interesse actual sobre o Negro, no Brasil... Parece ironia! Não temos nada, não sabemos nada! Ficamos de agua na bocca, com trabalhos que nos veem de fóra, como este de Herskovits. Temos a sensação dupla de muita alegria em manusear este material, e de muita tris-

teza, em ver que a nossa pobre cultura ainda está na infancia.

Onde está aquelle grupo de abnegados que queria iniciar no Brasil, os «trabalhos de campo», promover viagens culturaes de pesquisa e outras coisas sem importancia? Mestre Afranio Peixoto, do alto da sua serenidade, não se conteve e lançou ha dias um brado angustioso, por todos nós que «temos frio», que «estamos no escuro», que queremos fazer alguma coisa pela cultura do Brasil, e apenas tacteamos nas trevas.

ARTUR RAMOS.

CONDE DE AFFONSO CELSO

Chegamos tarde para juntar as nossas vozes de magua e dorido pesar áquellas muitas outras, e das mais altas, e das mais puras, em que se expressou o sentimento de toda a Nação pelo passamento desse illustre brasileiro, tão digno de admiração e respeito, e cuja memoria será sempre um paradigma de virtudes difficilmente reunidas e igualaveis. Assim, fazemos tambem nossas as bellas palavras com que Miguel Ozorio de Almeida, lhe disse, á beira do tumulto, o adeus da Academia Brasileira de Lettras, e que para aqui trasladamos:

«Senhores!

O desaparecimento de Affonso Celso representa para a Academia Brasileira o mais rude e o mais doloroso dos abalos. Sem duvida estava sua saúde bastante combalida, mas incomparavel resistencia dava a todos nós a illusão, que nos compraziamos em cultivar, da possibilidade de, por longo tempo, beneficiarmos de sua magnifica acção de Mestre. Não ha ainda uma semana, quiz elle vir tomar parte em nossos trabalhos. O respeito que naturalmente em torno de si criava não diminuia as effusivas manifestações de affecto com que sempre o recebiamos, é que Affonso Celso era para todos nós como que a personificação da nobreza e das virtudes que procuramos desenvolver como o ideal a attingir. Sua serenidade provinha do animo forte, temperado pelos embates sem conta que a vida lhe proporcionou.

Vida exemplar e cheia! Nunca soube o que foi o repouso, a tranquillidade desfructada, bem cedo começou os seus arduos trabalhos; estava na idade em que a maioria ainda apenas procura o caminho a seguir e já se notabilizava no Parlamento, como soldado das grandes campanhas para a conquista dos mais alevantados principios. Republicano na Monarchia, fez-se monarchista logo após a Republica, pois com a generosidade de sua alma e a rectidão de seu espirito, não podia admittir que, nas lutas politicas ou sociaes, houvesse injustiças ou predominassem a ingratição e a insensibilidade. Nunca foi hostil ao ambiente novo. Distribuiu a mancheias os fructos do seu trabalho, os resultados de seus estudos. Soube, porém, manter sempre como bloco intangivel os seus mais caros ideaes. Nada revelava em seus actos ou palavras qualquer intolerancia ou o mais leve traço de intransigencia. Ao contrario, tinha sempre expontaneo e generoso o sorriso que perdoava, o aperto de mão que reconfortava e exaltava. Mas todos sentiam que seus attitudes e gestos tão elevados tinham como fonte uma fé profunda e inalteravel nos elementos eternos e superiores da humanidade. Não se isolou no orgulho dos deslocados ou transplantados. Esteve sempre na liça a combater o bom combate. Dir-se-ia que, ao penetrar a profunda significação da vida, comprehendeu que as tarefas de cada instante são dignas, nunca devem ser menoscabadas, fazem parte integrante da grande corrente, infinita no tempo, que nos envolve e nos arrasta.

Poeta, romancista, historiador, ensaista, professor, jornalista, academico, orador, Affonso Celso desdobrava-se, multiplicava-se, na ansia de espalhar em torno de si o maior bem, a maior felicidade. Em tudo que fazia, nas manifestações mais variadas de sua vasta intelligencia ou de sua larga cultura, havia sempre dois traços dominantes: a consciencia meticulosa e a fidalga amabilidade. Nada comprehendia sem a sufficiente preparação. Mas em todos os momentos, em todas as occasiões, sabia dar ás suas idéas e suas acções os tons mais delicados e finos. Em sua vida intellectual, como em sua vida privada ou em sua actividade social, a austeridade de seu modo de ser não era rigida e cheia de arestas; a distincção não procurava afastar ou distanciar; era antes revestida pela affabilidade a mais encantadora. Fazia ella parte de sua propria natureza, era sem duvida a manifestação desse dom superior dos entes naturalmente nobres que vêem sempre em cada ser ou em cada situação o que em elles ha de melhor e de mais digno.

Affonso Celso estava longe, porém, de ser o homem que, a custo de dominar suas emoções, vem a tornar-se frio e insensivel. Guardou até o fim a fresca e expontanea capacidade de vibrar, de reagir, principalmente diante das manifestações da belleza ou da arte. Era de ver como, na Academia — tomava parte nas discussões. Servido por memoria sem par, a mente povoada por innumeras recordações de factos que presenciara ou das immensas leituras que fizera e continuava sem descanso, suas intervenções eram luminosas e crystalinas e suas opiniões vinham esclarecer e encerrar os debates por vezes obscuros e tateantes. Após o seu afastamento, imposto pela doença, quantos de nós fomos mais de uma vez pedir-lhes os conselhos! E no seu leito de dores, com a sua bella figura onde a crisperação do soffrimento transformava-se logo no sorriso acolhedor e paternal, informava, ensinava, esclarecia, dissipava as duvidas. Sabiamos maravilhados e melancolicos, com a incontida admiração por esse forte espirito que ardia puro e immaculado e a tristeza da previsão de seu fim proximo.

Não! Não é o fim! Affonso Celso viveu pelo sentimento, pela razão, pelo espirito, e taes predica-dos quando elevados ao nivel em que elle soube situar-os, não morrem, não desaparecem. E seus escriptos ficarão perennemente com o mesmo calor e a mesma doce luz. E em nossa Academia, da qual foi elle um dos fundadores, ficarão profundamente gravados em nossa memoria e em nossos corações. As novas gerações de academicos encontrarão em nós a sua forte e suave lembrança, tão viva e reconfortante que elles a assimilirão intacta. Assim ficará, na sua verdadeira immortalidade a figura impar do Mestre, sobre cujo ataude derramamos as lagrimas de uma infinita saudade.»

Litteratura Portuguesa Contemporanea

A Criação Do Mundo (Os Dois Primeiros Dias), de Miguel Torga, foi a melhor surpresa litteraria que me veio de Portugal desde que de lá voltei. Surpreza por ser a revelação, para mim sem aviso prévio, de Miguel Torga, grande poeta, como grande romancista, e surpresa por ser um magnifico romance vindo de terra onde ultimamente esse genero é pouco e fracamente cultivado.

No movimento modernista brasileiro, o romance é a regra; no portuguez, é a excepção. Ha muitos poetas no Brasil moderno, mas ha, sobretudo, romancistas; em Portugal, quem tem talento e alguma coisa nova para dizer, é poeta, sempre poeta. A renovação que lá, como em todo o mundo, se opera na litteratura, é feita em verso. A obra de estréa de quasi todos os jovens que, de alguns annos para cá, se apropriaram da litteratura portugueza para lhe dar novo corpo e nova alma, e renovada gloria, é obra poetica. Antes deste romance de Miguel Torga, lembro-me de outros dois que me parece poderem constituir duas phases do romance modernista portuguez, só um delles não sendo de autor poeta: esse é o *Eloy* de João Gaspar Simões, com o qual, se não me engano, aparece a primeira tentativa de mérito para adaptar o romance ás modernas necessidades e fins da litteratura, desembaraçando-a da rotina desinteressante em que vinham caíndo aos poucos a imaginação e a expressão dos romancistas portuguezes. Foi, pelo menos, obra audaciosa que espantou uns e enfureceu outros, que indicou novos rumos, e que, embora com muito de francezes e russos, embora não sendo bem um romance portuguez, era romance novo para os portuguezes.

O outro é *O Jogo da Cabra Cega* de José Régio; já se deve saber, entre nós, que Régio é o maior poeta portuguez da actualidade. Como romancista, elle era também, até agora, aquelle que tinha produzido obra de mais vasto interesse e de mais valiosa originalidade; *O Jogo da Cabra Cega*, o seu unico romance, era o unico de authentico valor moderno que se tinha publicado em Portugal du-

rante os poucos pares de annos que lá tem de idade o modernismo.

Esse sim, era um perfeito romance com todas as qualidades para fazer escola em Portugal; pena é, ou grande honra, que tenha sido posto no «index» e retirado das livrarias não se sabe bem por que motivo, ou pretexto...

Agora vem Miguel Torga, o companheiro de Régio nos cumes da poesia portugueza, tirar-lhe como romancista, o primeiro lugar que não lhe tira como poeta.

Elle e José Régio têm extraordinarios pontos de semelhança nas suas inspirações e maneiras poeticas, embora se conservem um e outro dentro de attitudes proprias e fundamentalmente diversas. Como diz Adolfo Casais Monteiro (*Revista de Portugal*, n.º I) «Régio é uma consciencia afflictiva no seu isolamento, e que procura soffregamente a Deus e ao mundo, Torga é um inimigo de Deus e dos homens, possesso dum orgulho diabólico, tendo sempre na bocca o sarcasmo e a blasphemia».

Como romancista, Régio é mais poderoso, mais complexo, mais tortuoso; Torga é mais simples, mais natural, ainda que igualmente angustiado; mais simples, talvez porque, ao escrever romance, se liberta menos do que Régio da experiencia poetica e até dos processos poeticos. Em muitos trechos de *A Criação do Mundo* ha ingerecias evidentes de *O Outro Livro de Job*. Falta saber qual é o melhor romancista, se o que é, ao mesmo tempo, mais poeta, ou o que o é (menos. E' o caso do nosso Jorge Amado, que é o maior poeta do romance brasileiro, e que não deixa porisso (ou é porisso) de ser um dos nossos mais perfeitos romancistas.

Torga escreveu *A Criação do Mundo* no mesmo estylo em que escreve os seus poemas: um estylo quasi selvagem, barbaramente arrancado de dentro de sí, e não feito. Tudo o que elle diz é elle proprio posto a nú, sem pudor, sem modestia, sem artificio. E a prosa sae-lhe como a poesia, brava, em torrente, quasi aggressiva.

A sua maneira lembra um pouco a dos nossos romancistas, mas não porque elle seja por elles influen-

ciado. Lembra Lucio Cardoso ou Jorge Amado, nisso que deve ser o ponto commum dos romancistas de hoje: no sabôr gostoso e meio acre que nos deixam todos os seus livros, o sabôr cheio, inteiro, de humanidade, só humanidade, que tanto se manifesta em odio como em amor. O sabor da nossa época, em que, apesar de tudo, o homem é mais homem que em todos os outros tempos da historia.

Este primeiro volume de *A Criação do Mundo*, que tem como subtítulo *Os Dois Primeiros Dias*, é a historia da infancia de Mario de Araujo (Miguel Torga) desde os bancos estreitos e tristes da escola de Agarez de Traz-os-Montes, com o temido tanque do problema de arithmetica cuja capacidade sempre acabava por ser medida em lagrimas, o desgraçado «papel de trinta e cinco linhas... Ditado!», a libertação barulhenta do fim de classe, todas as pequenas miserias e grandezas dos meninos de collegio, depois a ida para o Porto como criado de servir, o seminario, e, a terminar a primeira parte do livro, a partida para o Brasil.

A segunda parte é a de Mario-moleque de terreiro na fazenda de Morro Velho, em Minas, perdido entre dois extremos, um de encanto e sensação da grandiosidade da terra — «aquelle Brasil era um deslumbramento!» —, outro de dureza, de hostilidade, symbolizado no odio da tia, no seu olhar de esguelha, nas suas lunetas — «a grandeza de tudo amesquinha-se nas lunetas de minha tia».

Os annos vividos em Minas passam-se todos entre esses extremos, quasi sempre mais perto do mau que do bom, todos aquelles odios e amarguras cortados uma ou outra vez por algum episodio de suave lyrismo que passageiramente ameniza todas as desgraças, como o idyllio meio melancolico, um fiozinho de ternura, mas consolador, de Mario com Dina, até ao regresso, talvez brusco, a Portugal. «Novamente minha tia abriu o cesto do farnel. Novamente declarei que não tinha fome... Tinha fome, sim, mas não era de pasteis e goiabada. Tinha fome de ser como aquelle rio, livre, forte, caudaloso, levando á tona, como tropeus, os

A Proposito de uma Personagem

O eixo central de *Vidas Seccas*, de mais complexa feição real e social, aquelle que situa o livro de Graciliano Ramos entre as destemidas afirmações de verdade humana, parte de Fabiano. De seu caracter mortificado, aniquilado de reservas heroicas pela barbara sujeição ás circumstancias, a se debater no profundo rudimentarismo das impressões, resulta, antes que o romancista lhe surpreenda a ironia passiva e o accommode na resignação necessaria, uma continua unidade para a narrativa, de certo modo singular em face da diversidade de aspectos que se occulta nessa representação nova de temperamento e de alma.

A indeterminação psychologica da personagem de Graciliano, decorrentes de attitudes imaginadas e não concluidas, de avanços no campo emotivo e recuos na peleja rodeante, sob o medo coerente do castigo ou do flagello, a punição do espancamento e a praga da secca, numa accommodação sem esforço é bem o retrato limitado de uma humanidade que nas terras sem seiva e automatizadas pelo fatalismo elementar se destroe e se suicida na bruta dissolução de seus melhores sentimentos. A perda da personalidade é a primeira surpresa do advena que receia tudo, até o olhar parado do curibóca.

Fabiano, em seu primarismo, guarda um sentido notavel de homem do norte, no que este possui de doloroso e desolador: sua coragem desarrimada de qualquer

dentes postiços de minha tia, que me mordiam, e o seu vestido de folhos, que me envergonhava».

A Criação do Mundo é, sem duvida, o melhor romance publicado em Portugal nestes annos de nova litteratura. Algumas falhas que tem não lhe roubam interesse nem merito. Augmentam o interesse com que se esperam os outros dias da Criação, pela certeza com que se fica de que o proximo romance de Miguel Torga será uma obra prima, melhor ainda do que este que já é, até agora, o melhor de todos.

MARIO BORGES DA FONSECA.

protecção, seu destemor inutil que precedem a integração ao scenario solapado pelas violentas tempestades de sol. Elle ás vezes se deixa comprehender como uma interrogação rebentando do painel, adquirindo mesmo a figura symbolica de uma pergunta que se desatasse para o alto, levando no delirio que lhe provocou a ascensão, um recorte violento de angustia e de silencio. Na verdade o seu typo vale por uma attitude de renuncia e demissão, mas ella é condicionada á perspectiva humilhante de que a victoria pendeu para o lado mais forte. Seu raciocinio reduzido, esmagado pelas sensações atordoantes que lhe transmittem a inclemencia da vida e o odio incomprehensivel dos outros homens, parece que se fez tambem uma resultante da paisagem encolhida e inerte. E' ainda um aspecto desse mundo pequeno que lhe mirrou as energias, queimou o povoado e açulou toda a gente.

Mesmo no dia em que se libertar da praga, Fabiano não será livre; outro homem, seu irmão na presença de Deus, fará delle um novo animal a uivar na sombra roxa do valle, e quando apontar a hora de construir outra vez, nos caminhos envenenados e senís elle será carne boa para a ronda da doença da terra.

O vigor extraordinario que faz o companheiro de sinhá Vitoria atravessar leitões de riachos defuntos e caminhar por estradas bravas, promana de seu proprio destino ameaçado de nomade, sacrificado á mystica do nimbus aterrador e redemptor. A submissão que lhe força a tarefa impiedosa das retiradas, sob um céu que tambem se mostra esturricado e seco, na quentura que se reflecte dos barrancos rachados, é tão intenso e anonyma que attinge para elle mesmo a proporção de um soberbo instante de covardia.

Toda a expressão humana da planicie se define em Fabiano e em sua tortura sem appellos; até no milagre de suas virtudes adivinhamos um trecho de epopéa circulando, uma palpitação de incerteza nativa incrustando-se nas suas horas de socego irregular, socego que é apenas a mais sublime de suas au-

dacias. Existe evidentemente nesse espectáculo uma precipitada comprehensão das paginas que certa vez brotaram da penna de Kipling...

Dahi a alta fascinação dessa personagem que sustenta, movimentando os mais sisudos retiros de nossa sensibilidade, toda a densidade e é a suggestão mais ampla de *Vidas Seccas*. Para o leitor do centro, que difficilmente se conforma com a visão authentica do nordeste agoniado, a revolta é irreprimivel e a tragedia de Fabiano impelle á reflexão. E' que Graciliano Ramos conseguiu trazer para o livro, em scenas de estranha serenidade allucinatoria, essa realidade malsã que o flagello crêa e continúa. A palavra mesmo que lhe resume os deslumbramentos tem vivos lustres de sol no barro vermelho, mantendo-se em sentidas exclamações até no momento em que a acção é puramente a paisagem se assando e se revolvendo.

Vidas Seccas confirma a sagração já conferida a Graciliano Ramos pelo publico e pelas vozes de nossa litteratura quando appareceu *Angustia*. E' bem um romance desse escriptor que consegue transfigurar a sua arte em nervoso depoimento de feitos interiores convertendo cada vicio e cada pureza em nobre motivo litterario que lhes attráia sympathia e piedade...

DANILO BASTOS.

Dante Costa — *Bases da alimentação racional* — Comp. Editora Nacional — Rio.

Eis ahi um livro notabilissimo, de alguém que será dentro em pouco um dos grandes nomes da sua geração medica. Dono de um dos melhores estylos da gente nova do Brasil, Dante Costa, que todos os nossos leitores conhecem e amam, discorre sobre coisas de sciencia com um encanto que mais e mais se avoluma á sequencia das paginas.

Alfredo Dante Gravina — *Sangre en los surcos* — Sociedad Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo.

Ha um perfeito equilibrio entre a sensibilidade e a arte litteraria deste escriptor de lingua hespanhola. Suas narrações extrahem substancia dos themas regionaes, mas a interpretação do artista é sempre de uma desafogada largueza bem humana, bem universal. Alfredo Dante Gravina parece-nos um nome a reter.

David, pintor de Napoleão

Ingres, no fim da vida, costumava dizer que Louis David fôra «o unico mestre» de seu século.

Homem de seu tempo, voltado para o exame de todas as idéas politicas, David acompanhou de pincel e palheta na mão toda a evolução da jornada revolucionaria de França, desde a tomada da Bastilha até o golpe do Brumario, o Consulado e o Imperio.

Tomava parte nas reuniões dos patriotas afogueados de 93, admirava Marat, adorava Robespierre e esteve ao lado de seus amigos e de seus chefes, em todas as circunstancias.

A firmeza de suas convicções igualava a força do seu colorido artistico: pintor de primeira agua, procurou sempre estar de bem com a consciencia, — e isso na mais curiosa e accidentada das vidas.

DAVID ANTES DE NAPOLEÃO

A memoria de Louis David cerca-se de uma atmospheria em que ha muito exaggero e muita maldade.

Varios historiadores quizeram mostral-o como homem de máo character, capaz de traições e de emboscadas até mesmo contra os amigos mais proximos.

O que havia nelle, objecta o sr. Henri Roujon, era uma intelligencia atrevida e ativa a serviço de uma vontade subalterna. «Como Talleyrand, como Fouché, como tantos outros revolucionarios, elle nasceu com uma alma official. A orthodoxia politica affectou em França, entre a tomada da Bastilha e a segunda Restauração, aspectos de uma perturbadora variedade. As palinodias de David não são, para falar a verdade, senão maneiras successivas de praticar a unica devoção que lhe conquistava o coração: a religião do mando».

Assim, quando a França se empolga no «culto de Marat», David faz-se o interprete plastico desse entusiasmo, executando «uma heroica imagem de santidade, de accordo com o novo dogma».

David via no poder a fonte que dava origem ao genio e o alimentava. Assim, foi um ardoroso robespierrista. A 8 Thermidor, na vespera da tempestade que enguliu o Incorruptivel, David foi ao Clube dos Jacobinos applaudir «o homem da virtude».

Nessa noite, Robespierre falou em beber cicuta: essa tirada socratica bastou para embriagar a fogaosa imaginação do pintor.

— Nós beberemos a cicuta contigo! exclamou David.

A 9 Thermidor, por acaso, uma indisposição impediu o pintor de ir á Convenção. Se elle lá estivesse, teria formado na carreta sinistra ao lado de Henriot e Couthon.

Escapando á morte por um acaso futil, David encolhe-se, num gesto do «despotismo medroso» de que fala Roujon: no periodo de reacção que se segue, o pintor acha mais interessante dedicar-se á confecção de retratos de amigos e potentados, deixando adormecer todos os sonhos politicos.

Mas a reputação do artista está feita com alguns quadros: «Belisario», «Os Horacios», «A Morte de Socrates». O General Bonaparte, voltando da Italia, para onde partira quasi desconhecido da França, chega a Paris envolto numa resplandecente aureola.

Nomeado membro do Instituto nacional, Bonaparte deseja conhecer pessoalmente o artista que enthusiasma a França.

No dia em que Lagarde, secretario do Directorio, o convida para jantar, Bonaparte responde:

— Irei, mas com a condição de que David esteja presente.

O secretario do Directorio convidou David, que não esperou que o amigo insistisse.

Chegando á casa de Lagarde, Napoleão dirigiu-se ao encontro de David e os dois se puzeram a conversar.

— Quero pintal-o, cidadão general (disse o artista), com a espada na mão, num campo de batalha.

— Não, retorquiu Bonaparte, já não é com a espada em punho que se ganham as batalhas. Quero ser representado calmo, montado num cavallo fogaoso.

O GOLPE DE 18 BRUMARIO

Um amigo de David (Delécluze), foi encontrar o pintor, fumando o seu cachimbo inseparavel, no dia do golpe de Brumario.

— Ah! exclamou David, alludindo á reviravolta politica encabeçada por Bonaparte, sempre pensei que não eramos bastante virtuosos para ser republicanos!

Sentindo a necessidade de citar uma phrase latina, proseguiu:

— *Causa victrix diis placuit*... Como é mesmo o resto, Etienne?

Delécluze completou a citação:

— Isso mesmo, meu bom amigo, concluiu David. *Sed victa Catoni*...

Apesar disso, commenta Roujon, Catão, mesmo deplorando a causa vencida, fez-se o pintor de Cesar. David encontrava finalmente a bitola de seu entusiasmo e da inquietude de seu pensamento politico.

Alliando ao fogo com que se entregara ao robespierrismo as lições de energia que Bonaparte lhe dava em todos os actos, David encontrou no Consulado e no Imperio a força necessaria ao ardor de suas convicções. O bonapartismo foi-lhe de então para sempre uma couraça e uma razão de ser no terreno da propria arte.

O QUADRO DO MONTE SÃO BERNARDO

A promessa feita por David a Bonaparte, de retratal-o de maneira original, ficou meio adormecida nas primeiras campanhas do Consulado.

Tendo atravessado o Monte São Bernardo, para repetir o feito fabuloso de Annibal, Bonaparte, ao voltar de Marengo, mandou chamar David ao seu gabinete.

E' E'mile-Marco de Saint-Hilaire quem conta a scena, á qual tambem estava presente Luciano Bonaparte, então Ministro do Interior.

— E então, David, perguntou Bonaparte, em que trabalha agora?

— Em meu quadro de «Leonidas nas Thermopylas», cidadão consul.

— Ah! Ah! eu sei, disse Napoleão. Mas você está errado, fatigando-se em pintar vencidos. Só o nome de Leonidas chegou até nós e os restantes se perderam na historia.

David protesta: nem tudo se perdeu, e ao menos ficou o exemplo da resistencia e da dedicação daquelle punhado de bravos.

Bonaparte indaga do pintor quando começará a fazer o seu retrato: desde que o Primeiro Consul se disponha a posar, responde David.

— Posar! Para que? retoma Napoleão. Então você pensa que os grandes homens da antiguidade, de que temos hoje as imagens, tenham algum dia posado?

— Não é a mesma coisa: eu quero pintal-o, cidadão consul, para o seu seculo, para os homens que o viram, que o conhecem e que haverão de querer achar o retrato parecido.

— Parecido! acrescenta Napoleão, sorrindo. Ora, vejamos! Não são nem a exactidão dos traços do rosto, nem um signal na bochecha, nem uma pequenina verruga no nariz que indicam a semelhança; é o character da physionomia, a expressão da alma, o conjunto do individuo, isso sim, é que é preciso procurar representar, e nada mais.

Para provar o que affirma, Bonaparte diz que Erasistrato, que curou Antiocho, só tinha um olho e Leonidas era baixote e corcunda.

David acaba por concordar com o Consul e se dispõe a pintal-o á sua maneira. O quadro saiu magnifico: Napoleão transpondo os Alpes, envolto num manto que flutua ao vento. Os nomes de Annibal e Carlos Magno estão traçados nos rochedos do primeiro plano.

Quando o quadro é apresentado a Napoleão, este, depois de o ter examinado, indaga do artista o que faziam no ultimo plano tres ou quatro «camaradinhas», quasi do tamanho das ferraduras do cavallo. David explica que os quatro «camaradinhas» estão no quadro para «ajudar o effeito». Bonaparte pediu ao pintor que os deixasse ficar lá, e que os pintasse mesmo mais numerosos — apenas, que os fizesse um pouquinho maiores. Nessas condições, o artista concluiria «um verdadeiro retrato de familia».

O QUADRO DA COROAÇÃO

Desde o momento em que Napoleão, eleito e reconhecido Imperador da Republica Franceza, teve a certeza de que o Papa viria coroal-o em Paris, mandou que David executasse o quadro da scena da coroação.

David estava então em pleno fastigio imperial: recebera das mãos de Napoleão a estrella da Legião de Honra, e gozava do maior prestígio nas rodas palacianas; tomou logo as providencias normaes para pintar o panorama faustoso da Coroação e escreveu uma carta pedindo ao sr. de Segur um camarote na Cathedral, para poder tomar os seus apontamentos iniciaes. O sr. De Ségur, atarefadissimo, julgou um tanto exaggerada a pretensão de David e mandou-lhe apenas dois ingressos para tribuna. David, entre-

tanto, resistiu, conseguiu o camarote que ambicionara e, ainda por cima, a nomeação de «primeiro pintor» do Imperio.

Realizada a cerimonia, Napoleão alugou a igreja de Cluny para «atelier» do mestre. David ahi se installou a partir do 10 Pluviôse, recebeu um adeantamento de 25.000 francos e começou a trabalhar.

Os esboços preparatorios tomaram-lhe um tempo immenso: concluiu, assim, as perspectivas geraes, os retratos do Papa e do Cardeal Caprara. Encheu tres albums de desenhos, que, na opinião de Masson, passam muito adiante, em movimento e vida, de todos os quadros da Escola moderna.

As idéas de David eram portentosas: elle queria fazer, em torno da Coroação, não apenas um quadro, mas quatro.

Contentar-se-ia com a somma de 100.000 francos para cada um. Os financistas acharam que seria muito dinheiro: David já recebera, de adeantamentos, 65.000 francos; e o governo acabava de lhe pagar 72.000 francos pela téla «As Sabinas».

Assim, David foi obrigado a desistir da «Enthronização» e da «Chegada ao Paço Municipal», para só se occupar com «A Coroação» e «A Distribuição das Aguias».

No quadro da Coroação, tudo ia bem, tudo estava arranjado e disposto, tudo, tudo, excepto a figura do Imperador. Emquanto os outros figurantes se harmonizavam elegantemente no conjunto, Napoleão ostentava uma posição comica, com a mão direita agarrando a corôa e a esquerda segurando a espada: attitude de «clown», como diz Frédéric Masson.

Nesse momento deu-se a intervenção de Gérard, que era mais realista e encontrou a solução: ao em vez da coroação de Napoleão, far-se-ia a coroação de Josephina, não por quaesquer razões sentimentaes, mas apenas porque assim o exigia a arte da composição artistica.

A 4 de janeiro de 1808, o Imperador veio examinar a obra de David.

— Muito bem, David, disse. Você adivinhou todo o meu pensamento, você me fez um cavalheiro francez.

Napoleão examinou a vastissima téla durante uma hora e quinze minutos, analysando de perto todos os detalhes, reconhecendo e dizendo os nomes dos figurantes.

Depois, dando amostras de uma grande satisfação, caminhou para o pintor, tirou o chapéo e, segurando-o pela aba fronteira, esboçando o gesto com que fazia a saudação ás Aguias, disse:

— David, eu te saúdo!

No dia seguinte, David recebeu do intendente geral da Côrte a importancia de 35.000 francos. Completavam-se, assim, os 100.000 que elle estipulara como recompensa ao trabalho.

«E não foi caro», remata Masson, em seu estudo sobre o quadro da Coroação.

DAVID DURANTE OS DIAS DE ELBA

As convicções de David, que antes de Brumario se haviam tantas vezes alterado em rythmo irregular, não se abalaram entre os dias decorridos entre a queda da Aguija e a volta da Ilha d'Elba.

Assim, resistindo aos Bourbons, deixou de comparecer ás reuniões semanaes da quinta classe do Instituto.

Na sessão annual de 1814, compareceu apenas para cumprir um dever, ao que nos conta Henry Roujon. Dois de seus discipulos, Rioult (segundo premio de pintura) e Robert (Segundo de gravura) seriam laureados.

Presidia á cerimonia o Duque d'Angoulême.

Por um antigo costume, todos os laureados se dirigiam, recebido o premio, aos seus mestres, aos quaes beijavam em signal de gratidão. Os nomes de Rioult e Robert foram propositalmente esquecidos.

«Entretanto (conta Roujon), mudo em seu banco, David oppunha ao ultrage aquella mascara de orgulho cuja fealdade tanto tempo fizera tremer os demais. Dessa vez, não era elle que parecia pequeno!»

«LEONIDAS NAS THERMOPYLAS»

Voltando da Ilha d'Elba, Napoleão, poucas semanas depois, foi visitar o pintor em seu «atêlier» da Sorbonne.

O «Primeiro pintor» trabalhava então nos retoques finaes de «Leonidas nas Thermopylas».

— Muito bem, Senhor David, disse-lhe Napoleão, continue honrando a França. Espero que as copias de seu quadro não demorem em ser collocadas nas escolas militares. Ellas lembrarão aos jovens alumnos as virtudes proprias de sua profissão.

E, como que para dar uma approvação mais decisiva a essas palavras, Napoleão promoveu David a commendador da Legião de Honra.

1816 — O EXILIO EM BRUXELLAS

A firmeza das convicções bonapartistas encerrou a vida politica de David.

Em 1816, votado ao exilio, elle pediu passaportes para a Belgica. Não quizeram que um artista de seu genio deixasse a França, mas David teimou e foi para Bruxellas, onde morreu, e em cujo cemiterio ainda repousa, sob um obelisco vistoso cercado de cyprestes.

Seu nome está para sempre gravado á Epopéa Napoleonica e á arte de França. Influuiu decisivamente na arte de Gérard, de Gros, de Girodet e de Ingres, dictando a sua maneira e o seu genio e um grupo de discipulos que se tornaram, como elle, immortaes.

DONATELLO GRIECO.

(Excerpto do volume «A vida de Napoleão contada pelos livros», no prélo).

Acaba de apparecer :

MINHA VIDA

de ISADORA DUNCAN

2.^a Edição — Traducção de Gastão Cruls

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

SE TU VIesses PARA MIM UM DIA

*E se minhas mãos frementes como azas
sobre a tua cabeça descansassem,
não lembrarias a maldade dos homens
nem sentirias a dor da Vida.*

*Se teus ouvidos encostassem no meu peito,
não escutarias as blasphemias do criminoso
nem os queixumes do orphão.*

*Se meus dedos cerrassem de manso os teus olhos ma-
[guados,*

*tu não verias teus irmãos lutando
nem enxergarias a miseria que te envolve.*

*Se tuas mãos repousassem sobre o meu coração.
tu não escreverias mais contra o teu Deus
nem semearias a dolorosa verdade da vida
no coração das creaturas que sonham.*

*Se unissem teus labios resequidos á minha boca
tu não amaldiçoarias teu destino
não blasphemarias contra a moral,
não ririas da sociedade em que vives.*

*Eu te integraria no meu corpo
para sentires o que sinto.
para sorrires o meu sorriso
para chorares o meu pranto
e haverias de ver, amor, a vida como é boa...*

Se tu viesses para mim um dia.

IVANNY RIBEIRO.

ALCIDES BEZERRA

O «BOLETIM DE ARIEL» acaba de perder um de seus collaboradores mais assiduos e acatados: o sr. Alcides Bezerra, morto em plena phase de producção intellectual. Voltado desde muito cedo para as questões historicas e sociologicas, o sr. Alcides Bezerra fez de sua vida a união harmonica e proveitosa do estudioso e do professor, examinando todas as doutrinas e emprestando subtis interpretações scientificas a varios periodos de nossa historia. Dedicado analysta da materia philosophica, deixou-nos alguns livros em que a summula de suas pesquisas se torna sempre interessante e util. Estudando a personalidade de Vicente Licinio Cardoso, investigando *A Revelação Scientifica do Direito*, esclarecendo as diversas phases de nossa philosophia colonial, jogando novas luzes sobre determinados pontos obscuros de nossa chronica politica, soube sempre o sr. Alcides Bezerra transformar a rude materia prima extrahida dos archivos em substancia clarificada e disciplinadora dos espiritos. Director do Archivo Publico Nacional, durante longos annos, soube sempre alliar á sua integridade administrativa os methodos dynamicos de um historiador á moderna. Nesse instituto, favoreceu sempre as analyses dos interessados, batendo-se pelo total aproveitamento dos papeis e documentos publicos nelle contidos. Membro da Academia Carioca de Lettras, ainda recentemente representara o Brasil numa caravana intellectual que foi ao Uruguay. A morte veio colhel-o pouco depois da volta de Montevidéo. O BOLETIM DE ARIEL presta aqui a sua homenagem commovida e modesta a esse esforçado e honesto trabalhador das lettras. Prestamos essa homenagem movidos por um innocultavel sentimento de gratidão, porque Alcides Bezerra, trabalhando connosco desde o primeiro momento, deu muito de sua intelligencia e de sua cultura para que a nossa Revista caminhasse para a frente, na missão de divulgar as conquistas das lettras e consolidar as realizações do espirito.

NOTA — Esta noticia deixou de ser publicada em nosso ultimo numero devido a exigencias de paginação.

A proposito de um livro sobre alimentação

Eu não conheço surpresas mais desnorteadoras do que aquellas que a intelligencia e a cultura reservam aos homens dotados de qualidades intellectuaes. O espirito é uma aventura viva. Não limita roteiros certos para as suas arrancadas creadoras. Se hoje toma um rumo que dá a ideia de ser definitivo, ou, pelo menos, de ter sido preliminarmente escolhido para sua peregrinação, amanhã segue por caminhos outros, exactamente pelos caminhos que pareciam menos indicados para as suas caprichosas preferencias.

A vida da intelligencia se faz da propria surpresa de si mesma. Admiravel força de adaptação do homem ao meio, no sentido que lhe dá Mach, a intelligencia não traz outro destino que o de abrir perspectivas novas ás aventuras do nosso mundo interior, perspectivas que melhor se ajustem á maneira de ser de cada espirito.

Como, pois, antecipadamente, definir e systematizar as orientações que devem nortear as nossas viagens pelo mundo das ideias?

O Sr. Dante Costa, para contentamento dos que apreciam a sua equilibrada organização de escriptor em pleno dominio de todas as faculdades de espirito, conhece, bem melhor que nós, a deliciosa, a adoravel surpresa das mais sôltas aventuras da intelligencia. A presença do jovem prosador nas letras nacionaes guarda o fascínio daquella extranha impossibilidade de previsão, de que fallamos. Hontem, era o leve fixador das impressões da vida alegre ou triste que arrastamos neste malicioso mundo. A mais pura sensibilidade vivia divertindo-se em jogos encantadores na arte de Dante Costa, ora amando o vôo de um passaro, ora estimando ouvir a clara risada de uma criança, ora estimando entender o subtil sorriso de uma mulher.

Aligero annotador das emoções que não iam além da epiderme de cada um, a graça flutuante do escriptor era a dessas azas inquietas que se delicias em todas as flores e em todos os perfumes. Aquella maneira distrahida que o Sr. Dante Costa tinha de dizer as

coisas mais simples com as palavras mais lindas, não davam a elle senão o direito de chronista destinado a glorias fugidias. Mas eis que, decorridos quatro ou cinco annos, vem de novo, a publico, o Sr. Dante Costa. E vem para nos surprehender.

O chronista que era o melhor amigo das imagens claras, o suave poeta transviado em prosa, que trazia a alma num desarranjo de rythmos desiguaes, é quasi que irreconhecivel neste novo volume.

Apenas persiste o gosto pela prosa limpida, como uma vibração de azas. Notaram, os que estão possivelmente lendo esta chronica, que, já pela segunda vez, fallo em azas. Mas, que palavra serve melhor para caracterizar os inquietos de elevação e de altura?

Regressando ao seio da grande publicidade, o Dr. Dante Costa só

é elle mesmo, á vista daquella serena maneira de se expressar. A tranquillidade do seu estylo lembra a de alguém que conversa. E não é mesmo uma proveitosa conversa essa que o escriptor acaba de nos dar sobre os problemas de sciencia? Além de apresentar nova feição do espirito do Sr. Dante Costa, este livro — *Bases da Alimentação Racional* marca, de parte do autor, um feliz instante de comprehensão de um dos mais graves problemas da nossa vida social.

Effectivamente, num paiz onde todos os males se resumem nos prejuizos da miseria e da sub-alimentação, o livro do Dr. Dante Costa, destina-se pela clara e facil exposição da materia que versa, a ter um grande publico, e um grande publico de verdadeiros educandos de medicina social.

Obras de divulgação como *Bases da Alimentação Racional*, attendem, perfeitamente, aos imperativos da necessidade nacional e humana, já que Virchow assegura que os problemas de medicina são eminentes problemas de politica social.

Num paiz de sub-alimentados e desnutridos, onde a sub-alimentação e a desvitaminose intensa são o cartão de visita da infancia, e onde os estados pre-tuberculosos marcam as adolescencias quando não destroem as mais bellas juventudes, a medicina, no desempenho de sua missão mais humana, ha de tomar feição social, ha de descer dos consultorios e penetrar em todos os lares, e vir, numa palavra, de encontro ás multidões, e com ellas manter o mais fecundo dos contactos.

Scientistas que procedem como o Dr. Dante Costa, servem, antes de tudo, a um alto ideal social.

A humanização da sciencia é um desses altos ideaes. Ella ha de humanizar-se, socializando-se, divulgando-se, para visar fins de beneficencia humana.

O livro do Dr. Dante Costa acompanha, felizmente, esse largo rythmo, esse trabalho de verdadeira socialização do saber.

OLIVEIRA E FRANKLIN.

Collecções encadernadas do

BOLETIM DE ARIEL

COM O INDICE DE ARTIGOS E CITAÇÕES

Temos á venda collecções de todos os annos

Preço do volume encadernado 40\$000

Pedidos a

ARIEL EDITORA LTDA.

Rua 7 de Setembro, 162-1.º and.

RIO DE JANEIRO

APOLOGOS AO LEU

VI

FABULA CONTRA FABULA

Com licença dos que vieram de Esopo a Lafontaine contrapondo e assemelhando bichos e homens, tomei sobre a unha uma formiga e perguntei-lhe:

— Estás ouvindo a cigarra?

— Cigarra? Que é isto? de que, acaso, se trata? Decepção! e que não foi menor quando, ao avistar uma cigarra na mangueira, interroguei-a:

— Viste, acidentalmente, a tua comadre formiga?

— Formiga? que vem a ser formiga? Desconheço...

Insisti, entretanto:

— Os fabulistas ligaram vocês duas de tal sorte que, sem uma, a outra não se comprehende.

— Abra o sr. os seus livros e releia o que aprendeu. Aqui na Natureza, em nossa profunda ignorancia acreditamos na profunda sciencia dos senhores.

— Mas não é sciencia, é fabula, e na fabula, V. e a formiga são comadres: uma canta e a outra trabalha, uma mostra o mal dos descuidosos e a outra o bem dos trabalhadores.

— Mentindo?...

— Que quer? O homem ama a ficção e foge á realidade.

— Desculpe-me, mas deve ser o contrario: o que o homem ama e deseja é a verdade, como nós outros que temo-la por instincto; mas alguns de vocês, acobardados, impingem-lhe fabulas e dissimulam-lhe o realismo puro e nivelador.

— Obrigado. A formiga talvez não pense assim...

A formiguinha, que eu deixara cahir, apareceu:

— Esse monstro, com quem V. falou, é que é a cigarra? Pois olhe, a razão está com ella. Uma e outra somos inteiramente desconhecidas e vocês sabem disso. Porque nos acumpliciaram? Hesita em dizer? Pois eu lhe explico: Foi para dissimular a angustia de quem produz e a inconsciencia de quem explora. E é tudo. Na nossa vida natural não ha nada que valha esse absurdo.

— Mas...

— Cale-se. Não abuse das symbolizações. Acha-me V. capaz de trabalhar para que as cigarras cantem?

E a cigarra moralizou num estridulo que parecia vaia:

— E acha-me V. capaz de cantar para distrahir uma formiga?

VII

DE ARMAS NA MÃO

Pouco importa que seja no intuito de fazer successo e de impressionar pelo arrepio, mas caçadores e viajantes invariavelmente nos affirmam que as pantéras de Java são as mais crueis, mais sanguinarias das criaturas da floresta onde reina o furor e a brutalidade. Todos os carnivoros são o mesmo: onças,

leões, leopardos são iguaes na volupia do sangue; não por crueldade, predicado profundamente social, civilizado e humano, mas por necessidade, por essa mesma necessidade que nos leva, a nós, frugivoros e bacivoros, a devorar com orgulho sangrentas lascas de vitela ou peitos exangues de galinha.

Fiquemos, porém, na pantera negra, a elegante, a macia, a indomavel pantéra de quem as crianças têm um medo hypnotico. A subtil bandida das bre-nhas javanesas, que eu conheci engaiolada e nostalgica, não me deu de si mesma essa impressão de horror, de atrocidade e de sanguinolencia. Ao contrario.

Em mim foi o artista quem viu, o philosopho quem conjecturou e o apologuista (não apologista) quem a criticou quando ella lentamente passava pelas garras uma lingua sem vestigios de carnificinas.

Ali, perto da jaula, eu era para ella um sêr desprezível, provavelmente porque não lhe despertei o menor appetite. Si ella lubrificava e assejava as unhas (e as nossas mulheres fazem o mesmo), fôra talvez para futuras lacerações de carnes vivas ao alcance do seu bote fatal.

— Magnifica féra! — disse eu.

— Divertido sandeu! — obtemperou-me a pantéra. Provavelmente me temes muito mais do que me admiras. Mas é curioso como me acusas de maleficios e ferocidades de que eu não tenho a minima idéa.

— Ha muita lenda a teu respeito...

— Entre nós, pantéras, a lenda humana é muito mais temivel. Achas-me atroz porque eu vivo de armas na mão: nem sabes mais falar com propriedade: olha as tuas proprias mãos: bastam-te as unhas? Não. E' que ellas são mais curtas que as tuas idéas de destruição e de chacina. E nem siquer te apercebes da differença: Nós temos as mãos naturalmente armadas, e vocês vivem de armas na mão.

D. RIBEIRO FILHO.

Acaba de apparecer:

**REVISTA DO SERVIÇO DO PATRIMONIO
HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL**

Em todas as livrarias ◆◆ PREÇO: 4\$000

Pedidos á Civilização Brasileira S. A.
RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

DR. THOMAS LEWIS	Molestias do coração	35\$000
MAY CHRISTIE	Amor proibido	4\$000
RENATO SENECA FLEURY	Vamos ler? — cartilha	3\$500
AUGUSTO DE SAINT HILAIRE	Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e Minas Gerais — 2 vols.	24\$000
HERMANN WATJEN	O dominio colonial Hollandez no Brasil	15\$000
LUIZ NORTON	A côrte de Portugal no Brasil	15\$000
MYRTLE REED	Cinzas do passado	4\$000
C. COLLODI	Pinocchio	10\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL Sêde: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo - Filiaes: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Rua 7 de Setembro, 162 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 Recife-Pernambuco
A venda em todas as Livrarias do Brasil e Portugal

Livraria José Olympio Editora

Telegrammas
OUVIDOR, 110 **JOLYMPIO** **1.º MARÇO 13**
23-2389 **23-2831**

RIO DE JANEIRO NOVIDADES DE JULHO

Monte Arraes — O ESTADO NOVO E AS SUAS DIRECTRIZES, br.	10\$000
Emilio de Maya — O BRASIL E O DRAMA DO PETROLEO br.	8\$000
Olívio Montenegro — O ROMANCE BRASILEIRO — Coll. «Docu- mentos Brasileiros» — br.	12\$000
Rodrigues Alves Filho — O SOCIOLOGISMO E A IMAGINAÇÃO NO ROMANCE BRASILEIRO — br.	5\$000
Enéas Ferraz — ADOLESCENCIA TROPICAL — Romance (Dist.)	5\$000
AUTOS DE DEVISSA DA INCONFIDENCIA MINEIRA — Vol. 7º	5\$000

NOVIDADE DE JUNHO

Peregrino Junior — DOENÇA E CONSTITUIÇÃO DE MACHADO DE ASSIS	10\$000
---	---------

NOVIDADES DE MAIO

Oliveira Vianna — PROBLEMAS DE DIREITO CORPORATIVO	20\$000
Tristão de Athayde — IDADE, SEXO E TEMPO (Três aspetos da psicologia humana)	10\$000
Maritain, Claudel e outros — OS JUDEUS (trad. de Jorge de Lima)	10\$000
Conselheiro Macedo Soares — CAMPANHA JURIDICA PELA LI- BERTAÇÃO DOS ESCRAVOS	12\$000
Enéas Ferraz — ADOLESCENCIA TROPICAL — romance — (dis- tribuição)	5\$000

NOVIDADES DE ABRIL

José Lins do Rego — PEDRA BONITA, romance	10\$000
Antonio Constantino — EMBRIÃO, romance	6\$000
J. Ralpa — CONHECE-TE PELA PSICANALISE, 3.ª ed	10\$000
Dra. Lily Lages — NOVOS RUMOS DA OTO-RINO-LARINGO- LOGIA (illust)	25\$000

NOVIDADES

ULTIMAS EDIÇÕES DA CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA S/A

LUIZ EDMUNDO	
O Rio de Janeiro do meu tempo — 3 grossos volumes com mais de 1.200 paginas com muitas gravuras	70\$000
T. SCOTT WELTON	
Limitação dos Filhos — cart .	15\$000
DR. H. ZBINDEN	
Conselhos aos nervosos e ás suas familias	5\$000
ALEXANDRE DUMAS	
A Rainha Margot — Col. Sip. — 3 vols. cada vol.	2\$000
JOSÉ DE ALENCAR	
Luciola — Col. Sip.	2\$000
PONSON DU TERRAIL	
O juramento dos homens ver- melhos — Col. Sip. — 2 volu- mes, cada vol.	2\$000

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Sete de Setembro, 162
Telephone 22-6773 - Rio de Janeiro
Venda directa ou pelo serviço de re-
embolso. Peça instrucções. Envia-se
catalogo gratis.

O Romance, a Vida e a Ficção

O romance de ficção está, sem duvida, bastante desmoralizado. E' qualquer coisa assim como o mil réis. A época, cansada de mentiras e de impossíveis, de canalhices e absurdos já não o comporta mais. Não se admite, hoje em dia, livro fóra da vida, afastado do mundo, conduzido e movimentado por uma outra gente, desconhecida nossa.

O escrevinhador desavisado que foge á realidade enredando invenções inacreditáveis, já não pode ser levado a serio. Consegue, no maximo, o appellido compromettedor de poeta... Actualmente só a verdade interessa. Appareça como apparecer, nua ou vestida, dentro ou fora do poço... A Mari-Gutierrez de Sancho vale mais do que a lyrica Dulcinea de Quixote falsa e inatingida. O sonho amalucado do amo na sua ansia de batalhar e vencer, é muito mais pouco pratico do que a prudencia e a velhacaria do escudeiro. Quixote, guerreando os moinhos de vento, é tolo e ridiculo; Pança, dizendo brejeirices e comendo, é antipathico, porem bem humano. Todo o ideal do fidalgo é menos interessante do que o ambicionado prestigio do servo no governo de Barataria. A pusilanimidade de Sancho, por ser natural e verdadeira, não é humilhada, ultrajada, como o é, por ser falsa, a bravura impetuosa do Cavalheiro da Triste Figura. O artificio cede lugar ao que ha de util, de pratico, de real. O certo vence o illusorio. Caliban, arrastando-se pela terra, está mais vivo do que Ariel correndo pelo ceo...

O homem honesto, escrevendo, tem que reproduzir os quadros da miseria e da felicidade humanas sem deixar transparecer preferencias, limitando-se tão sómente á copia dos fatos e mostrando a verdade, tal qual ella se lhe afigura, Fenelon, o cabelludo arcebispo de Cambrai, dizia: « Não se deve usar da palavra sinão para o pensamento e do pensamento sinão para a verdade ». E' conselho de padre, mas presta. Anatole, além de outras, tinha esta chapa: « D'abord, la vérité, puis encore, la vérité, et enfin, la vérité... » Não se aceita mais, por conseguinte, essa litte-

ratura vasia e ôca, gostosamente academica, torcida e retorcida em arabescos imaginosos, fallaz e profusa, perdida numa flora ou fauna de ficção e fantasia, a qual de modo algum se enquadra dentro da realidade bruta da vida actual. Nada de litteratura passatempo para matronas respeitáveis que se deliciam nas leituras de sala de jantar, nem de litteraturas divertimento para meninos de orphanatos que ficam a admirar a bravura dos heroes e a resistencia das donzellas sofredoras, que muito amam e muito se sacrificam. Tanta complicação é tolice. A arte litteraria, para ser arte, tem que se apoiar no que ha de verdadeiro, de substancial. O mundo da lua e o reino das fadas estão a merecer severo policiamento...

O romancista novo não é o malabarista do paradoxo, o dizedor de phrases sybillinas, o enfiador de perolas, o estheta, o engraçado que

diverte, porem o combatente de-sassombrado, sincero, isento de exigencias e paixões. Elle tem que ser insubmisso ás regras. Elle não é fecundo paridor de motivos, de assumptos, que arruma historias intricadas com o desfecho escolhido em mysterios. Elle não commove apenas; não entenece, indigna: não afaga, contunde. Nãã é o anodyno inquieto da ineffavel Torre de Marfim, que faz dythimrambos e conta anedoctas, mas o homem que, dentro da vida, discute, arremette contra injustiças e erros, avança contra convenções e mentiras, mostrando o que é ruina, o que é inutil e o que é falso, e procurando, assim, abreviar o tempo da angustia actual. E romance torna-se arma que procura reconstruir e melhorar. E' este o caminho do romance a serviço da verdade. Deixemos a ficção como desenfreada licença poetica.

CLOVIS AMORIM.

Discos

GRAVAÇÕES POPULARES

Odeon — 11612 — « Não ha de ser nada » marchinha de Alcir Pires Vermelho; « Quando a lua vem sabindo », marchinha de Alberto Ribeiro. Aurora Miranda vae com muita graça nessas produções, que se apresentam faceis, mas não destituídas de interesse. Orchestra de S. Bountman, regular.

Odeon — 11611 — « Yayá bahianinha », samba-toada de Humberto Porto; e « Batuque no morro », batuque de Humberto Porto, Herivelto Martins e Ozon. Dalva de Oliveira está cada vez mais apreciavel. Suas interpretações parecem ser estudadas com amor e não corresponderem apenas ao maior ou menor grão de instincto como é de praxe entre nossos cantores.

A dupla Preto e Branco imita um pouco certos effeitos faceis de Joel e Gaucho, cavalheiros que já tiveram o seu tempo, mas que hoje nada mais representam, porque nunca se deve esquecer que quem pára, morre. Conjunco regional Benedicto Lacerda — faz os acompanhamentos, e não se podendo ataca-os directamente pois satisfazem, achariamos de conveniencia lembrar que saber um pouquinho de musica não faz mal a nenhum executante popular.

Odeon — X3241 — « Pot-pourri de vales de 1900 » — Sur le vagues, Reviens, Fascination, J'ai tant pleuré; La valse des ombres, Frou-frou, Le coeur de Ninon, Pourquoi ne pas m'aimer, Amoureuse,

Quand l'amour meurt, Valse brune — Estas valsas que fizeram o encanto dos nossos paes, ainda encantam as sensibilidades apaixonadas, que vêm o passado e o presente presos por elos indestructiveis. Eu pelo menos achei adoravel esta reminiscencia... Germaine Feraldy e Reda Claire, magnificos. Coros, optimos. Orchestra chorosissima son a direcção de Godfroy Andolfi.

Victor — 34319 — « Adeus » samba-canção de Newton Teixeira e Christovão de Alencar; « Deusa do Casino », valse de Newton Teixeira e Torres Homem. Eis duas produções duma esplendida mediocridade, dessa mediocridade insupportavel de seresta ordinaria, de sentimentalismo barato para Madureira, Todos os Santos e Cachamby. Cantadas pelo novo Vicente Celestino do povo — Orlando Silva, cantor de refinada deficiencia, de effeitos banaes, de pernosticismó incrível.

Victor — 34321 — « Pafft, pafft », samba de Gade; e « Dizem por ahi », samba de Ernesto dos Santos, Donga. Nós atravessamos actualmente uma onda de intensa mediocridade em materia de composições populares, e peor é que o povo parece não perceber isso e applaude intensamente, quasi com o mesmo calor com que attendeu as grandes produções da nossa lyra, as mais deslavadas coisas que é possível imaginar. « Pafft, pafft » está neste caso. Já o ouvi consumido por muitas boccas nos mais diferentes pontos da cidade. « Dizem por ahi », do veterano Donga nos dá alguma cousa de melhor. Cantados por Aracy de Almeida, que é uma especie de Orlando Silva de saias.

M. R.

Maxambombas e Maracatús

A mim, com franqueza, não admirou o exito rapido desse *Maxambombas e Maracatús* que Mario Sette ainda não ha muito lançava no mercado.

Eu previ logo como as edições desse bello livro se succederiam, tão formalmente surprehendia elle o nosso passado, sem mutilal-o, e conseguia, como um milagre, restabelecel-o com todo o flagrante, todo o pittoresco, toda a vida que o animava.

Sem abuso de detalhes, revivendo apenas o que poderia caracterizal-o, esse livro de Mario Sette realizou o que nenhum outro livro no genero realizara: — reconstituir uma epoca sob tantos aspectos banal, com uma vivacidade que força o leitor a conhecê-la e desejal-a. Não pode já agora existir uma bôa estante sem esse livro documentario — escripto com um bom sentido de profundidade e não tendo todavia o cansaço que um escriptor inhabil teria trazido a taes assumptos.

Maxambombas e Maracatús fica com os livros desse maravilhoso Gilberto Freyre, sendo os repositórios mais animados e interessantes da nossa paizagem social.

Não seria demais que os governos elegessem-no como meio de propaganda da nossa vida tão typica e o fizessem traduzir como fonte de informação da nossa evolução social.

Uma das grandezas desse livro excellente é sem duvida a de ser escripto com simplicidade e obedecendo a um plano que a gente bem sente. O autor se atém apenas ás linhas mestras dos assumptos escolhidos e só aqui e ali se refere a pequeninas coisas que todavia dão a nota flagrante do espirito da epo-

ca. A referencia a um metro de sargelim ou a um vidro de Oriza; á maneira por que apanhavam a saia as moças da epoca ou a um ditado de delicioso sabor carnavalesco ou politico — tudo é feito com uma habilidade calculada que os profanos não alcançam, mas que nós bem conhecemos e sabemos quanto custa fazer!

Maxambombas e Maracatús deveria ser adoptado para as nossas creanças, creando assim um élo bem forte entre esse tempo tranquillo que se fecha e os tempos tão incertos que se abrem.

LUCILO VAREJÃO.

Musica

A 9 de junho ultimo a Sociedade Pro-Musica inaugurou a sua temporada deste anno, dando o seu decimo concerto.

Pela primeira vez conseguiu apanhar uma casa litteralmente cheia, o que nos encheu de satisfação, pois é justissimo que os esforços de seus dirigentes comecem a ser recompensados.

O programma era de camera, e contava com a collaboração do violinista Arnold Vasconcellos, do pianista Arnaldo Rebello e da cantora Edyr Austregesilo. Os primeiros tiveram a magnifica idéa de tocar duas peças bem pouco conhecidas do nosso publico: a *Sonata-Phantasia* de Villa Lobos, e a *Sonata em La menor* de Santoliquido. Si a interpretação da primeira não nos agradou de todo, a execução da segunda satisfiz-nos plenamente pela decisão e vivacidade com que foi dada. Trata-se de duas paginas musicas de grande significação, e que deveriam figurar com mais assiduidade nos programmas dos nossos violinistas.

A segunda parte do programma foi toda destinada a Dona Edyr Austregesilo, que deliciou o auditorio cantando em varias linguas um repertorio variadissimo, onde sobressahia a pequenina joia de *Cantares*, de Obradors, a qual foi muito justamente bisada. Esperemos agora que o proximo concerto da Sociedade, que deverá ser de musica symphonica, conquiste o mesmo exito.

A Associação Artístico-Musical (ex-Cultura Artística) apresentou, no dia 20 de junho o pianista hespanhol José Iturbi, que nos visitou pela segunda vez, não dando, infelizmente, nenhum recital fora dessa sociedade. Já em 1929, quando aqui esteve pela primeira vez, Iturbi encantou-nos pela sua seriedade de executante, pelo modo absolutamente honesto com que interpretava os diversos mestres.

Isso deve ter desilludido muitos ouvintes, que esperam dos virtuosos uma prova demasiado evidente do que chamam «personalidade». Iturbi não mudou de rumo

durante estes annos, preferindo continuar com o seu grande «defeito». E' de lamentar apenas que se tenha dedicado, ultimamente, de preferencia, á regencia, desleixando um pouco as actividades pianisticas.

Isso, todavia, não contribuiu de modo algum para que a sua technica se prejudicasse. Pelo contrario, pareceu-nos até que o seu apuro nos classicos tem hoje mais sensibilidade.

Foi assim que nos deu um impressionante *Ferreiro Harmonioso*, e a *Sonata em La maior* de Mozart com uma perfeição que ainda não conheciamos. Schumann e Chopin não tiveram o mesmo tratamento, mas a interpretação da *Ondina* fez-nos notar que Ravel já é um classico.

A mesma Associação offerencia-nos, 15 dias depois um notavel recital do grande amigo do Brasil que é Thomás Terán, o concertista que é hoje o pedagogo notavel a quem tanto deve a geração mais nova dos nossos pianistas.

Deu-nos elle um Bach e um Beethoven admiraveis de precisão, excedendo-se ainda nos Estudos Symphonicos de Schumann. Na ultima parte do programma, Albeniz e uma pagina difficilima de Granados foram executados magistralmente, embora o nosso publico esteja acostumado talvez a ouvil-os de modo differente, isto é, com um «hespanholismo» que os proprios hespanhóes desconhecem.

De tudo, porém, o que mais nos surprehendeu foi a *Alma Brasileira* de Villa Lobos, e, em extra, o *Passa, passa, Gavião*, do mesmo autor.

E' sabido que foi Terán quem revelou á Europa o maior dos nossos musicos vivos. Agora é necessario reconhecer que é ainda Terán quem está revelando Villa Lobos ao Brasil, não só pelas suas interpretações como pelas dos seus discipulos.

Seria obra de legitima cultura o nosso Departamento de Propaganda e Diffusão Cultural encarregar-se de obter que Terán gravasse em discos as peças mais representativas do autor das Amazonas.

C. DE S.

« A LIGA DAS NAÇÕES »

Apparecerá por todo o mez de agosto o volume em que o sr. Renato Almeida estuda *A Liga das Nações* — organização, estrutura e funcionamento. Trata-se de uma obra extensa, realizada em torno da mais completa, autorizada e moderna documentação sobre o Instituto de Genebra, sua genese, fundação e estado actual, e possuindo, assim, um duplo aspecto, historico e juridico, que poderá facultar aos que lhe examinarem o contexto uma noção nitida e esclarecida do que é e do que vale, em nosso tempo, a Liga das Nações. O livro do sr. Renato Almeida, que foi, durante alguns mezes, collaborador permanente da Liga, é apresentado com um expressivo prefacio do sr. Afranio de Mello Franco, que chefiava a nossa delegação em Genebra no momento em que o Brasil deixou a Liga das Nações. Retiramos do novo livro do sr. Renato Almeida o interessante capitulo sobre a obra de Cooperação Intellectual através das nações, capitulo que estampamos em outra parte desta Revista.

FRANK H. TYLER

PROFESSOR DE INGLEZ



Av. Paulo de Frontin, 358

— Trata-se depois das 20 hs. —

O B S T I N A Ç Ã O

J'en ai vu parmi nous, sur la terre-patrie,
Se mourir du mal du pays.

TRISTAN CORBIERE-*Les Amours Jaunes.*

Ao findar de Junho, o Amazonas dá os primeiros signaes inequívocos de redução na sua plethora. Começa, a minuar subtil. Detem-se por vezes, ainda na plenitude, arrependido ou restourado de forças. Depois o desditoso, escasseado, vae pondo a nu' as ribas e as pedras das corredeiras. Ameaça secar. Praias em taboleiros enormes, propicias á desova e á «viração» das tartarugas, descobrem-se ao longo das ilhas, ou pelas margens firmes do rio.

Aquillo que a agua, havia pouco, alargara, toma o aspecto dum inacessível bordo aos ataques da inundação vindoura, e dimana acastellado, estirando-se em linha de barbacans, nos desmedidos baluartes metralhados de alcaçova intermina. O mury embasta as rampas das vasantes, os vapores acautelados sobem, afastando-se das margens prenhes de escolhos novos...

O verão curto crêta e esturrica as plantações. Num mez de sol tudo fica exsicado, como lambido por vasta chamma. A agua sobra para o sulcar de grandes transatlanticos; não ha, porém, aproveitall-a para a irrigação, que salvaria os plantios. A differença de nivel, entre as vasante e enchente maximas, dá uma altura, fóra da prevista pela lei pneumática que preside ao dispositivo das bombas. Isto impede utilizar facilmente o liquido que corre, acanalado e inutil, ao pé da sequidão das lezirias e chapadas. D'ahi se suppliciar a terra tal um Tantaló. A fimbria inferior das escarpas abebera-se no rio, ainda largo, caudal e profundo, mas no alto dellas tudo resiccado agonisa com sêde. O «colonia», o pampuan' e o mium dos campos, amarellecendo, tendem a fenecer. As fructeiras desfallecem num quebranto, e séca a roça desanimadamente. Sobrevindo as chuvas, estas amortecem e adiam o perigo, com que a estiagem ameaçava tudo.

Em época prevista, o repiquete da cheia annuncia-se sem estrepito, nem empolamentos acapellados da agua, que irá, mais tarde, escalar as ribanceiras, afogar as varzeas todas e esconder o pedregal das correntezas estuantes. Na areia das praias o rio assignala o seu movimento de ascensão, imperceptivelmente tambem, adquirindo uma pollegada a mais, na cota de nivel do dia anterior. Vae assim, de instante a instante, no crescimento invisível do organismo vivo. Algumas vezes, ha de parar na marcha. Faltar-lhe-ha o folego ou preparar-se-ha, numa concentração de forças, para a expansão monstruosa da enchente.

E' então que se dispõem a descer pelo rio, com lentidão preguiçosa, os grandes madeiros, abalroadores, garrando em rota cega e descuidada, sacudidos pelos rebojos, retidos á flôr dos remansos...

As serras não de partir em couçoeriras, ripas, pranchões e perna mancas, alguns dos lenhos gigantes, que vêm morosos, quasi de todo immersos, apenas os ga-

lhos ou o raizame desfiando, como garras, o brocado das aguas, em que ufanos e majestosos se enrolam.

Abre-se o tempo da «pesca do cedro». Essas arvores caminheiras, que escapam ás balsas no Solimões, são arrebanhadas pelo morador ribeirinho, o qual de longe divulgando a épave fluctuante, vae de golpe á fugitiva; e, alcançando-a, atalhe o cabo de reboque e fal-a tomar surto no baixo da orla de uma riba proxima.

Com os troncos derivam os camalotes de canaranas e agua-pés, ilhas verdes viajando, depois, de raspadas das bainhas das margens, pelo curvo e cortante gladio da torrente.

A primeiro de Novembro daquelle anno, o Amazonas iniciara a obrigação ritual de alagar lentamente as terras, como sempre, em latejos de pulso extenuado. Os primeiros ameaçados foram os milhos, o feijão e as melancias, nas zonas de vazante. Depois, deviam ser avassallados os cacaoes, os laranjaes e os mandiocaes das varzeas. A terra firme elevaria a pôpa acima do cataclysmo, olhando indifferente os destroços causados pelo assoberbamento do enxurro.

Coroava aquella lombada de costa, inacessível aos assomos da arrogancia da enchente, humilde e discreto cemiterio. Debaixo de tufos d'erva alta e sob a frondescencia opulentissima de uma mangueira e rachitica de algumas goibeiras, nesse quadro de «terra preta» ia dormindo gente, desde mais de cem annos; e só o assignalava uma duzia de cruces de madeira. E' que estas apodreciam na consagração e se plantavam de novo outras apenas em covas recém-abertas. Por sua vez, essas cruces desapareceriam para ser substituidas de novo. As que alli estavam eram as ultimas sementeas na derradeira replanta...

Ordinariamente o cemiterio jazia sob moitas densas e grammas alastrantes. Porcos fossavam grunhindo, outros animaes pastavam tranquillos, espojavam-se ou retouçavam por sobre as covas apagadas. Na vespera de finados, porém, elle recebia os cuidados dos moradores das cercanias, que vinham piedosos adornar o abandonado. Concluiam logo cedo uma «carpa» bem feita, soerguiam as cruces tombadas; e, á tarde, o camposinho escardeado aguardava os romeiros.

Ao tombar da noite, as montarias de todas as bandas demandavam o costão do cemiterio, a se dirigirem pelas varetas ideaes de um immenso leque aberto. Noite feita, o cemiterio regorgitava de gente, quasi toda vestida como para alegre festa ao ar livre.

No chão ardião velas innumeraveis; e as pequeninas chammas votivas davam a idéa de palpitante floração de ouro, repentinamente desabrochada na relva. Alguns musicos, agrupados a um canto, sopravam instrumentos numa pretendida marcha funeraria. Palravam irresistivelmente animados, contendo a custo risos, mau grado a tocata e a solennidade mortuaria, que só commoviam aos mais velhos.

O Gabriel lá estava com a familia toda, até os netos pequenos.

Por volta das dez horas, o magote dos visitantes deixou o silvestre campo-santo e foi ajuntar-se na barraca do velho Agostinho e da irmã «pagé», no Mangal, para dançar durante o resto da noite.

Gabriel, porém, tomou rumo de casa na outra banda. Não estava para folganças. Soubera, dias antes, que o coronel Roberto insistia, pretendendo a sua terra; e, desde então se apoderara do velho caboclo um desgosto de judo.

O mandão de toda a planura da costa, sendo a maior influencia politica do Municipio, era tambem o usurpador maximo dessa região. Unicamente o «tuxaua» prosperava, quando tudo cahia no atrazo e na miseria. Começava cavilloso, apropriando-se do logarsinho do Calixto, e nelle estabelecendo um «porto de lenha». Foi o bastante... E no fim de uns doze annos, o que elle adquirira inicialmente augmentava, extendendo-se pouco a pouco semelhante á lepra irremediavel, que se propagasse dum ponto por toda a pelle do corpo. Assim acabou por se apossar de todos os sitios que o rodeavam e com elles impar de riqueza e de prestigio.

Por funesta retrogradação o regimen da pequena propriedade transmudava-se devorado pela grande. O insaciavel politico era um dos factores desse criminoso descaminho economico, a dinheiro, a dolo ou a violencia da força. Tanto é certo que a alma, sobrepujada de instintos maus, agindo mesmo no campo limitado de sua propria influencia, pôde perturbar a boa marcha evolucionall de toda uma sociedade. Avesso do «grandetypó» o cogumelo social, são-lhes correlatos o influxo e o predominio...

No ambito que o manda-chuva avasalara, apenas um recanto havia escapado á sua mão raptora. Era essa nescasinha, occupada havia mais de quarenta annos, pelo Gabriel, que a recebera de seu pae, tambem Gabriel de nome. O logar ainda conservava o mesmo rancho de cacaoeiros, bacabas, abieiros, assahys e laranjaes do tempo de Gabriel pae. O filho ainda se lembrava de o vêr, sob esse mesmo arvoredó, de cocaras, pitando num taquary e a vigiar tranquillamente os batelões, igarités, montarias e jangadas ou balsas, que passavam...

Emburrava o Coronel com aquella tira de terra acantoadá, de modo incommodo, na vastidão de sua propriedade rural. Estava resolvido a não tolerar nada encravado no seu latifundio. E porque, um caboclo somenos haveria de se oppôr aos seus desejos, resistindo ás generosas offeras que fizera, e com as quaes, por uma «porqueira», elle se arriscara a despender um bom par de contos de reis?! Tinha amigos em Manãos e contava arranjar tudo facilmente.

O pobre Gabriel é que bem sabia não valer nada a sua «situação», — cocuruto de barro,ilhado numa pequena varzea. Não obstante, para elle valia tudo, pois, se a passasse adeante por alguns vintens, onde se metteria com todo aquelle seu «familião»: — duas viúvas e tres cunhadas solteiras, afóra

a cambada de curumins? Terra devoluta, que havia por alli, «ia toda ao fundo» com qualquer enchente...

Convencera-se, portanto, de não dever largar o seu torrão natal; ao demais, uma disposição da lei assegurava o usucapião, reconhecendo e garantindo o direito á posse, mantida de fórma pacifica e mansa por mais de trinta annos.

Não era, em consequencia, capricho estulto do Gabriel, essa repugnancia em se desfazer do que julgava pertencer-lhe. Resultava, além do mais, do apêgo natural e immanente á terra onde nascera e de condições de vida, que o emalhavam na posição tornada indispensavel.

Da parte de Roberto havia, essencialmente, um despeito cruel. Ao assomo até então vencedor na sua paixão de dominar, aquelle velho caboclo, desprezível, era embaraço que o irritava. Por isso, o maioral não descançou enquanto não decidiu o golpe.

A renovação insistente da proposta de compra, Gabriel sentiu que, na defesa aos seus bens, chegara o momento da lucta derradeira. Elle vira como acabaram situações semelhantes, nessas porfias. Deante o chefão politico não havia gente que não recuasse. Ninguem escapara de lhe entregar ás garras as propriedades em que os seus olhos attentassem e para as quaes a guela cobiçante se abrisse.

Mas o Gabriel não descorçoava, confiando na justiça de Deus. Haveria, por isso, de proseguir encarnecido até o fim. E uma certa segurança d'animo apoderou-se delle. Continuou, pois, no trabalho, mas sempre apprehensivo...

Perante a obstinação do caboclo o Coronel assentara, emfim, agir com firmeza. Tinha cumprido o seu dever, mandando muitas vezes propôr a compra ao Gabriel. Este teimava em não ceder; não seria elle, chefe brioso e com « arma muito », que desistisse de levar de arrastão o rival.

Demais, por toda a parte, o povo, em expectativa, aguardava o resultado do teiró entre o « grande » e o « pequeno », não por simples curiosidade maligna, mas pela coparticipação de todos no favor de opinião, que, desde o Evangelho, cerca com sympathia os fracos e os perseguidos. Para o Roberto era já questão de amor proprio, pois lhe tinha chegado aos ouvidos, que o caboclo fallara nas « luzes »; e que nem dada, nem vendida se desfaria da terra que occupava. Muito bem, iria reque-rel-a ao Governo; e o caboclo que protestasse. Estava « se ninando »...

Certo dia, Gabriel, que « andava panema », fôra arpoar um pirarucú e flechar tambaquis e tartarugas no lago. Neste intento, apparelhara diligentemente a montaria. Não esquecerá cousa alguma. Uma sarará e uma flecha « de gomme », a haste de pracuúba, a arpoeira, o arpão e a boia de boeira, a cuia de farinha d'agua e uma banda de pirapitinga moqueada, o paneiro contendo cataoarys e a ponta com que o mariscador açoita a agua para attrahir o peixe guloso, que cuida ouvir a quêda dos fructos appetecentes do caimbé, da abiurana, do taruman...

Durante essa ausencia appareceu o « doutor », acompanhado de capangas do Roberto, numa das extremas do lote do

caboclo. Não se demoraram muito. Em duas horas breves deram por concluido o trabalho, visando alguns rumos e medindo umas linhas ao olhar pasmado das mulheres e crianças do Gabriel, desconfiadas e mudas.

Ao voltar do « marisco », elle soube logo que o engenheiro tinha estado « corregendo » o seu terreno. O desgraçado velho só faltou enlouquecer. Começou a demorar-se horas esquecidas, extatico, no terreiro, onde num alto abieiro, perto, um surucuvaco costumava empoleirar-se a emitir o curto canto igual, que repetia o proprio nome: « surucuvaco », « surucuvaco ».

Da sopotacea restava afinal bem pouco, porque o apuyseiro constringia e sugava a arvore, tragando-a num enlace demorado, mas tenaz e absorvente.

O apuyseiro é um polvo vegetal. Enrola-se ao individuo sacrificado, extendendo sobre elle milhares de tentaculos. O polvo de Gilliat dispunha de oito braços e quatrocentas ventosas; os do apuyseiro não se enumeram. Cada cellula microscopica, na estrutura do seu tecido, se amolda numa bocca sedenta. E é a lucta sem um murmurio. Começa pela adaptação ao galho atacado de um fio lenhoso, vindo não se sabe d'onde. Depois, esse filete entumesce, e, avolumado se põe, por sua vez, a proliferar em outros. Por fim, a trama engrossa e avança constringente para malhetar a presa, a que se substitue completamente. Como um sudario, o apuyseiro envolve um cadaver; o cadaver apodrece, o sudario reverdesce immortal.

O abieiro teria vida por pouco. Adivinhou-se um esforço de desespero no misero-enleado, decidido a romper o laço da districtão, mas o manietador parecia fazer-se mais forte, travando com todas as fibras constrictivas o desgraçado organismo, que o arrocho paulatino e inaudito ia estrangulando. E isto irremediavelmente. Com um facão poder-se-ia despedaçar os tentaculos e arrancar-os. Bastaria porém, deixar um pequeno pedaço de filamento capillaceo col-

lado á arvore, para que, em renovos, o carrasco reaccomettesse a victima, que não se salvaria. O polvo é um polypeiro. Vivem gerações num só corpo, numa só parte, numa só esquirola. Tudo é vida por menor que seja o bloco. Não ha reduzil-a a um individuo. E' a solidariedade do infinitamente pequeno, essencial, elemental, inseparavel na republica dos embryões synergicos. O que fica, basta sempre á revivescencia, reproduz-se facil, na precipitação latente e irrefreavel de procrear sempre.

A copa de pequenas folhas coriáceas e glabras do abieiro sumia-se, quasi, na larga folharia da parasita monstruosa.

Representava, na verdade, esse duello vegetal, espectáculo perfeitamente humano. Roberto, o potentado, era um apuyseiro social...

Interrompendo a scisma, os netinhos afagantes rodeavam o Gabriel, em busca da caricia, que não vinha; e surpreendiam-se com os olhos do avô, marejados de lagrimas esquivas. Desde muito, nunca mais Gabriel sorrira ao menos. Um desgosto infinito se lhe multiplicava por todas as fibras da alma. Sobresaltavam-lhe estremecimentos de colera; o coração parecia querer romper-se; e depois sentia uma suffocação horrivel, como si levado fosse pelas espiras de um turbilhão...

O compadre Raymundo e outros vizinhos procuravam acalmal-o. O compadre Zacharias offerecera-se mesmo para arranjar o protesto num jornal. Mas tudo era inutil. A pata pesada do usurpador havia de esmagal-o, como a todos os outros. Não houvera pobre, que tivesse mantido a sua posse nas circumvizinhanças do rico. Portanto, não ficaria o Gabriel, por sua vez, indemne á absorção do « branco ». O que lhe pertencia teria totalmente de ir parar ás mãos do senhor cujo appetite de Gargantua assolava aquella costa pacifica como um flagello de vandalas.

O caboclo, com os seus parceiros, vislumbrava essa fatalidade. Que eram elles, senão humildes creaturas que haviam de ser vencidas de roldão, na concorrência com a chusma mais forte? Antes, a terra era grande, a gente diminuta, e esta contentava-se de pouco. Depois, chegara o « cearense » em columnas tumultuarias de occupação. Restringira-se a terra com o augmento da população extranha, e, o que se tornava mais grave, sobrevinda no plano exclusivo de ganhar dinheiro a todo.

Então, o drama humano se desenrolou no palco amazonico, creando situações peculiares a taes conjuncturas. A ambição de cabeça de Medusa commandava as populações immigradas de cambolhada, cujos interesses se conflagraram, desde logo, com os das nativas. De que uns vinham: — muitos, — e outros já estavam: poucos, — fez-se a opposição latente. O facto é que aquelles se mostravam resolvidos a tudo. Excitavam-nos um acicate mais penetrante e ardente. Misérias insondaveis os impelliram á lucta, emquanto que o caboclo, amolentado na Capua de aguas piscosas e terras ferazes, não poderia sustentar o embate das legiões que traziam fome.

O coronel Roberto, um parahybano, general tornara-se de simples soldado que começara sendo nessa expedição histori-

COLLECÇÃO ARIEL DE OBRAS PRIMAS

1.º VOLUME

DO AMOR

de STENDHAL

Traducção de
MARQUES REBELLO
e CORRÊA DE SÁ

Preço: 15\$000

ca — Anabase moderna, — que invadia o Amazonas. Ganhara mercedamente os bordados, accrescentando á alma mais audacia, que a audacia da massa em que viéra envolvido...

Ao Gabriel impressionara pensar porque esse homem queria tanta terra. Não era para cultivá-la, por certo, pois afóra umas baixas no Canniço, onde pastava um gado do Rio Branco, tudo estava inaproveitado e em matta ou capoeira. Dir-se-ia que elle gozava, por esse meio indirecto, a soberba de «acabar com os caboclos». A esse pensamento, o Gabriel sentiu-se com a força e as disposições de um heróe. Revoltado, em silencio, resolveu para si, dar a amostra solenne de sua reluctancia ao poderoso Roberto.

Quando, ao fim de alguns mēses, o caboclo foi intimado a desoccupar a baraca, pois já fôra concedido ao Coronel, com todas as rubricas, sellos, carimbos e registro, o ambicionado titulo definitivo, aquella resolução já se amadurara na consciencia do expulso. O novo dono da «situação», intruso misericordioso, concedera-lhe por longanimidade quinze dias, o mais tardar, para a retirada. Mas elle, Gabriel, não abalaria dalli. Haviam de arrancar-o desse barranco, onde os seus olhos se abriram e onde se esvaira a vida de seus maiores, como um pé de matto, pela raiz.

Estando em breve a terminar o prazo fatal, o caboclo sahiu de casa, dizendo ir procurar alguma restinga alta em que podesse estabelecer-se com o seu «povo».

Aconteceu, porém, que vindo o dia decretado pelo Roberto para o despejo da «posse», a familia, na desolação, em pranto, esperava debalde o velho Gabriel, que não voltara. Vizinhos sollicitos embrenharam-se na floresta á procura do caboclo, esquadrinhando tambem o rio, pesquisado abaixo e acima, na conjectura de que talvez se tivesse «alagado num rebojo»...

As mulheres e crianças do desaparecido, ninhada banida para fóra do ninho por uma rabanada barbara, abrigaram-se na casa do compadre Raymundo.

Mais tarde o Gabriel foi encontrado. Estava na capoeira velha, que revestia um trecho do seu sitiosinho soprado. Encoberto pelo enorme tronco de uma sapucaia e tambem disfarçado pela toija virente de anajás, o caboclo jazia enterrado até o peito. Da terra revolvida a caveira surgia horrivel, putrescente, mal fixa nas vertebraes cervicaes á mostra. Sob o panno de azulão do casaco se adivinhavam, pendidos das espaldas descolladas, os braços descarnados com o thorax já gretado pelos vermes, desemplastrando-se tudo do revestimento de musculos apodrecidos numa deliquescencia ignobil. E as suas mãos crispavam-se, com as phalanges horrivelmente cravadas no resto de argilla do atterro, que sobrara da cova.

No ultimo lampejo da vida, o Gabriel firmara-se, assim, no seu derradeiro e suggestivo gesto, o de um avaro surprehendido e agarrando um thesouro. Soterrado voluntariamente, no tragico absurdo em que enlouquecera, ficaria na sua terra e para sempre. Quando a omnipotencia da Riqueza, congraçada ao Orgulho e á Ambição, ia arrancar-o do seu reducto familiar, elle resolvera o

inaudito protesto macabro do sepulcro, que receberia ainda vivo o homem que o cavara.

Foi assim que o caboclo, excluido do seio amado, a esse mesmo seio se acolheu ferrenho. Não podendo viver na terra de seu berço, fizera della seu tumulo. Prometheu desencadeando-se, por mais heroico, encafuara-se na terra qual uma péba.

A iniquidade merecia essa espantosa lição. Que o soberbo conquistador se aureolasse do triumpho; e, que sobre essa terra, tornada o asylo sagrado de um morto, elle pisasse, violando-a na insolencia de saqueador sacrilego.

ALBERTO RANGEL.

(Do *Inferno Verde*).

A NATUREZA, O HOMEM E A CULTURA NO BRASIL

O escriptor argentino Atilio Garcia Mellid, está trabalhando na preparação de um livro que se intitulará *Raiz e destino da nacionalidade brasileira* (A natureza, o homem e a cultura no Brasil). Muitos capitulos dessa obra estão sendo publicados no decano da imprensa argentina *La Capital*, de Rosario.

Attendendo a que o sr. Garcia Mellid se propõe a offerecer á América Espanhola uma noticia actual e viva da litteratura brasileira, consideramos oportuno chamar a attenção de escriptores e editores, para que lhe prestam a collaboração que merece pelo seu bello e nobre esforço, enviando seus livros e suas edições para: Calle Rincon, 137 — Buenos-Aires.

A contextura geral da obra do escriptor Garcia Mellid está assim delineada:

PREFACIO — Cap. I — LA NATURALEZA. — Cap. II — EL HOMBRE. — Cap. III — LA CULTURA. 1) Introducción: — a) La selva y el negro. b) La tierra y la cultura. c) El color local. d) El genio nativo. 2) Formas extra-nacionales. 3) Búsqueda de lo nacional. 4) Encuentro del genio nativo: a) Los «romancistas». b) Los poetas. c) Los ensayistas. — APENDICE: 1) Historiadores de la literatura en el Brasil. 2) Comentaristas de la literatura brasileña en América-Española.

— Quem parece partidario da razão pura é Joseph Peyre. Offerecendo-nos agora seu *Roc-Gibraltar*, não se desmanda em chimeras absurdas. Conhecendo bem a Hespanha, paiz de psychologia tão complexa, é elle dos que dão a idéa de estar resolvendo um complicado problema de algebra quando descem ao coração do proximo. Está em jogo um casal que não se sente á vontade na vida domestica, por isso que o marido é mais velho e tem o máo gosto de ser ciumento. Mas Joseph Peyre, em vez de allucinar-se em terriveis invenções passionaes, resolve tudo isso com ironia e logica, como quem é em tudo patricio de Molière e Pascal.

Ultimas Novidades ARIEL

Gastão Cruls

HISTORIA PUXA HISTORIA

(Contos)

VERTIGEM

(2.^a edição)

Cyro Martins

SEM RUMO

A. da Silva Mello

PROBLEMAS DO ENSINO MEDICO E DE EDUCAÇÃO

José Simplicio

RETRATO POPULAR DE UM HOMEM

René-Albert Guzman

CIUME

5.^a edição
12.000 exemplares

Stendhal

DO AMOR

Traducção de
Marques Rebello
e Correia de Sá

Chronica de Transcrições

O BRASIL: — UM PAIZ BRASILEIRO

José Osorio de Oliveira é, para muitos, um monoculo irritante, a recordar no Chiado o Eça — um Eça que viu o Chiado e os arredores do Chiado, do Minho ao Algarve, como dissecador que olhasse a sorrir com ironia os cadaveres tranquilos na frialdade dos marmores brancos. Para outros, é um intellectual — que se equilibra intellectualmente e não apresenta, ao fim de cada cyclo de actividade, «déficits» de intelligencia. Para o jornalista, ao encetar a entrevista, era o autor de alguns livros sobre o Brasil, alguém que sabe dizer coisas que não lembram coisas que se ouviram ou leram já muitas vezes, e que pode firtir o burguez que passa em quietude, sem ser com o monoculo: — com uma idéa...

E na varanda de um café do Rossio, emquanto Lisboa, no esplendor do entardecer, caminhava nas ruas, numa preocupação de as encher de gente, de carros, de ruidos e reflexos, José de Oliveira, sem o monoculo, mas também sem demonstração de ingenuo desconhecimento do seu valor, olhou um livro agora chegado de além-mar e disse *alguma coisa*. Ha, como se sabe muita gente que raramente diz *alguma coisa!* Mas José Osorio de Oliveira disse uma *alguma coisa* e, aberto o caminho, disse outras. E Lisboa passava no Rossio, entrava e saía das ruas e das casas, substituiu-se... 5 horas, 6 horas. Os pensamentos também se substituíam... Lisboa. O Atlantico. O Brasil. As coisas do Brasil. Ouviamos José Osorio de Oliveira!

— Ouça, José Osorio, V. nasceu, com certeza, em Portugal?

José Osorio de Oliveira sorri. Descobre á sua frente o jornalista, um ser que existe para transformar as mais simples intenções, como uma conversa ocasional, em outras coisas: — numa entrevista, por exemplo. Mas José Osorio de Oliveira é também jornalista, e não se intimida:

— Sim, com certeza nasci em Portugal.

— Não nasceu, portanto, no Brasil?...

— Não nasci no Brasil, e só vi, mesmo, esse paiz ao chegar aos meus onze annos. Mas estudei numa escola primaria official de S. Paulo, ao lado de crianças brasileiras, como se fôsse uma dellas. E isso bastou para que ficasse, toda a vida, a sentir um pouco como brasileiro.

O SER DIVIDIDO ENTRE DUAS PATRIAS

Uma paragem na conversa. Olha-se o Rossio. Um sentido do transito teve uma paragem. O signaleiro, com um simples gesto, fez parar tres ou quatro carros. E atraz destes carros accumulam-se trinta ou cincoenta outros carros. Um outro gesto e todos os carros se movem de novo... A seguir á ultima phrase de José Osorio de Oliveira, quantas outras esperam o momento de serem idéas em transito?

E eis que ellas se libertam da paragem:

— Sobretudo, passei a considerar o Brasil como outra pátria, não pelo que o Brasil tem de portuguez, não porque o Brasil seja um desdobraimento ou prolongamento de Portugal, mas porque parte da minha alma pertence ao Brasil, foi o Brasil que a modelou. Por isso já me confessei «um ser dividido entre duas patrias»...

— Reconhece que na sua qualidade de portuguez está uma das razões porque sente e comprehende o Brasil?

— Evidentemente, os portuguezes são os europeus mais capazes de comprehenderem aquelle paiz, que tanto herdou de Portugal, que tantos elementos nossos contem, que em tantas coisas se parece conosco e que sob tantos aspectos, de facto, nos continua. Mas é preciso não esquecer que o estylo de vida social da Europa, que a psychologia européa, por menos continental, por mais atlantico que seja o nosso paiz impede-nos de comprehender, muitas vezes, o que no Brasil é especificamente brasileiro por ser americano ou por ser o resultado do clima, da vida propria do Brasil ou da mistura de sangues diversos.

— Este modo de ver talvez nos conduza a uma interpretação do seu luso-brasileirismo diferente do que é vulgar...

— Não me desinteresso, creia, da politica de approximação luso-brasileira; para ella tenho trabalhado. Não posso porém deixar de salientar que a minha actividade brasileira tem outro sentido: talvez, como foi a de Manuel de Sousa Pinto, uma tentativa de conciliação, em mim, de duas patrias distinctas. Porque nunca é demais accentuar que o Brasil e Portugal são diferentes.

— Aquele «Antonio Nogueira» da sua novela *Aventura*...

— Sei aonde quer chegar... Vae perguntar-me se essa novela é uma auto-biographia e se é auto-retrato o seu personagem principal! Pois bem: o protagonista desse livro vê o Brasil como estrangeiro e, como immigrante, reage, particularmente diante de São Paulo, chocado-se com o que em S. Paulo choca todo aquelle que não o conheça já por dentro, na sua interioridade, e não tenha motivos de sympathia para essa terra e a sua gente.

— Antonio Nogueira, portanto, sente São Paulo como heroe da novella e nunca como o seu criador?

— Sem duvida. E' natural, até, que os meus amigos paulistas não tenham gostado da visão que, nesse livro, dou da sua terra. Ella, como disse, não é minha: é a que está psychologicamente certa, de accordo com a realidade humana da figura litteraria. Quando me dispuzer a pôr numa obra romanesca a minha experiencia pessoal, será para escrever o *Grupo Escolar*...

— Um romance?

— Um romance em que projecto mostrar o poder de terra jovem, attraíndo pela escola, «pela infancia», os filhos de outros paizes com outro prestigio historico e cultural, mas sem a força que

vem da vitalidade, da juventude e das promessas do Futuro.

O BRASIL E' UM PAIZ BRASILEIRO

Interrompemos. Uma pergunta esperava ha muito a oportunidade de se fazer. Entretanto, só um momento de silencio trouxe essa oportunidade:

— Qual a nacionalidade do Espirito... brasileiro?

Não sabemos se José Osorio de Oliveira quiz responder á nossa pergunta. José Osorio de Oliveira, comtudo, declarou:

— Já tenho dito, e accentuado, que o meu interesse pelo Brasil não é de portuguez: é quasi de brasileiro. Sabe que no Brasil não importa o sangue nem, sequer, a origem. Muitos brasileiros, dos mais brasileiros, são filhos de pae e mãe estrangeiros. Algumas vezes, nasceram num paiz europeu...

E, a seguir a um momento de concentração:

— Se muito havia de italiano em Raul de Leoni, o poeta da *Luz Mediterranea*; se alguma coisa ha de italiano no feiti mental do critico Agrippino Grieco ou do multiforme escriptor Menotti del Picchia, que ha de allemão em Raul Bopp, autor do poema mais brasileiro de toda a litteratura do Brasil?

— A terra cria almas?!

— O Brasil, paiz de natureza, clima, atmosphaera e vida social tão differentes daquellas condições que produziram a pintura italiana, só num italiano pelo sangue, num Candido Portinari, encontrou o seu pintor. E nota-se que se o Brasil possui uma tradição litteraria e se por traz dessa tradição nacional está todo o passado litterario de Portugal, não houve nesse paiz, anteriormente, artes plasticas que pudessem influir neste pintor. Candido Portinari é brasileiro, só porque nasceu e passou a sua infancia porque se criou, no interior de São Paulo.

As influencias espirituales do estrangeiro, de Paris?...

— Não destruíram as influencias da terra. Elle formou a sua sensibilidade e educou os seus sentidos ao contacto da «terra roxa» dos cafezaes de S. Paulo. Quanto Portinari estudou na Escola de Belas Artes do Rio, quanto aprendeu, depois, em Paris, foi menos forte do que a influencia da terra onde os seus olhos aprenderam a ver.

— Quiz demonstrar esta *nacionalização* da mera mentalidade no ensaio que publicou na obra *Brasil*?

— Aqui escrevi o que chamo «Exposição Literaria do Brasil», na verdade um ensaio de interpretação da litteratura brasileira cu, se quizer, uma historia da evolução dessa litteratura, da sua marcha de seculos para a *nacionalização*, isto é, para exprimir o Brasil. Era um trabalho que não estava feito entre nós e que mesmo no Brasil ainda não se escreveu, como eu escrevi, com a preocupação de indicar só o essencial...

— Esse essencial?...

— E' o que, através da sua evolução, foi caracterizando essa litteratura, visto com comprehensiva sympathia, mas com

independencia absoluta, tanto em face das opiniões brasileiras como dos preconceitos portuguezes. Nêste estudo quiz expôr, em synthese, o que são o genio litterario do Brasil, a sensibilidade peculiar do brasileiro e a sua maneira de ser como povo.

A POLITICA DOS INTERCAMBIOS LITTERARIOS

A entrevista dirige-se num outro sentido:

— A melhor forma de se alcançar a desejada aproximação dos dois paizes está no estabelecimento de intercambios litterarios, não com visitas officiaes, ou officiosas, de versejadores incontinentes, de jornalistas sem preparação ou de conferencistas apressados de cá ou de lá — exceptuo sempre, é claro, João de Barros, — mas com troca de livros entre os escriptores e troca de collaboração entre as revistas e jornaes litterarios.

— O que, felizmente, se vem fazendo...

— Podemos acrescentar: de maneira admiravel. A Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, por exemplo, com a mais perfeita comprehensão do papel dos portuguezes no Brasil, graças, sobretudo, á desinteressada dedicação de Antonio Amorim, ajudada, em Portugal, por Nuno Simões, economista que não esquece o valor da litteratura, realiza uma obra extraordinaria, pode-se dizer unica.

— Além disso?

— O facto de aparecerem á venda nas nossas livrarias livros de autores modernos do Brasil, já tinha servido para que parte do nosso publico leitor, a gente nova, pelo menos, se convencesse de que ha uma litteratura brasileira. — Ultimamente, homens de letras das novas gerações vieram juntar-se aos dois ou tres que, ha muito, vinham falando de um Brasil litterario.

— Esses escriptores conhecem o Brasil nas suas manifestações de espiritualidade?

— No que se escreve agora — e distinguo especialmente os artigos de Casais Monteiro — ha, sem duvida, uma deficiencia, que é o imperfeito conhecimento da evolução da litteratura brasileira, o estudo insufficiente de tudo quanto precedeu e preparou a litteratura actual. E isto para não falar do conhecimento directo — que não se pode exigir — da vida brasileira, tão necessario á comprehensão de certos aspectos dessa litteratura tantas vezes particularista.

— O outro sentido desta observação?

— Nota-se, nos artigos ou notas que ultimamente têm apparecido entre nós, mesmo sobre a litteratura brasileira actual, um deficiente conhecimento da chronologia e, portanto, do que vale uma obra, não em si, mas pela influencia, que exerceu. Falar-se, por exemplo, de *A Bagacoeira*, de José Americo de Almeida, a proposito da sua ultima reedição, como dum livro agora sahido, sem o distinguir como precursor de toda a litteratura nordestina do nosso tempo, é apreciar este romance de forma incompleta.

— Ha muito, portanto, ainda por fazer?

— Sim. E o mais necessario não é falar dos autores modernos, que estão sendo lidos e são já admirados por muita

gente. E' preciso não esquecer que Machado de Assis, um dos mais perfeitos e, sem duvida, o mais subtil prosador da lingua portugueza, esse que, em muitas coisas, é superior a Eça de Queiroz, não tem quem o leia em Portugal. Tenho feito a experiencia entre os intellectuaes meus amigos ou conhecidos, e posso afirmar que em cem pessoas cultas portuguezas não se encontram duas que conheçam o extraordinario autor das *Memorias posthumas, de Braz Cubas*...

E José Osorio de Oliveira começa a interessar-se pelo que se passa na rua. Quer terminar, falar de outras coisas? E' certo. Mas, diz ainda:

— Machado de Assis, sem deixar de ser nacional, é, precisamente, um escriptor universal. Aliás a litteratura brasileira da hora actual, com ser, por vezes, de assumpto tão particular, tem a universalidade da sympathia humana que é a característica fundamental do povo brasileiro, o mais humano dos povos pela ausencia de quaesquer preconceitos de raça, pela cordialidade que elimina as diferenças sociaes, pela capacidade de accitação de todas as ideas. E' por isso, em grande parte, que a litteratura brasileira tem hoje publico entre nós, a tal ponto que não será exaggero dizer que o meridiano intellectual do Rio de Janeiro passa, agora, por Lisboa e pelo Porto.

Nova paragem numa conversa. Nova paragem dos carros num sentido de transito da rua. A gente, as horas, as phrases, as ideas, a substituirem-se continuamente...

P. B.

(Transcripto do «Primeiro de Janeiro», do Porto, de 24 de Junho de 1938.)

LIVROS NOVOS

IDADE, SEXO E TEMPO — *Alceu Amoroso Lima* — Livraria José Olympio Editora — Rio — 1938.

O sr. Alceu Amoroso Lima nos dá, neste livro, uma dessas obras da maturidade, uma dessas obras acabadas com todas as suas linhas, inteiriça, una, toda unida da clareza que põe no que escreve e dum sentimento que colloca a ordem de raciocinios num terreno superior. O livro é escripto com um encanto a que não podemos fugir. O critico, o ensaista, o pensador, trabalhado por uma cultura immensa e pela observação e pela vida, poliu a sua phrase, dominou-a, deu-lhe uma amplitude que é, ao mesmo tempo, perfeita e expressiva porque ella se amolda ao pensamento e dá-lhe nitidez e simplicidade. Não sei de muitos livros, no Brasil actual, que sejam escriptos numa lingua assim dsicplinada, e ao mesmo tempo doce, bem expressiva, e ao mesmo tempo viva, desenvolta e ágil e, ao mesmo tempo, precisa e correcta.

O assumpto em si, exigia uma tremenda responsabilidade. Os livros, como este, de psychologia humana, são livros de plenitude, livros da maturidade, livros da experiencia, quando ha um cabedal de observações e de coisas, adquiridas na vida ou nos livros ou em outros homens, que tornam o escriptor apto a abordar o assumpto, evitando as descachidas, mantendo-se num mesmo diapason. Na Ame-

rica do Norte, na Inglaterra, na França mesmo, ha um certo gosto, uma certa preferencia por obras semelhantes. Quem as escreve são mestres do pensamento, medicos muitas vezes, de outras vezes individuos muito vividos, muito polidos pela existencia, muito observadores, dotados duma certa philosophia.

Na nossa lingua, com essa inteireza, com essa segurança de exposição e com essa autoridade para affirmar-se, não conheço outro livro, com o sentido deste. E' o primeiro. Vem abrir caminho. Vem fniciar, e com um fulgor notavel, a série dos livros, por assim dizer, educativos, mais do que isso, livros de pensamento puro, de reflexões apuradas, livros maduros em que a substancia não tem a acidez nem o gosto violento dos livros oriundos da sensibilidade pura ou da cultura tão sómente.

Nelle se nota como o sr. Alceu Amoroso Lima é, hoje, um pensador, no sentido mais amplo do vocabulo, no sentido latino da palavra, um homem que trabalha as idéas, que as molda, que as adapta e modifica, num trabalho em que intervêm o seu conhecimento de cultura, aquelle que lhe adveio duma longa leitura, duma laboriosa leitura. Neste livro se entrelaçam, sem desequilibrio, o homem de sciencia, o homem de cultura e o homem vivido, o philosopho, o pensador e o observador. Os tres elementos se completam. Harmonizam-se para diluir-se no todo. Engrazam as suas arestas. E resultam fundidos, numa lingua limpida e clara, onde os pensamentos e as idéas estão no fundo, mas a agua é tão crystallina que nós o vemos como á superficie.

Encontro, no sr. Alceu Amoroso Lima deste livro, um pensador seguro e firme, que expõe as suas idéas e que as demonstra, e torna essa dissociação uma coisa feliz e, ao mesmo tempo, facil. Não se preocupa, como poderia, em tecer considerações metaphysicas e transcendentas. Tudo que aqui apparece, tendo uma profundidade que surge á primeira analyse, está collocado de fórma que possa ser percebido pelos leitores mais fracos, por aquelles que constituem a média e a massa dos leitores, que pedem coisas dificeis em termos simples, que imploram quem lhes explique os motivos e as razões do universo, não na linguagem dogmatica e emphatica dos mestres, mas na expressão simples e clara dos que desejam transmittir conhecimentos e impressões, pelo prazer de ensinar e de commungar com os que ouvem ou lêem muito mais do que pelo gosto da exposição de cultura ou pela demonstração duma sabedoria que, não sendo accessivel, se torna enfadonha.

Um dos maiores encantamentos da minha vida de impenitente leitor foi a passagem em que travei conhecimento com a agudeza, a agilidade mental, o equilibrio e a subtilidade de La Rochefoucauld. O eminente mestre do pensamento francez, que possuia, da sua gente, a gentileza no dizer, o espirito e a «finesse», foi um dos espectaculos que mais apreciei, em tempos. Fiz delle uma das minhas leituras predilectas.

A superioridade da sua intelligencia, muito madura e por isso mesmo muito habil, me fez temer, dahi por deante, pelos que expunham o pensamento em maximas, em aphorismos, em sentenças.

Maricá, — que li por obrigação, — me deu uma sensação de tremendo vazio e de uso e abuso de lugar comum. Nada encontrei em Maricá, talvez pela sensação de contraste, por ter conhecido o mestre francez em primeiro lugar e ter sentido o choque da descahida.

E' no sr. Alceu Amoroso Lima que venho notar, e guardei com cuidado, uma expressão nova, curta e incisiva para dizer coisas antigas, uma visão differente e profunda das coisas aparentemente esgotadas ou destituidas de importancia. Dar realce a velhos assumptos parece-me o segredo da maestria. E', pelo menos, uma demonstração de segurança e de destemor intellectual. Foi o que aponte, neste livro, logo ás primeiras paginas. O assumpto, sendo velho, é eterno. Mas foi tratado com uma profundidade e com um desdobramento tal, desde os antigos mestres do pensamento grego e do pensamento latino, que seria difficil encontrar quem se aventurasse a desvendar novos caminhos e novas perspectivas nessas sendas batidas e conhecidas. O autor chegou a esse ponto. Deu novo realce a quadros conhecidos.

Affirmei, inicialmente, que o livro era da maturidade. Não porque o autor me contasse como contou, que a idade madura é das obras e dos filhos, da vida exterior, das confissões, das evasões, — mas porque vi, no angulo pelo qual o sr. Alceu Amoroso Lima encarou os diversos aspectos da existencia, que esse angulo se abria de cima para baixo, do alto duma cultura. Evidentemente a cultura lhe deu uma série de pontos de apoio para a analyse, mas não constituiu a nota dominante. Esta, é caracterizada pela vida, pela densidade de observação directa, pelo accumulo de conhecimentos entrados através dos tempos e sedimentados pelos annos.

Quero annotar, aqui, uma das observações mais justas do escriptor de *Idade, sexo e tempo*. E' quando trata da nossa pressa de viver, da nossa vertigem de chegar logo ao fim, da nossa ansia de dominar, de relance, as coisas, de apanhar o sentido dellas, quando ha nas coisas muito mais segredos do que nos homens, como bem friza o autor. Diz elle:

«Essa precocidade exaggerada é um dos grandes males de nossos tempos e particularmente de nossas patrias americanas. Não vejo mesmo outro mal maior, que, de momento, nos afflija, porque elle arrasta consigo todos os demais. Queremos esgotar, depressa demais, o calice da vida. E com isso, tudo perturbamos, em nós e em torno de nós. Envelhecemos mais depressa. Tornamo-nos, em pouco tempo, pessimistas, scepticos, cansados. Adquirimos a tendencia á superficialidade, ás meias idéas, á cultura méramente decorativa. Queremos enriquecer depressa, galgar os postos sem tardança, alcançar no menor tempo possivel e com o minimo esforço, o maximo resultado. Sofre com isso a nossa pessoa; soffre a nossa geração, a nossa raça, a nossa cultura».

Nada mais verdadeiro. Ha, no mundo moderno, em toda a parte e não só no Brasil, se bem que aqui o panorama seja mais vincado, mais accentuado, nesse ponto, — ha, no mundo moderno uma ansia em acelerar o momento da posse,

por todos os aspectos que elle se nos apresenta, posse no sentido de galgar lugares de commando, posse no sentido da aquisição de cultura, posse na parte que toca á orientação dos conhecimentos e de sua distribuição. E' possivel que isso seja um bem. E' possivel que seja uma inevitavel caracteristica da época. Mas o que é bem verdade é que tal vertigem dessora a mocidade, tiralle o que ella tem de mais precioso, anniquilla o cabedal de esperanças de que ella vem munida, para as lutas da existencia, colloca-a, desde logo, em contacto com uma brutalidade de meios e de finalidades que lhe tira aquella vibração, acaso ainda ingenua, mas por isso mesmo capaz de construir e de influir, que é a sua força mais notavel e a razão mesma da idade. Envelhecemos, precocemente, no Brasil, e no nosso tempo. O espaço da vida humana, que se tornou menor teve de dar lugar a um alargamento do periodo em que o contacto com a realidade é mais intenso, o periodo em que sacrificamos as nossas forças, em que empenhamos as nossas energias, em que nos atiramos com mais

vigor ao aspero e ao acceso das lutas. Começa-se a viver muito cedo. E continua-se a viver até mais tarde. Parece que já não ha adolescentes, e que a propria infancia é sacudida e invadida por uma cruel sensação de responsabilidade, um desejo e varios ensejos de entrar na vida, de tomar lugar ao lado dos acontecimentos e de se envolver nelles, sacrificando aquillo que a idade tem de mais bello.

Comquanto possa discordar dos conceitos do autor, na parte que toca ao sexo e ao tempo, na parte que diz respeito á idade vejo que os nossos pontos de vista se encontram e coincidem quasi sempre. Não se trata, aqui, porém, de pontos de vista coincidentes ou divergentes. Mas de mostrar o valor do trabalho do sr. Alceu Amoroso Lima, que indica, nesse livro da maturidade, que a sua força creadora attingiu a uma serena plenitude e a sua força de expressão ao seu momento supremo.

NELSON WERNECK SODRÉ.

(Transcripto do «Correio Paulistano».)

Acaba de apparecer **COSTUMES AFRICANOS** **NO BRASIL**

estudando, do ponto de vista científico,

- A raça africana e seus costumes na Bahia
- O colono preto como factor da civilisaçã brasileira
- A arte culinaria na Bahia
- Notas de folkllore negro.

E' um livro de pesquisa e observação directa

por

MANUEL QUERINO

o famoso vanguardeiro de tantos estudos de africanologia no Brasil.

Volume XV da "Biblioteca de Divulgação Científica"

Preço: volume broch. 12\$000

Em todas as Livrarias e na

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Pedidos á

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua 7 de Setembro, 162 — Rio de Janeiro

ESTUDOS PERNAMBUCANOS

Os amigos e admiradores do Prof. Ulysses Pernambucano acabam de lhe prestar, em Recife, justificada homenagem, reunindo num volume trabalhos em que lhe exaltam a personalidade tão rica de attributos intellectuaes e moraes. Assim, em paginas cheias de intelligencia e affecto, falam do notavel psychiatra os Srs. José Lins do Rego, Heitor Carrilho, Olivio Montenegro, Annibal Fernandes, A. Austregesilo, Sylvio Rabello, Octavio de Freitas, Julio Bello, Ruy Coutinho, Gilberto Freyre e muitos outros, todos accordes na admiração que lhes merece o nome de Ulysses Pernambucano, aliás hoje com projecção por todo o paiz, dada a somma e o valor dos seus trabalhos scientificos.

«Huit Mois au Brésil» — Henri Tronchon.

«Huit Mois au Brésil» é o titulo dado por Henri Tronchon ao seu livro de impressões sobre o nosso paiz. Professor da Faculdade de Letras de Strasbourg, o autor passou oito mezes entre nós, contractado pela Universidade do Districto Federal. Durante este tempo porém, Henri Tronchon não se contentando em conhecer sómente a nossa capital, percorreu boa parte dos Estados do Rio, São Paulo, e Minas, indo até á Bahia, e tendo para tudo olhos investigadores e curiosos. O professor Tronchon conseguiu em seu livro dar uma synthese de tudo quanto observára, desde as paisagens tropicaes até os aspectos mais caracteristicos do nosso movimento intellectual. E tudo isso num estylo leve e interessante e que prende a attenção do leitor, deixando-o bem informado sobre tudo que diz respeito ao nosso paiz. Escrevendo este trabalho o Prof. Tronchon presta-nos um serviço de bastante valor, pois por seu intermedio muita gente ahi por fóra ficará conhecendo melhor o Brasil e delle tendo uma idéa um pouco mais precisa e verdadeira.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO O « BOLETIM DE ARIEL » NO ESTRANGEIRO

O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais injor-mativa possivel.

- Erico Verissimo — OLHAE OS LYRIOS DO CAMPO — Romance — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Aurelio Pinheiro — EM BUSCA DO OURO — Romance amazonico — A Noite Editora — Rio.
- Peregrino Junior — DOENÇA E CONSTITUIÇÃO EM MACHADO DE ASSIS — Livraria José Olympio Editora — Rio.
- Olivio Montenegro — O ROMANCE BRASILEIRO — Collecção «Documentos Brasileiros» — Livraria José Olympio Editora — Rio.
- F. M. Rodrigues Alves Filho — O SOCIOLOGISMO E O ROMANCE BRASILEIRO — Livraria José Olympio Editora — Rio.
- Monte Arraes — O ESTADO NOVO E SUAS DIRECTRIZES — Livraria José Olympio Editora — Rio.
- Castro Alves — ESPUMAS FLUCTUANTES — HYMNOS DO EQUADOR — OS ESCRAVOS — A CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO — 2 volumes — Editor Zelio Valverde — Rio.
- D'Almeida Victor — SALAZAR — Série «Figuras Contemporaneas» — Norte Editora — Rio.
- Hermes da Fonseca Filho — PINHEIRO MACHADO — Irmãos Pongetti Editores — Rio.
- Djacir Menezes — PREPARAÇÃO AO METHODO SCIENTIFICO — Bibliotheca de Divulgação Scientifica — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
- Oliveira Vianna — EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO — 3a. Edição — «Brasilianna» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- João Dornas Filho — O PADROADO E A EGREJA BRASILEIRA — «Brasilianna» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Pedro Calmon — O REI PHILOSOPHO: DOM PEDRO II — «Brasilianna» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Hermann Watjen — O DOMINIO COLONIAL HOLLANDEZ NO BRASIL — «Brasilianna» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Chiquinha Rodrigues — O BRAÇO ESTRANGEIRO — Discursos — São Paulo.
- Augusto de Sainte-Hilaire — VIAGEM PELAS PROVINCIAS DO RIO DE JANEIRO E MINAS GERAES — «Brasilianna» — 2 volumes — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- T. E. Lawrence — OS SETE PILLARES DA SABEDORIA — Companhia Brasil Editora — Rio.
- Luc Durtain — L'ETAPE NECESSAIRE — (1.º Volume de CONQUETES DU MONDE) — Librairie Flammarion — Paris.

EDIÇÕES PONGETTI

Não esmoreceu o gosto dos Irmãos Pongetti em lançar bons livros no mercado. Publicaram elles, com bastante exito, uma traducção da *Historia da Inglaterra*, de André Maurois. Deve-se-lhes mais um volume de poesias postumas de Luiz Delfino, *Rosas negras*. E tambem os novos não são esquecidos por esses editores cultos e esforçados. O sr. José Bezerra Gomes pôde agora tornar conhecido o seu romance de estréa, *Os brutos*, que os nossos leitores, já habituados a ver o nome desse nortista entre os collabores do *Boletim*, terão interesse em percorrer. O sr. Eudes Barros recorda, nas paginas do *Dexesete*, uma revolução que agitou longo tempo a alma pernambucana. E, finalmente, o sr. Luiz Monteiro de Barros, na collectanea intitulada *Filho do seculo*, mostra-se um desabusado chronicista da vida e do amor.

Florival Seraine — *Descartes* — Typographia União — Fortaleza.

Conferencia pronunciada na Sociedade Cearense de Geographia e Historia. Palavras entusiasticas a proposito do autor do *Discurso sobre o methodo*, que o sr. Florival Seraine considera um dos eternos mestres do espirito humano. Digno de attenta leitura o opusculo do conferencista patricio.

Tavares Franco — *A enchente* — Schmidt Editor — Rio.

Ha no sr. Tavares Franco uma forte ternura pelos assumptos rusticos de que trata. Embora meio antiquado de technica, sem ansias de originalidade no que concerne ao entrecho e ao dialogo, o narrador de agora faz-se ler correntemente, por isso que fala da natureza e dos costumes do campo com um ar bastante sincero, como quem não faz grande esforço para estimar a paisagem e a provincia.

E' com o maior prazer que aqui registramos duas sympathicas apreciações de periodicos estrangeiros sobre o BOLETIM DE ARIEL e sua missão de cultura.

O *Livro Americano*, publicação da Bibliotheca de Colombo da União Pan-Americana, de Washington, em sua secção de Livros Recebidos, assim se manifesta sobre esta Revista:

«O BOLETIM DE ARIEL, publicado mensalmente no Rio de Janeiro, sob a direcção de Gastão Cruls, é uma revista bibliographica de merito especial. Contem criticas sobre litteratura, arte, sciencia e livros recentes publicados no Brasil. Outras secções da revista dedicam-se ao cinema, á musica e discos phonographicos. O BOLETIM DE ARIEL conta já sete annos de existencia, tendo apparecido pela primeira vez em 1932. Para mais informações dirijam-se os interessados a: Ariel, Editora Ltda., Rua 7 de Setembro, 162-1º andar, Rio de Janeiro, Brasil. Preço no Brasil 2\$000».

Na rubrica *Publicações*, o «Commercio e Colonias», de Lisboa, de 8 de Junho, findo, accentua o papel do BOLETIM DE ARIEL no intercambio intellectual luso-brasileiro, assim se exprimindo:

«*Boletim de Ariel* é, sem duvida, uma das mais brilhantes e a mais influente revista de litteratura e critica do Brasil. A' sua frente estão Gastão Cruls, romancista e contista distinctissimo e Agripino Grieco, professor, critico e jornalista illustre, uma das mais brilhantes e independentes reputações litterarias da nação irmã.

Pois, *Boletim de Ariel*, que de longe vinha acompanhando attentadamente, com sympathia, a vida e actividade mental portugueza, no seu numero de Abril ultimo, pela inserção de muita e valiosa collaboração portugueza: artigo, estudos e poemas, tornou-se um verdadeiro órgão de aproximação intellectual luso-brasileira.

A collaboração portugueza do referido numero é subscrita por Teixeira de Pascoais, João de Barros, José Osorio de Oliveira, Augusto Casemiro, Adolpho Casaes Monteiro, Alberto Serpa, Carlos Queiroz, Francisco Bugalho e Antonio Bôto, sendo a brasileira de Renato de Almeida, Peregrino Junior, Paula Rodrigues, Renato Mendonça, Gastão Cruls, José Lins do Rego, Benjamim de Garay, Sérgio Soares, Adalgisa Nery, Aurelio Gomes de Oliveira, Josué de Castro.

O nosso contributo do *Boletim de Ariel para o intercambio intellectual luso-brasileiro* constitue uma verdadeira consagração do esforço em que, desde ha muito, andam empenhados alguns portuguezes e brasileiros que, não dispondo senão dos seus recursos da sympathia e influencia pessoal, delles tem tirado utilidades praticas para a aproximação dos dois paizes, que os esforços officiaes e academicos não têm conseguido. A intellectualidade portugueza fica devendo ao Boletim de Ariel e aos seus dirigentes, em que se conta tambem o jornalista Donatello Grieco, mais um alto serviço com que nos congratulamos, agradecendo ao mesmo tempo o envio da magnifica revista que quantos se interessam pela lingua portugueza e pela cultura luso-brasileira não podem deixar de lêr».

— Magnifico o estudo de J. Alazard consagrado a *Giotto*. O grande pintor italiano viveu numa época em que heroismo, genio e santidade floriavam por toda a parte. Retratou Dante Alighieri e teve noticia das façanhas de um Philippe o Bello. Particularidade curiosa do trabalho de J. Alazard é que procura pôr em destaque a influencia da França na arte de Giotto. No tempo deste a casa de Anjou possuia representantes que reinavam em Napoles e transitavam frequentemente pela Toscana. Davam então os fidalgos francezes festas sumptuosas, requintavam em espectaculos e cavalgadas que não iriam sem alvoroçar os artistas sensiveis a essas bellas composições plasticas. Além do mais, não faltaria quem falasse a um Giotto das cathedraes gothicas de Paris e proximidades, das suas esculpturas, dos seus porticos, dos seus vitraes delicadissimos, e referencias assim não deixariam de impressionar um tão fervoroso entusiasta da nobre pintura christã.

*Leia este empolgante panorama da Cidade Maravilhosa
no tempo dos lampeões de gás e dos poetas
bohemios do Café Bellas Artes !*

“ O Rio de Janeiro do Meu Tempo ”

LUIZ EDMUNDO

Formidável obra em 3 GROSSOS VOLUMES ilustrados com muitas gravuras em papel couché, grande formato, com mais de 1.200 páginas, Rs. 70\$000, em brochura.

● Reviva neste livro delicioso o Rio de Janeiro do começo do século, o Rio do Prefeito Passos, dos bonds de burro, da bohemia literaria, dos se-
resteiros e dos trocadilhistas, das actrizes roman-
ticas e das ruas estreitas ! O Rio de Janeiro in-
genuo e pouco barulhento, de simplicidade lyrica
e innocencia poetica — contraste chocante com
o Rio ruidoso de hoje, cheio de buzinas, arranha-
céos, avenidas largas e turistas apressados !!!

Á VENDA NA

Livraria Civilização Brasileira

Matriz : RUA 7 DE SETEMBRO, 162 — Rio de Janeiro

Filial : RUA 15 DE NOVEMBRO, 145 — São Paulo

E NA

LIVRARIA DO EDIFICIO ALHAMBRA

(ABERTA ATÉ AS 23 HORAS)

IMPORTANTE : No Rio entregamos á domicilio, pedidos pelos telefones : 22-6773 e 42-0390. No Interior atendemos pelo “SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL” que significa pagar quando o correio entregar.

MONTEIRO LOBATO

Amigo Leo Vaz:

Se V. gostou tanto da "HISTORIA DA FILOSOFIA", de Will Durant, vai babar-se agora com THE MANSIONS OF PHILOSOPHY, que traduzi como "FILOSOFIA DA VIDA", porque - quem entenderia, aqui, o titulo literal, AS MANSÕES DA FILOSOFIA ? E para a escolha do novo titulo baseei-me no proprio Durant, que começa o prefacio dizendo: "This book is an attempt at a consistent philosophy of life." ("Consistent !... Ingleses e americanos fazem grande uso desta palavra, para nós cada vez mais sem sentido ...)

Mas que livro, Jeremias ! Que repositorio da coisa mais escassa entre nós; sabedoria, bom senso ! E sabedoria moderna, isto é, rica de todas as finuras do espirito moderno - a ironia alegre, o aticismo entre grego e gaulês, as sutis indiretas á politicagem e á "bigotry". Um perfeito diabo, este Will Durant, um amenissimo Voltaire bem merecedor do tremendo sucesso de suas obras. Com a primeira, já posta em todas as linguas decentes e com tiragem, na America, pegando o milhão, ganhou ele mais que entre nós um genio do comercio que passa a vida a falsificar banha. E de tal modo seduziu o mundo, que a filosofia entrou em moda, é o "dernier cri" de hoje - ela, a coitada que, já toda teias de aranha, vivia esquecida no quarto de badulaques do pensamento humano.

E tão cotada ficou que os editores não tem mãos a medir no reeditar velhos filosofos, Kant, Spinoza, os gregos - todos ! Nas bibliotecas americanas a consulta de obras filosoficas subiuda 200% - e o mesmo se daria aqui... se tivéssemos bibliotecas.

E quanta razão ha para isso ! Vejo-o por mim. Já li este livro, sabe quantas vezes ? Seis ! A primeira, no original - e foi a revelação. Outra, ao traduzi-lo. Outra, ao corrigir minha tradução. Outra, ao rever as provas tipograficas. Outra, ao rever a primeira edição para a fatura da segunda. Outra, ao rever as provas da segunda. Seis - e não basta. Lerei dez, vinte. Quero ficar morando em Will Durant como na mais deliciosa das mansões !

E que millionario de ideias proprias ele é ! Faz a critica dos totalitarismos opressores do pensamento com estas palavras: "A liberdade de cultivar ideias falsas é o unico meio que temos de, ocasionalmente, conseguirmos uma verdadeira." Não é puro Voltaire ? E dá medida do seu aperfeiçoamento moral com estas: "Sempre que lutei, vi as resistencias redobram-se - mas sempre que amei venci". Não é puro Cristo ?

Sai da cobcha, ó caramujo, e espoja teu espirito neste tapete persa da superioridade mental - e deixa-te nele ficar. Quem entra em Will Durant e não fica, está fichado. Porque "though understanding no joy is alien to us" - e o realmente bom "is to sit at the feet of Plato in the City of God". É ou não é, ó caramujo ?

Monteiro Lobato

UMA COLLECCÃO DE LIVROS FUNDAMENTAES

PARA QUEM DESEJA FORMAR UMA BOA CULTURA

Bibliotheca de Divulgação Scientifica

Dirigida pelo Prof. Dr. ARTHUR RAMOS

A BIBLIOTHECA DE DIVULGAÇÃO SCIENTIFICA é uma collectanea de obras de autores nacionaes e estrangeiros, onde se debatem as grandes questões scientificas do momento. Divulgando os novos methodos scientificos que nos vêm de fora, em traduções rigorosamente controladas ou em vulgarizações por um autor nacional, a BIBLIOTHECA adaptará esses methodos aos problemas que dizem respeito directamente á nossa terra e á nossa gente.

Psychologia geral, ethnographia, anthropologia, sociologia... tudo será objecto de largos debates originaes, para a melhor comprehensão da nossa psyché collectiva. Editando obras de vulgarização e obras de fundo, a BIBLIOTHECA DE DIVULGAÇÃO SCIENTIFICA cumprirá o duplo fim a que se propõe: divulgação de conhecimentos e applicação dos mesmos ás multiplas questões abertas de nossa psychologia ethnica, e ainda dependentes de solução.

VOLUMES PUBLICADOS

- I — ARTHUR RAMOS — O Negro Brasileiro
- II — NINA RODRIGUES — O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos
- III — BASTOS DE AVILA — Questões de Antropologia Brasileira
- IV — ARTHUR RAMOS — O Folc-Lore Negro do Brasil
- V — JOSUÉ DE CASTRO — Alimentação e Raça
- VI — OCTAVIO DOMINGUES — Hereditariedade e Eugenia
- VII — EDISON CARNEIRO — Religiões Negras
- VIII — RUY COUTINHO — Valor Social da Alimentação
- IX — GILBERTO FREYRE E OUTROS — Novos Estudos dos Afro-Brasileiros
- X — RENATO MENDONÇA — O Português do Brasil
- XI — ALFREDO BRANDÃO — A Escripca Prehistorica do Brasil
- XII — ARTHUR RAMOS — As Culturas Negras no Novo Mundo
- XIII — GONÇALVES FERNANDES — Xangôs do Nordeste
- XIV — EDISON CARNEIRO — Negros Bantus
- XV — MANOEL QUERINO — Costumes Africanos no Brasil
- XVI — DJACYR MENEZES — Preparação ao Methodo Scientifico

PROXIMAS PUBLICAÇÕES

- NINA RODRIGUES — As Collectividades Anormaes
VARIOS AUTORES — O Negro no Brasil (Trabs. apres. ao 2.º Congresso Afro-Brasileiro)
GONÇALVES FERNANDES — O Folc-Lore Magico do Nordeste
ARTHUR RAMOS — Negros Escravos

Algumas opiniões sobre a

«Bibliotheca de Divulgação Scientifica» :

...é um clarão novo cada volume que vae apparecendo da *Bibliotheca de Divulgação Scientifica*.

J. Alves Correia, «Seara Nova» (Lisboa)

...Bella obra de divulgação.

Ademar Vidal

...excellent collection...

«Journal of Nervous and Mental Disease» (New York)

Com a *Bibliotheca de Divulgação Scientifica*, a Civilização Brasileira, S. A. amplia magnificamente as suas actividades culturais.

«O Cruzeiro» (Rio)

Dessa *Bibliotheca*, effectivamente, me orgulho. Ella foi uma prova de que é possivel fazer-se obra editorial com orientação cultural, mesmo no terreno da especialização ethnographica.

Ribeiro Couto.

...important *Bibliotheca de Divulgação Scientifica* which is doing such inestimable service to the cause of Negro reivindicacion.

«Opportunity» (New York)

...admiravel *Bibliotheca de Divulgação Scientifica*... cujo valor só pode ser comparado ao da colleccão *Brasiliana*, da Companhia Editora Nacional.

«Diario Carioca» (Rio)

A Collecção de Arthur Ramos na Civilização Brasileira Editora é hoje das melhores coisas do nosso mercado de livros.

Jorge Amado

A *Bibliotheca de Divulgação Scientifica* conquista successo extraordinario em cada livro que edita.

«A Nação» (Rio)

...importante *Bibliotheca*...

Atilio Garcia Mellid (Buenos Aires)

Em todas as livrarias e na **LIVRARIA CIVILIZAÇÃO**

RUA 7 DE SETEMBRO, 162

RIO DE JANEIRO

Collecção "BRASILIANA"

Ultimas publicações na grande bibliotheca de cultura
editada pela COMPANHIA EDITORA NACIONAL

POPULAÇÕES MERIDIONALES DO BRASIL —
Oliveira Vianna — 4.^a edição, Vol. 10,

A grande obra de Oliveira Vianna, em que elle estuda a formação das populações ruraes do sul do Brasil, ligando-as pela mesma significação politica, observando-as de maneira aguda e poderosa, entra em sua 4.^a edição.

E' a consagração do publico, atravez de sucessivas edições, a uma obra que já merecera a consagração de todas as correntes do pensamento brasileiro, e da qual dissera «Ingenieros constituir» um verdadeiro monumento «que honra a la cultura de todo el continente».

Para a perfeita comprehensão do passado, a investigação scientifica arma, hoje, os estudiosos, com um completo systema de methodos e de instrumentos que permitem, quando bem utilizados, resultados de perfeito rigorismo e certa exatidão. Oliveira Vianna soube, melhor que ninguem, utilizar essas armas de reconstrução do nosso passado social: a força da sua obra, da qual este livro é um dos momentos mais altos, atesta-o de maneira insofismavel. Broch: 12\$000.

EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO — *Oliveira Vianna* — 3.^a edição, Vol. 10.

Os trabalhos de pesquisa social de Oliveira Vianna, desdobram-se, neste livro, de maneira panoramica. Aqui ele estuda, como o indica o proprio titulo, a evolução do povo brasileiro. Mas evolução total, em todos os sentidos: evolução social, evolução ethnica, evolução politica. Livro cujo primeiro apparecimento data de alguns annos, foi elle objecto de vivas controversias que só fizeram, com o passar do tempo, pelo desmentido que o tempo lhe trouxe, formar para o grande livro do illustre sociologo brasileiro um verdadeiro plano de contraste, onde a sua verdade scientifica e o seu conteúdo cultural se projetam de maneira vivissima.

Aqui se estuda desde as questões geraes de sociologia, principalmente em face das modernas modificações operadas no corpo dessa ciencia, até a significação ethnica, social e politica da nossa vida social.

Trata-se da reedição de um livro de valor excepcional para a cultura brasileira, livro de profunda significação neste momento da nossa historia.

Broch: 12\$000.

O REI FILOSOFO — *Pedro Calmon* — Vol. 120.

A graça, a erudição historica, os dons literarios assim como pesquisa, já armaram ha muito tempo, Sr. Pedro Calmon, um dos nossos maiores historiadores. O jovem academico é, por certo, detentor de um grande publico, que soube conquistar pelo bom gosto da sua actividade literaria, e carrega a responsabilidade de um grande nome, que ele ilustra e enobrece.

Agora mesmo, em «O rei filosofo», Pedro Calmon evidencia e expõe, mais uma vez, os seus raros dons. O livro é a biografia de Pedro II, cujo reinado encheu grande parte dos ultimos cem annos da historia brasileira. Esse principe sabio e cauto, como delle diz Pedro Calmon, foi, de começo, o pequeno e jovem

imperador conduzido como um barco sem governo, na costa das ondas que os regentes impeliam.

Não tinha idade ainda, diziam. Falavam por ele. Faziam, por ele. Mas um dia elle se armou, e veio ser o Imperador do Brasil aos dezeseite annos, e por mais de meio seculo orientou, com um equilibrio excepcional, com um bom senso illimitado, com uma sabedoria larga, um dos maiores reinados da Historia.

«O rei filosofo» é o retrato do grande imperador. E, por certo, um desses livros cuja leitura é um dever de intelligencia que todos saberão cumprir.

Broch: 12\$000.

O PADROADO E A IGREJA BRASILEIRA —
João Dornas Filho — Vol. 125.

O livro do historiador João Dornas Filho, é da mais palpitante actualidade. Ele traça, a bem dizer, a historia comentada da igreja no Brasil, fixando os contornos mais vivos do que tem sido a existencia da egreja e do clero em nosso paiz.

Somos uma Nação de estrutura catholica, nutrimos, sempre, do melhor alimento cristão, que está na nossa formação social e até nos mais recentes instantes da nossa vida.

O livro do sr. João Dornas Filho, estudando o direito do padroado no Brasil, a confirmação do Bispo do Rio de Janeiro, a questão dos Bispos, a missão á Roma, e outros aspectos do palpitante problema, vem de encontro á mais viva curiosidade e ao maior exito.

Broch: 10\$000.

OS INDIGENAS DO NORDESTE — *Estevão Pinto* — Vol. 112.

O interesse pela cultura indigena do Brasil, assunto que parecia esquecido, volta a interessar os nossos homens de cultura, notando-se, de 1934 para cá, um acentuado pendôr por estas pesquisas.

Ao lado de Roquette Pinto, Angione Costa e outros eminentes estudiosos desse palpitante problema situa-se sem duvida nenhuma, o prof. Estevão Pinto, com a publicação desta parte final do seu trabalho sobre «Os indigenas do Nordeste». O 1.^o volume já surgio ha muitos mezes. Agora, neste 2.^o volume da sua erudita obra, o dr. Estevão Pinto estuda, principalmente, a vida economica, as creanças religiosas, e outros aspectos sociaes do viver do indigena brasileiro. Trata-se de um livro de solida estrutura, onde o seu autor retrata a cultura indigena do nordeste, fazendo obra de densa solidez, digna da «Brasiliana», onde passará a figurar ao lado da «Rondonia», da «Introdução á Arqueologia Brasileira», dos livros de Couto Magalhães e de outras obras que a Cia. Editora Nacional tem editado sobre a cultura indigena brasileira.

O trabalho do prof. Estevão Pinto — «Os indigenas do Nordeste» — em dois volumes, está, portanto, oferecido ao publico brasileiro. E é um motivo de justo orgulho para todos os que se interessam pelo desenvolvimento da cultura em nosso paiz: é alguma coisa de muito significativo lançado em territorio cultural que tão poucos palmilham entre nós.

Broch: 12\$000

EDIÇÕES DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo

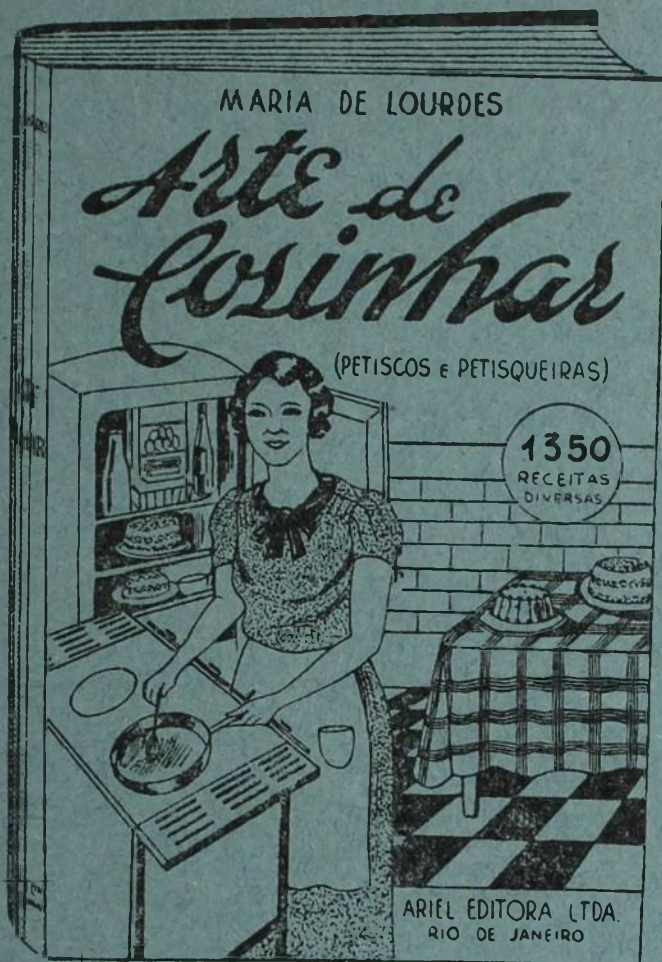
— Rio de Janeiro

— Recife

— Bahia

— Porto Alegre

O mais completo Livro de Cosinha



EXMAS. SNRAS.

Ampliae os vossos conhecimentos adquirindo este precioso livro.

Diferente de todos os outros, pela sua forma pratica em descrever os conteúdos das receitas, e a sua manipulação.

Mil trezentas e cinquenta

:: :: receitas diversas :: ::

CLARAS

SIMPLES

EFFICIENTES

Cem diversas receitas para Dieteticos e especiaes pratos nortistas

A arte de cosinhar complexa nas suas variadas formas, foi estudada por D. Maria de Lourdes Costa, professora, diplomada em arte culinaria, que desejando contribuir para engrandecer os conhecimentos das Snras. donas de casa neste «metier», apresenta o livro de cosinha de sua autoria contendo 1354 receitas diversas, experimentadas, para a manipulação do seguinte:

Hors d'oeuvres	Ovos	Bolos
Canapés	Legumes	Tortas
Sandwiches	Massas	Pudings
Mólhos	Licores	Molhos para pudings
Sopas		Cremes
	Refrescos	Molhos para cremes
Peixes	Sundays	
Mariscos	Sorvetes	Docinhos diversos
Crustaceos	Aperitivos	Brôas
	Cooktails	Pães
	Punches	Pãezinhos
Carnes	Toddys	Bolachas
Caças	Egg-Noggs	Rosquinhas
Aves	Fizzes	Etc. Etc. Etc.

ARTE DE CONFEITAR

Sobre este importante trabalho encontra-se no livro A ARTE DE COSINHAR, além das necessarias explicações, diversos desenhos das machinas e ferros para este fim, e suas applicações.

Sobre este util ensinamento que quasi todas as professoras de arte culinaria fazem «grande segredo profissional», D. Maria de Lourdes Costa, descreve em seu livro A ARTE DE COSINHAR, o mais perfeito METHODO DE CONFEITAR, podendo qualquer pessoa em sua casa, fazer doces, biscoutos, etc., saborosos e lindos, iguaes aos das confeitarias de primeira ordem.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

Volume cartonado 14\$000

PEDIDOS A'

CIVILIZAÇÃO BRAZILEIRA S/A

Rua Sete de Setembro n.º 162 — Rio de Janeiro

COLEÇÃO "SIP" MEIO MILHÃO DE VOLUMES PUBLICADOS



CADA VOLUME

EM TODAS AS LIVRARIAS E NA
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - RUA 7 DE SETEMBRO 162 - RIO